



Flávia Maria Cabral de Almeida

**A questão dos “limites”
em escolas de contexto urbano e rural
e a atuação do psicólogo**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da Puc-Rio.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Novaes Mira

Rio de Janeiro
Janeiro de 2005



Flavia Maria Cabral de Almeida

A questão dos “limites” em escolas de contexto urbano e rural e a atuação do psicólogo

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Maria Helena Novaes Mira
Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^a. Andrea Seixas Magalhães

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^a. Vera Maria Ramos de Vasconcellos
Centro de Educação e Humanidades - UERJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, / /2005

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Flávia Maria Cabral de Almeida

Graduou-se em Psicologia pela UFF (Universidade Federal Fluminense) em 2001, onde foi bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq, monitora e bolsista treinamento. Na UFF, participou de um curso de extensão sobre dificuldades de aprendizagem. Apresentou trabalhos em vários congressos de psicologia. É psicóloga da Secretaria de Educação do município de Rio Bonito/RJ e de uma escola em Niterói/RJ, onde presta assessoria e desenvolve projetos junto aos professores, alunos e demais participantes da comunidade escolar.

Ficha catalográfica

Almeida, Flávia Maria Cabral de

A questão dos “limites” em escolas de contexto urbano e rural e a atuação do psicólogo / Flávia Maria Cabral de Almeida ; orientadora: Maria Helena Novaes Mira. – Rio de Janeiro : PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2005.

127 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia .

Inclui referências bibliográficas

1. Psicologia – Teses. 2. Escola. 3. Família. 4. Contexto rural e urbano. 5. Psicólogo escolar. I. Mira, Maria Helena Novaes. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia . III. Título.

CDD: 150

*Para Eliza, Lilian, Laíssa, Luciano e Matheus,
que me fazem experimentar formas inúmeras de “limites”*

Agradecimentos

A Deus, companheiro inseparável;

A minha irmã Andréa, que me ensina o respeito às diferenças através dos seus olhos que sorriem;

À Suely, pela amizade de longa data e pelas inúmeras formas de ajuda que se fizeram presentes antes e durante a dissertação. E principalmente, pelas palavras de incentivo, críticas e sugestões;

À Maria Helena Novaes Mira, por, dentre tantas lições, me mostrar que “existe vida” durante e depois do Mestrado;

À Vera Maria Ramos de Vasconcellos, pela oportunidade de participar em uma pesquisa durante a graduação de Psicologia na UFF. E também pelos sorrisos que tanto amenizaram os momentos tensos desses últimos dois anos;

À Secretária de Educação do município de Rio Bonito no período das entrevistas (2004), Rita de Cássia A. B. Martins Gomes, por acolher esse trabalho;

Às professoras entrevistadas, pela atenção dispensada em meio ao corre-corre das aulas, e pela possibilidade de compartilhar experiências e dúvidas acerca dos “limites”;

À Equipe Multidisciplinar da SMEC de Rio Bonito, especialmente à Ester (coordenadora) e Cláudia, que desfizeram os entraves burocráticos para a realização das entrevistas; e Ana Cláudia, pelas sugestões e incentivo;

À Luzia, assistente social da Equipe, pela amizade, escuta atenta e propostas de trabalho em conjunto sobre “limites”;

Às diretoras e OE das escolas participantes, por disponibilizarem espaço e tempo para que as professoras pudessem conceder as entrevistas;

Ao Flávio, meu cunhado, ‘salva-vidas’ do meu computador, dispondo-se a consertá-lo mesmo quando não tinha tempo para isso;

Ao Marcelo e a Micheline, amigos da última hora;

À PUC-Rio, pela concessão da bolsa VRAC.

Resumo

Almeida, Flávia Maria Cabral de. **A questão dos “limites” em escolas de contexto urbano e rural e a atuação do psicólogo**. Rio de Janeiro, 2005. 127 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A questão dos “limites” vem ganhando espaço no cotidiano de inúmeras escolas, requisitando a intervenção do psicólogo escolar. O objetivo do presente trabalho foi verificar como um grupo de vinte professoras do município de Rio Bonito/RJ utiliza os discursos vigentes sobre “limites” em escolas de contexto urbano e rural. A bibliografia contemplou autores que abordavam assuntos ligados aos “limites”, às transformações pelas quais passa o mundo contemporâneo e à mútua influência nas práticas educacionais, na escola, na família. Através de entrevista, gravada e transcrita, cada professora forneceu uma definição para “limites”, além de descrever suas experiências relacionadas ao tema, que diziam respeito à importância de colocar “limites” na escola, às estratégias desenvolvidas, às dificuldades encontradas, às características de um aluno “sem limites”, bem como aspectos da relação com a família dos alunos. A análise se baseou em sete tópicos, retirados das perguntas formuladas. As vivências relatadas pelas professoras indicam que o psicólogo escolar, ao lidar com “limites”, deve considerar as concepções de “limites” subjacentes à demanda que lhe é dirigida e incluir as especificidades da comunidade escolar situada em um contexto urbano ou rural.

Palavras-chave

Limites; escola; família; contexto rural e urbano; psicólogo escolar.

Abstract

Almeida, Flávia Maria Cabral de. **The question of “limits” in urban and rural schools and the work of psychologist**. Rio de Janeiro, 2005. 127 p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

“Limits” are questions that take place nowadays in many schools. It frequently requires the intervention of the school psychologist. The objective of this work was to verify how a group of twenty teachers from Rio Bonito/RJ use current speeches about “limits” in urban and rural schools. The bibliography was based on authors that approach subjects about “limits”, changes in contemporary world and reciprocal influence in educational practices, school and family. By interview, recorded and transcribed, each teacher gave her definition of “limits”. She also described her experiences about the theme, relating the importance of putting “limits” in school, developed strategies, difficulties met, characteristics of limitless student as well as aspects of the relations with the students’ family. The analysis were based on seven topics taken from formulated questions. Experiences related by teachers suggest that to work with “limits”, school psychologist should consider the conceptions of limits presented on demand for him, including peculiarities in community school situated in urban or rural setting.

Keywords

Limits; school; family; rural and urban setting; school psychologist.

SUMÁRIO

Introdução	09
-------------------	----

PARTE I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Capítulo I – Globalização, pós-modernidade, escola e família: considerações sobre a “rede” onde se encontram as crianças sem “limites”	14
1.1. Instabilidade, diversidade e consumismo: palco das relações humanas na contemporaneidade	14
1.2. Desafios na escola contemporânea	20
1.3. Participação da família na escola pública	26
Capítulo II – “Limites”: perspectivas dentro de uma ótica pluridimensional	33
2.1. “Limites” para a formação da cidadania	33
2.2. Três dimensões para a noção de “limites”	36
2.3. “Limites” e autonomia	40

PARTE II – INVESTIGAÇÃO DE CAMPO

Capítulo III – Procedimentos metodológicos	44
Capítulo IV – Análise da fala das professoras	47
4.1. O que são “limites”?	47
4.2. Colocar “limites” na escola... por quê?	49
4.3. “Limites”: responsabilidade de quem?	53
4.4. Relação família e escola face aos “limites”	54
4.5. Estratégias utilizadas pelas professoras	57
4.6. Impasses surgidos ao colocar “limites”	60
4.7. “Perfil” do aluno “sem limites”	64
Conclusões	66
Referências bibliográficas	72
Anexos	76

INTRODUÇÃO

“Limites”: por que e para quê?

“Essas crianças estão sem limites!”, “Precisamos colocar limites nas crianças!”, “Sem limites, a criança não alcançará a cidadania”, “Esses adolescentes são assim porque os pais não sabem dar limites”, “Nós, professores, como educadores, também devemos colocar limites nos nossos alunos”. São inúmeras as declarações sobre “limites” e quase todas têm uma íntima relação com a educação de crianças e adolescentes. Algumas declarações são feitas em tom reprovador a respeito das relações humanas, empunhando a bandeira do “no meu tempo...”. Outras declarações são feitas em forma de orientações aos pais e professores para saberem colocar “limites” nas crianças e adolescentes.

É interessante constatar que para falar sobre “limites” temos profissionais de todas as áreas: educadores, pedagogos, psicólogos, psicanalistas, jornalistas, pediatras... enfim, “limites” se tornou um tema bastante comum. O que leva tantas pessoas a escreverem sobre esse tema? Uma preocupação com a sociedade? Uma preocupação com as crianças, o futuro da nação (esse discurso não parece novidade)? Ou talvez interesses que não são isentos de uma finalidade financeira.

O que os escritores e especialistas têm em comum é que colocar “limites” é algo que as crianças precisam para lidar com outras pessoas. A palavra “respeito” vem subentendida quando se trata de “limites”: respeito ao outro, respeito mútuo. Respeito seria, então, o que falta nas relações interpessoais. Um requisito tão importante, que merece uma mobilização geral para que isso possa ser restaurado.

Deixemos de lado as considerações exageradas sobre o alcance de se colocar “limites” para o bem da sociedade, para chamarmos a atenção para um fato que não pode passar despercebido, o qual já citamos: a razão pela qual tantas pessoas se dedicam a um mesmo assunto sob diferentes ângulos. Em que pese as justificativas para tanto, o tema é atual e a importância conferida nos últimos anos é um dos motivos que nos levou a debruçarmos sobre ele.

De um modo geral, as várias questões que surgem envolvendo os “limites” encontram maior repercussão na instituição escolar e familiar, locais responsáveis,

na nossa cultura, por proporcionar o desenvolvimento das crianças em diferentes aspectos. Nessa dissertação, analisamos o tema dos “limites” focalizando nosso interesse na instituição escolar. Duas razões se deram para a escolha dessa instituição e não estendermos nossa discussão ao campo da instituição familiar. A primeira é pela motivação que originou esse trabalho, que surgiu a partir das vivências da autora como psicóloga da rede municipal de educação de Rio Bonito¹. Desde 2002, convivemos com questões típicas que são dirigidas a um profissional de psicologia: dificuldades de aprendizagem e problemas relacionados ao comportamento. Chamou-nos a atenção o fato de inúmeros alunos apresentarem o diagnóstico de que “não têm limites” e nos serem feitos pedidos de intervenção: seja diretamente ao aluno, seja com os seus familiares ou ainda com os professores.

A segunda razão, por sua vez, diz respeito à própria instituição escolar, lugar que representa um campo aberto aos debates sobre os “limites”. A origem dessa instituição se encontra vinculada a questões da moralidade, conforme nos indica Silva (1995)

Historicamente, a gênese da escola está mais ligada à sua constituição como um dispositivo de governo e regulação moral dos indivíduos e populações do que a supostas funções de socialização de uma cultura comum. As funções cognitivas e instrucionais da escola sempre tiveram subordinadas às suas funções de controle e regulação moral. (p. 202)

Dentro desse enquadre, surge o nosso objetivo, que é verificar de que forma um grupo de professoras utiliza as concepções sobre “limites” no cotidiano da sala de aula, seja em contexto urbano ou rural. De todos os profissionais presentes em uma instituição escolar, selecionamos os professores como sujeitos privilegiados da nossa pesquisa, pois acompanham os acontecimentos diários da instituição. Os demais profissionais também estão presentes diariamente, entretanto, ouvir os professores ganhou uma relevância maior porque estão com sua atenção profissional voltada para a educação propriamente dita, conseqüentemente, estão em contato direto com essas crianças por um período de tempo maior e, além disso, porque são geralmente eles que fornecem os diagnósticos de alunos “sem limites”.

¹ Município localizado a 80 km do Rio de Janeiro, na Região da Baixada Litorânea. Possui três distritos: Rio Bonito, Boa Esperança e Basílio.

Na análise que propomos, a questão dos “limites” não é um problema único e exclusivo do aluno, tampouco queremos repassar a culpa pelo problema para os professores ou os familiares dos alunos, mas é algo que se dá nas múltiplas redes de interação que vão se formando na instituição escolar. Por isso, demos um destaque ao contexto onde surge a demanda de “limites”, recusando um reducionismo no nível do indivíduo.

O grupo de professoras pertence a escolas da rede pública e, conseqüentemente, encontramos experiências oriundas de diversas realidades. Delimitamos duas dessas realidades, tomando como ponto de distinção a sua localidade dentro do município, a saber: a área rural e a área urbana. Denominamos de área rural, o local onde a escola está situada em que predominam a agricultura e a pecuária; já a área urbana compreende o centro do município ou do distrito.

Introduzir questões sobre a área rural se torna importante uma vez que o senso comum afirma que o ambiente rural não necessitaria da intervenção de um psicólogo, pois se trata de um local tranqüilo, onde seus habitantes não convivem com a correria do dia a dia, o trânsito caótico e a violência dos grandes centros urbanos. No entanto, o psicólogo vem sendo cada vez mais requisitado para prestar seus serviços nesses lugares, como atestam, por exemplo, os concursos públicos que vêm sendo realizados em vários municípios do interior do Estado do Rio de Janeiro.

É fato que o fenômeno da globalização diminuiu alguns tipos de fronteiras, acelerando o tempo de giro das informações e do trânsito entre os lugares. A princípio, uma diferença radical não seria encontrada. Devemos considerar, entretanto, que esse fenômeno também deu visibilidade à diversidade cultural. Dessa forma, encontramos concepções e atitudes arraigadas na cultura que não se consegue apagar, mesmo com a diminuição das fronteiras de um mundo globalizado.

Apesar das especificidades culturais, as análises contidas nessa dissertação poderão ser utilizadas em outros contextos. Procuramos verificar como um grupo de professoras apreende os discursos veiculados sobre “limites”, articula-os com os próprios discursos e os aplica na sua realidade escolar, seja urbana ou rural. Entendemos que “toda mensagem carrega com ela um pouco das características de quem a passou e será recebida de acordo com as características do receptor. (...) não existe mensagem pura, ela será sempre de acordo com seu transmissor e

receptor.” (Vasconcellos e Valsiner, 1995, p. 21). Os discursos sobre “limites” apreendidos tornam-se parte integrante da própria pessoa. Ao responder à entrevista que formulamos para obtermos os dados para a análise, a professora não falou somente por si mesma, mas foi porta-voz de inúmeros discursos que se mesclaram, vindo de outros tempos e lugares.

Essa dissertação foi fruto das inquietações surgidas no trabalho com professores e familiares, onde “limites” tinham presença marcante em reuniões, palestras e intervenções. O desejo de atravessar a dicotomia teoria-prática movimentou e impulsionou a concretização de uma investigação que trouxe não somente respostas, mas possibilitou a formulação de novas perguntas.

Concordamos com Novaes (1999) quando afirma que

(...) as propostas do trabalho do psicólogo em educação só serão viáveis se forem lastreadas por sólidos conhecimentos associados às realidades dos contextos socioeducativos, devendo ajudar os agentes e as instituições educacionais a buscarem caminhos possíveis, trazendo à tona o significado psicológico do ato pedagógico, das relações educativas, pedagógicas e de produção. (p. 78)

A presente dissertação acabará trazendo uma contribuição para a psicologia e a educação, através da interface desses dois campos. Elaboramos este trabalho de acordo com uma perspectiva interdisciplinar possível, em sintonia com o momento presente, onde se procura romper com os “limites” entre as disciplinas.

Parte I

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

CAPÍTULO I

Globalização, pós-modernidade, escola e família: considerações sobre a “rede” onde se encontram as crianças “sem limites”

1.1. Instabilidade, diversidade e consumismo: palco das relações humanas na contemporaneidade

*Corra, não pare, não pense demais
Repare essas velas no cais
Que a vida é cigana
É caravana
(Alceu Valença/ Geraldo Azevedo; Caravana)*

A literatura em geral trata os “limites” necessários à educação das crianças segundo uma perspectiva de respeito mútuo. “Limites” são, basicamente, restrições às ações para que prevaleça o respeito entre as pessoas. Essa perspectiva contempla uma preocupação com os rumos que a humanidade vem tomando na contemporaneidade.

Antes de nos dedicarmos aos “limites” em si, recorreremos a uma análise da conjuntura sócio-política e seu impacto no sujeito contemporâneo no contexto da educação, incluindo a instituição escolar e familiar, dando mais destaque à primeira. A partir dessa análise, apresentaremos alguns autores que tiveram como tema os “limites” referentes à educação de crianças ou temas transversais que possam nos auxiliar em nossa discussão.

O que desenvolveremos a seguir, baseia-se nos argumentos de David Harvey (1992) no que ele denominou “condição pós-moderna”, que configura o momento no qual estamos. Segundo Harvey, a Modernidade e a Pós-modernidade não se deram em um vazio social, político ou econômico, mas são uma reação às condições de produção, acumulação e consumo. Ele expõe a tese de uma Modernidade fundamentada no modelo fordista de produção e de uma Pós-

modernidade baseada no modo de acumulação flexível. Ou seja, para o autor, as mudanças descritas na sociedade são repercussões do modo capitalista de produção. A influência do capitalismo é encontrada em diversos setores. Nas palavras do próprio autor, a pós-modernidade “vem determinando os padrões do debate, definindo o modo do ‘discurso’ e estabelecendo parâmetros para a crítica cultural, política e intelectual” (p. 9). Acrescentaríamos que a pós-modernidade indica parâmetros para a ética, inclusive. Concordamos, portanto, com autores que serão citados adiante, inclusive com Harvey, apesar de a ética não ser a sua preocupação primordial.

Harvey traça uma diferença entre a Modernidade e a Pós-modernidade. No caso da Modernidade, prevalece a premissa do progresso linear, das verdades absolutas com a padronização do conhecimento e da produção. A Pós-modernidade enfatiza a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras, sendo o seu marco a fragmentação, a indeterminação e a desconfiança dos discursos que se pretendem universais ou totalizantes – as chamadas metanarrativas – que apagavam as diferenças, a alteridade e a preocupação com o outro. Nesse ponto encontramos uma fundamentação para a denominada crise dos paradigmas, que nos auxiliará nas considerações acerca da instituição escolar explicitadas adiante.

Ao retomar as postulações de Harvey, encontramos seu esclarecimento de que o efêmero, o fragmentário, o descontínuo e o caótico também fazem parte do conceito de Modernidade. A diferença, porém, entre a Modernidade e a Pós-modernidade reside em que esta última não procura se opor aos termos citados, nem mesmo definir os elementos internos e imutáveis que poderiam estar contidos nesses mesmos termos.

O incremento do capitalismo no período da Modernidade gerou a criação de novos desejos e necessidades, com o objetivo de alcançar mais lucro. Esse crescimento teve como resultado

a exarcebação da insegurança e da instabilidade, na medida em que massas de capital e de trabalho vão sendo transferidas entre linhas de produção, deixando setores inteiros devastados, enquanto o fluxo perpétuo de desejos, gostos e necessidades do consumidor se torna um foco permanente de incerteza e de luta. (1992, p. 103)

Com isso, o sistema capitalista imprimiu uma outra relação entre espaço e tempo. Buscam-se novos mercados, novas fontes de matéria-prima e força de trabalho. A mudança constante de local reduz as barreiras espaciais rumo à concretização de um mercado mundial, que coloca os indivíduos em contato direto com diferentes povos e prevê a redução do tempo de giro do capital.

A “acumulação flexível”, como nomeia o autor, vai de encontro à rigidez típica do fordismo, pois se baseia na flexibilidade dos processos de produção, dos mercados de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo. Além disso, a acumulação flexível envolve a “compressão do tempo-espaço” no mundo capitalista.

Com a expressão “compressão tempo-espaço”, o autor pretende indicar “processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos” (1992, p. 219). Essa definição está permeada pela influência do capitalismo, cuja história, para Harvey, tem como característica a aceleração do ritmo da vida e a superação das barreiras espaciais.

A aceleração do tempo de giro do capital apresenta inúmeras conseqüências, dentre as quais, as influências nas maneiras pós-modernas de pensar, de agir e de sentir. O modo mais flexível do capital acentua o novo, o fugidio, o efêmero, o fugaz e o contingente da vida moderna.

Para nossa pesquisa, interessa saber que uma dessas influências é a volatilidade e efemeridade das idéias e valores. Além disso, vale ressaltar que a Pós-modernidade rejeita a idéia de progresso, abandonando o sentido de continuidade e memória histórica – mais um fator que contribui para o pouco esforço para sustentar a continuidade de valores e crenças. Citando os efeitos na produção de mercadorias, Harvey destaca a ênfase nos valores e virtudes da descartabilidade. Isso não significa somente o descarte dos bens produzidos, mas também o descarte de valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego às coisas, lugares e modos adquiridos de agir e ser. Sendo assim, como Harvey salienta, são nos períodos de “fragmentação e insegurança econômica que o desejo de valores estáveis faz surgir uma ênfase intensificada na autoridade das instituições” (1992, p. 161), tais como a família, a religião e o Estado, consoante o momento pelo qual passamos, de uma valorização dessas instituições.

Zigmunt Bauman (1999) é um outro autor que utilizamos para pensar a contemporaneidade, através do que definiu como globalização. Ao contrário de Harvey, que indica uma transformação da Modernidade para Pós-modernidade, Bauman afirma uma Modernidade dividida em dois períodos: uma sociedade de produtores, da fase industrial e uma sociedade de consumo, na qual estamos.

Os membros da sociedade de produtores, como o nome indica, eram engajados na produção; a sociedade atual engaja seus membros no consumo. Não houve uma passagem abrupta de um tipo de sociedade para outra, afinal, nas duas sociedades os membros deveriam consumir. A diferença, portanto, entre esses dois períodos da Modernidade, para Bauman, se refere à ênfase e prioridades, recaindo na atual sociedade, o consumo e não a produção. O autor acrescenta que “essa mudança de ênfase faz uma enorme diferença em praticamente todos os aspectos da sociedade, da cultura e da vida individual” (1999, p. 88).

Nessa sociedade de consumo articulam-se a tecnologia compressora do tempo, privilegiando o “agora” e a economia voltada para o consumidor. A lógica da economia é orientada para que a satisfação do consumidor seja instantânea: “os consumidores são primeiro e acima de tudo acumuladores de sensações; são colecionadores de coisas apenas num sentido secundário e derivativo” (1999, p. 91). No mundo globalizado, esse consumidor deve estar em constante movimento, em busca da satisfação que precede à necessidade. O indivíduo na sociedade de consumo é insatisfeito, impaciente, não concentra o desejo sobre determinado objeto por muito tempo. O desejo deve ser realizado no aqui - agora, assim, “o efeito de ‘tirar a espera do desejo’ é tirar o desejo da espera” (1999, p. 87).

Bauman chama a atenção para o fato de esse consumo ter a aparência de um livre exercício de vontade própria. Os consumidores têm a opção de escolher qualquer um dos objetos oferecidos, mas não têm a opção de não escolher qualquer um.

A globalização produz um rápido empobrecimento, segundo Bauman, que atinge a qualidade de vida do indivíduo no que concerne às condições de vida e moradia, além de propiciar a doença, a agressão, o analfabetismo, a ausência de perspectivas para o futuro, bem como o enfraquecimento dos laços sociais.

Esse empobrecimento reside no que Plastino (1994) explicita sobre o fracasso das diversas modalidades de organização social. Fracasso no sentido da

“incapacidade de organizar a sociedade em torno dos objetivos de solidariedade, igualdade e liberdade” (p. 43). O fracasso, por exemplo, reside nos índices de desemprego, marginalização e deteriorização dos serviços públicos, incluindo as áreas de Saúde e de Educação, bem como a quebra dos valores solidários, que se manifesta na falta de respeito ao “outro”. Se por um lado, o esfacelamento das fronteiras, com a globalização, propiciou a emergência da diversidade; por outro lado, esse “outro” é cada vez mais considerado como aquele que, por nos causar incômodo, deve ser banido, ignorado e até mesmo destruído.

A instabilidade do momento atual produz pessoas preocupadas em se proteger, buscar um abrigo num mundo que não oferece segurança e tranquilidade. A insegurança generalizada produz a preocupação com a lei e a ordem que são oriundas, segundo Bauman, “da remoção de restrições que tolhem o exercício da livre escolha que gera os sentimentos amplamente difundidos de medo e ansiedade” (1999, p. 124).

Através de uma outra perspectiva, o psicanalista Jean-Pierre Lebrun afirma que vários problemas da contemporaneidade têm sua origem na destruição ou mesmo no desaparecimento dos eixos de referência, o que ocorre na evolução da estrutura familiar como na dos saberes. Justamente por isso, para esse autor, estamos em “um mundo sem limites”. Sua hipótese reside na premissa de que a autoridade do Pai¹ foi subvertida pelo progresso da ciência, que se encontra voltada para a sua técnica, marcando um lugar de autoridade sobre os sujeitos, fazendo desaparecer a enunciação, “que é a propriedade mais específica do que é um sujeito” (2004, p. 66), dando destaque aos enunciados.

Sobre a evolução da estrutura familiar, Lebrun nos indica que a partir dos séculos XVIII-XIX, a família tem sua função destacada de articulação com o social, estruturando-se em torno dos indivíduos que a compõem. A família desinstitucionalizada – como denominou Louis Roussel, citado por Lebrun – se orienta por um pacto privado, não mais por uma instituição. Uma das conseqüências é que a família se torna igualitária, perdendo a hierarquia entre as gerações e a solidariedade existente entre seus membros se torna intensa e frágil.

¹ Esse Pai, como Lebrun esclarece, não significa propriamente o genitor ou mesmo o pai desempenhando função, mas qualquer terceiro para a mãe. No contexto do seu livro, as questões que envolvem esse Pai versam sobre a deslegitimação da autoridade que vem ganhando destaque no momento atual.

Baseando-se na obra de Hannah Arendt, Lebrun afirma que as sociedades modernas são regidas pela premissa de que “tudo é possível”. O sujeito dessa sociedade perde, então, a noção de limites, pois não se permite julgar: “é um sujeito que se demite de sua enunciação e se contenta em ser congruente com os enunciados aos quais consentiu em se sujeitar” (2004, p. 73).

O autor enumera vários pontos do discurso da ciência que encontram seus reflexos no campo social, elucidando o que estaria na origem dessa organização que caracteriza o social de hoje. O primeiro ponto é a perda do senso comum: o sujeito, ao se deixar levar pelo meio técnico, perde as referências oriundas do saber interno. O sujeito perde o sentido do limite, pois devido à tecnologia de que dispõe, pode deslocar o impossível, arriscando-se a confundir isso com a possibilidade de poder expulsá-lo.

Complementando a desconsideração pelo senso comum, esse discurso propõe, ainda, deslegitimar a noção de autoridade: deslegitima o autor no lugar da lógica do conjunto dos enunciados. Segundo Lebrun, a tendência atualmente é “tratar como autoritário qualquer um que pretenda ainda se sustentar exclusivamente pela enunciação” (2004, p. 109). Um outro ponto do discurso da ciência é a supremacia da lei do tudo ou nada, desaparecendo, com isso, a possibilidade do discernimento e da dialetização possível dos contraditórios. Um último ponto colocado é que o discurso da ciência possui uma pretensão universalizante, o que implica na menor aceitação das diferenças e as desigualdades.

Harvey e Bauman expõem que as mudanças ocorridas no mundo contemporâneo são provocadas pelo modo capitalista de produção. Os efeitos do mercado influenciam a subjetividade, onde o indivíduo deve lidar com o efêmero, a instabilidade, provocando mudanças no relacionamento com o outro. Esse último aspecto nos interessa sobremaneira, pois compreendemos que “limites” se relacionam com as expectativas a serem consideradas a respeito desse outro com o qual se interage.

Lebrun (2004), ao colocar o discurso da ciência, enfatiza o processo em que se desacredita na autoridade paterna, trazendo consequências para o campo social. Para que esse Pai possa fazer a sua intervenção, é preciso que sua função seja ratificada pelo social. O pai não se torna representante de uma Lei do social, mas

vem em seu próprio nome, adquirindo uma aparência persecutória que o sujeito terá vontade de se desembaraçar. As premissas do autor já nos colocam diante do que exporemos no próximo tópico sobre a crise dos paradigmas e suas conseqüências no discurso da educação.

Diante das mudanças inevitáveis no mundo contemporâneo, antes de criticar ou concordar, cabe à instituição escolar desenvolver meios para lidar com elas, pois as questões que trazem não se restringem ao contexto fora da instituição, mas inserem-se de maneira irreversível.

1.2. Desafios na escola contemporânea

*(...) o valor dos valores, ao qual a escola – a meu ver –
deve imprimir a apropriada pedagogia pós-moderna,
é o equilíbrio entre opostos, a hibridação de mundos diversos,
a sabedoria da “dose certa”.*
(Domenico De Masi, In: Bologna, 2002)

No tópico anterior verificamos a conjuntura política, econômica e social que produziu um conjunto de transformações sob a denominação de Pós-modernidade ou globalização, bem como seus desdobramentos nas relações humanas. No presente tópico nos restringiremos aos reflexos desses fenômenos na educação, especificamente na instituição escolar. Com as mudanças advindas, essa instituição terá outras prioridades que as que se impunham há algum tempo.

A universalização da educação básica, sob o título “lugar da infância é na escola”, constitui uma das premissas da Modernidade (Fernandes, 1997). Houve realmente a expansão da educação básica tanto em número de instituições quanto em anos de escolarização. Entretanto, na realidade brasileira, além da quantidade insuficiente, a educação básica não conta com a qualidade necessária para alcançar seus objetivos, quer seja a de preparar para o mercado de trabalho, quer seja para introduzir a criança no exercício da cidadania.

Antes de prosseguirmos apresentando os argumentos sobre as necessidades da instituição escolar no contexto contemporâneo, descreveremos o que é designado como a crise dos paradigmas. Dessa forma, pretendemos ampliar a discussão com um assunto mais próximo da instituição escolar: uma discussão dentro da própria concepção de Ciência.

No campo da Ciência houve a recusa de um modelo fundado nos conceitos de causalidade e determinação na busca de uma verdade científica. Na denominada crise dos paradigmas, a Ciência se encontra às voltas com o “abalo das certezas, a flexibilização das fronteiras entre as diferentes tradições científicas, bem como a desconfiança das grandes teorias com pretensão à perenidade explicativa” (Brandão, 1994, p.7).

Segundo Marcondes (1994) – tomando como base a perspectiva de Kuhn – a crise de paradigmas gera uma mudança de paradigma que possui causas internas e externas. Nas palavras do autor:

as causas internas são o resultado de desenvolvimentos teóricos e metodológico dentro de uma mesma teoria e também do esgotamento dos modelos tradicionais de explicação oferecidos pela própria teoria, o que leva à busca de alternativas. Causas externas são mudanças na sociedade e na cultura de uma época, que fazem com que as teorias tradicionais deixem de ser satisfatórias, perdendo assim o seu poder explicativo. Devendo, portanto, ser substituídas por novas teorias, mais adequadas a essas ulteriores condições. (p. 16)

Marcondes (1994) conclui que nesse momento de crise não se pode identificar um paradigma dominante que seja referência para os projetos científicos, políticos, éticos, pedagógicos e estéticos. Essa crise questiona a necessidade e a possibilidade de um paradigma hegemônico. Em que pese os abalos que causam, os períodos de crise são importantes, pois inauguram novas

possibilidades ao pensamento, em detrimento da construção de um único modelo dominante.

Acrescentamos à discussão sobre a crise dos paradigmas a questão da inter e da transdisciplinaridade. Dessa forma, a interdisciplinaridade corresponde ao anseio de constituir um modo de pensamento formado a partir da colaboração de diversos campos de saber, ao socializar as descobertas e interpretações. Entretanto, como indica Carvalho (1997), a interdisciplinaridade foi contaminada pelas pseudohegemonias acadêmicas que tendem a confirmar as excelências dos especialistas, pois cada uma daria a sua contribuição sem uma completa união entre os campos de saber envolvidos.

A transdisciplinaridade, por outro lado, pontua uma interface em que uma especialidade não exerce uma hegemonia sobre a outra. Com isso, a transdisciplinaridade responde a uma necessidade da crise dos paradigmas, ao recusar paradigmas mecanicistas e deterministas, para construir paradigmas holográficos “fundados na concepção de que as totalidades são sempre incertas e indeterminadas, e que nunca podem ser obtidas pela somatória funcional de seus elementos constitutivos” (Carvalho, 1997, p. 45). A transdisciplinaridade pretende ainda superar as dicotomias sujeito/objeto, quantidade/qualidade, sentimento/razão.

Diante das transformações pelas quais passa a sociedade, o professor não é mais visto como o centro do saber e os professores atentos ao momento atual também não procuram mais sê-lo. A criança não precisa ir para a escola em busca de informações, pois as encontra na mídia, por exemplo. A escola pode proporcionar meios para que a criança encontre soluções diante dos impasses surgidos na sociedade. Para isso, o professor representa aquele que detém mais experiência, tornando-se um mediador privilegiado.

Adotar essa postura, em detrimento da visão de um professor distante e detentor do saber, coloca o professor “em movimento”. Deve estar sempre revendo suas posições diante das “verdades” que se pretendem universais. As “verdades” difundidas sobre a criança, sua família, a prática docente, a sociedade em geral etc., adquirem um caráter provisório.

Atentar para o fato de que não há lugar para as “verdades” absolutas, não nos priva de incluir uma crítica à crítica dos paradigmas hegemônicos. Libâneo alerta que, na educação, marcos teóricos e morais são essenciais, pois o professor e

o pedagogo devem pautar suas atividades em uma responsabilidade social. As atividades desses profissionais são baseadas em relações de influência, onde não se exclui a intencionalidade. Conclui afirmando que “enquanto a humanidade necessitar de educação, necessitará também de alguma certeza sobre as melhores condições de sua existência material e espiritual e sobre o destino humano” (1997, p. 157).

Além de todas essas questões, a escola se depara com inúmeras outras que surgem na comunidade tais como a violência, o consumismo, o desemprego, a crítica aos valores morais, o enfraquecimento dos laços sociais, a ausência de perspectiva para o futuro. O mundo se tornou globalizado, mas o acesso aos bens materiais e outros direitos inerentes à condição humana são privilégios de uma pequena parcela da população. As escolas públicas, especialmente, vivem em uma crise provocada pelos investimentos reduzidos e os baixos salários dos professores. Libâneo (1997) acrescenta mais um item a essa crise, o da ausência de metodologias adequadas para enfrentar a diversificação de culturas na sala de aula. Os alunos não apresentam um bom rendimento, gerando na opinião pública uma desconfiança quanto à eficiência da instituição escolar. Todos esses fatores requerem do professor uma necessidade constante de aprender e fazer a leitura da situação sem tomar atitudes precipitadas ou preconceituosas.

Verificamos que muitos professores buscam se aprimorar através da (pós) graduação ou formação continuada nas escolas. Percebe-se que as soluções para os inúmeros impasses são buscadas em diversas áreas. Apesar de a necessidade de organizar essa complexidade para se programar uma solução viável, as possíveis causas de um problema não residem num único ponto, mas são complexas e necessitam de soluções igualmente complexas. A articulação com outras disciplinas em uma perspectiva transdisciplinar não é mais uma inovação, passando a ser necessário e urgente.

Alguns problemas surgidos podem ter sua origem no fato de a instituição escolar estar arraigada na perspectiva iluminista. Dessa forma, a instituição não acompanha as novas tendências e conseqüentemente não responde às demandas contemporâneas. O problema do Iluminismo, segundo Libâneo (1997), foi o de se ater no princípio da verdade universal, “sem querer entender que esse princípio

somente ganha coerência se se referir a indivíduos concretos, a particularidades concretas” (p. 157).

Dentro desse ponto, podemos tecer algumas considerações sobre a criança, foco para onde se dirigem as preocupações de professores sobre os “limites”. As “verdades” difundidas sobre a criança, geralmente, dizem respeito a um sujeito ideal e dividido ao mesmo tempo. Como explicita Fernandes (1997), a criança, objeto da educação, é dividida em duas partes que são opostas: uma em que há a curiosidade, a imaginação e a instabilidade; e outra que possui o tradicionalismo, a credulidade e a receptividade às ordens. É nesta última parte que se torna útil para o educador depositar o seu trabalho, pois a outra lhe é desconhecida. Nas palavras da autora, essa parte desconhecida é “uma parte bicho, que o educador manterá sob vigilância constante, transformará em faltas, submeterá à censura e punição enquanto produz na criança o remorso e a vergonha” (1997, p. 66).

Nossa maneira de relacionar com a criança é por vezes contraditória. Uma mesma criança pode ser ingênua para determinados assuntos, mas exigimos responsabilidade para que responda pelos seus atos. Isto pode ser devido a nossa época, pois transitamos entre uma visão sobre a criança que não tinha vontade alguma, subordinada aos interesses familiares, para outra em que reconhecemos seus interesses e inclusive lutamos por isso. Além disso, a criança está mergulhada nesse momento de contradição e incertezas, do consumismo, da descartabilidade e do enfraquecimento dos laços sociais. A questão dos “limites” encontra uma visibilidade dentro desse contexto, pois supõe estabelecer certos parâmetros para a criança se relacionar com outras pessoas.

Ao abordarmos o relacionamento interpessoal, remetemo-nos ao que se almeja como uma proposta democrática na escola, que prevê que o aluno vá conquistando progressivamente a sua autonomia, rumo ao exercício da cidadania. Autonomia no sentido de agir consoante regras acordadas entre os indivíduos envolvidos, não significando que a criança deva fazer o que quiser. Para se tornar democrática, a escola deve considerar a realidade como flexível, móvel e multifacetada (Faraco, 1997), além de incluir uma formação ética (Libâneo, 1997). Trata-se de inserir a discussão sobre valores e atitudes diante do mundo em transformação, visando um indivíduo autônomo que possa se expressar levando em conta a perspectiva do outro.

Aqui cabe mencionarmos uma crítica que se dirige aos pressupostos da Pós-modernidade. Ao enfatizar o conceito de subjetividade, corre-se o risco de recair em uma individualização, psicologização e atomização do social, “uma tendência que se combina com a ênfase no conceito de diferença para deslocar o sujeito social do centro da análise e da prática política” (Silva, 1993, p. 136). Pensar nos “limites” segundo uma perspectiva de autonomia pode ser, portanto, uma solução para os que afirmam que nesse período, ao procurar valorizar a diferença, torna-se difícil possibilitar uma vivência em comum, pois cada pessoa estaria voltada para o seu particular (Beyer e Liston, 1993).

Quanto a isso, Burbules e Rice (1993) afirmam ser possível fundamentar a idéia de uma comunidade em princípios mais flexíveis e menos homogêneos, de acordo com uma visão pós-moderna. Seus argumentos abordam o “diálogo” entre as diferenças, e sobre a crítica feita sobre essa possibilidade, argumentam que

não existe nenhuma razão para supor que o diálogo entre as diferenças implique eliminar aquelas diferenças ou então impor as visões de um grupo sobre outros; o diálogo que leva à compreensão, à cooperação e à acomodação pode sustentar as diferenças no interior de um conjunto mais amplo de tolerância e respeito. (p. 186)

Os autores enfatizam ainda que essa proposta de diálogo pode falhar, demonstrando que alguns conflitos não são solucionáveis, mas apenas administráveis. E ainda, que essa compreensão intersubjetiva é sempre parcial, pois não alcançamos por completo a perspectiva do outro. Além disso, a tolerância e o respeito devem ser disposições e não regras, pois devem ser aplicadas a diferentes situações que, por vezes, podem vincular discursos de desprezo a determinados grupos sociais.

A perspectiva de autonomia visa fazer com que o particular seja valorizado, mas em um mútuo acordo entre os diferentes pontos de vista, visando a formação de novos significados comuns. Mesmo quando não se dirigir a um acordo comum, ainda resta a possibilidade de compreensão, tolerância e respeito.

Diante do que foi exposto, concordamos com Novaes que a escola deve buscar estratégias que favoreçam o desenvolvimento pessoal. Para isso, deve-se levar em consideração os avanços científicos, a globalização em seus aspectos econômico e social. Esses fatores aliados a uma revisão dos valores humanos,

como indica a mesma autora, “garantem a construção de uma sociedade consciente, responsável e esperançosa” (1999, p. 33).

Ao reconhecermos que os alunos são diferentes, devemos levar em consideração as especificidades de cada um, sendo a diversidade obrigatoriamente mais um aspecto a ser considerado na escola. Para tanto, a escola admite que não pode trabalhar sozinha. Além de outros especialistas, a escola busca apoio da família. Isso é o que pretendemos desenvolver no próximo tópico: a relação da escola com a família na busca de soluções para os “limites” necessários às crianças.

1.3. Participação da família na escola pública

A vivência em estabelecimentos escolares demonstra que, quando uma criança é considerada “sem limites”, surge a necessidade de se firmar uma parceria com a família desta criança. A parceria entre família e escola vem sendo privilegiada não apenas com relação aos “limites”, mas em vários outros assuntos relacionados à educação. Uma das formas de viabilizar essa parceria aparece no “Dia da Família na Escola”, uma iniciativa do governo federal. Nesse dia, as famílias são convidadas a passarem um período na escola de suas crianças onde são desenvolvidas algumas atividades para ou com os familiares.

O senso comum afirma que os “limites” se tornaram tema presente nas escolas porque as crianças estariam chegando sem hábitos ou valores que antes eram construídos no seio familiar. A família estaria delegando parte da educação à instituição escolar. Como o comportamento da criança seria reflexo da convivência na família, essa “falta de limites” refletiria um descompasso da relação familiar frente às exigências escolares, o que significaria descumprir o seu papel de educar.

Ao se tratar da escola, não devemos nos restringir à educação como transmissão de conhecimentos, mas abordar as relações humanas que perpassam a instituição escolar. Nesse tópico, portanto, desenvolveremos algumas discussões que nos ajudarão na análise da relação família-escola quando se trata dos “limites” das crianças, segundo o ponto de vista das professoras. Ressaltamos que nessa discussão trataremos de questões vinculadas à escola pública, incluindo o aspecto regional quando necessário, pois trataremos de professoras de escolas das áreas urbana e rural.

No mundo globalizado as fronteiras estão desaparecendo, concorrendo para a diminuição de algumas diferenças historicamente marcantes entre a área urbana e a rural. A quebra das fronteiras se deve, dentre outros fatores, à mídia que está presente em quase todos os lares e à facilidade dos transportes. Apesar disso, algumas considerações podem ser feitas às diferenças entre essas duas áreas.

Questões sobre crianças “sem limites” estão presentes tanto na área urbana quanto na rural. Os professores das escolas rurais moram, em grande parte, na área urbana e mesmo com a intenção de reconhecer as especificidades da área onde trabalham, as expectativas desses professores sobre os alunos e suas famílias estão arraigadas por princípios gerados entre a população urbana. Assim, transferem seus valores e crenças da sua realidade para a outra na qual trabalham.

Como afirmamos anteriormente, quando se diagnostica uma criança “sem limites”, a escola logo solicita a presença da família e/ou busca apoio de um especialista para resolver o problema. Percebe-se que a criança é constituída por múltiplas influências, inclusive a cultural, que é bastante diversificada. A educação é uma tarefa complexa que necessita de uma parceria entre escola e família, o que parece não ser possível devido a dois fatores, em se tratando de escolas públicas: a família não comparece na escola; ou não educa suas crianças de uma maneira “correta”, segundo a perspectiva dos educadores da escola, daí resultando um conflito entre a visão da escola e a da família sobre educação.

Primeiramente, a ausência da família na escola pode ser interpretada por inúmeros ângulos, de acordo com a perspectiva de não nos basearmos em uma verdade única. Podemos afirmar, segundo Bourdieu (1996), que o peso dado pela família ao chamado capital cultural é menor que o conferido ao capital

econômico², onde questões relacionadas ao trabalho ocupam todo o tempo disponível. Essa afirmação não se torna uma questão de preferência, mas de necessidade.

O que se constata é que a perda do poder aquisitivo da família brasileira encontra seus reflexos na vida escolar. A instabilidade no trabalho, que acompanha a instabilidade em outros setores como as relações familiares e entre os demais indivíduos, faz com que as pessoas fiquem temerosas em perder o emprego, aceitando suas imposições de forma mais passiva. As necessidades materiais básicas – e as que são criadas – fazem com que a família permaneça grande parte do dia fora de casa. Devido à jornada de trabalho, muitas famílias são impossibilitadas de participação na vida escolar de seus filhos, impedindo o comparecimento à escola.

Na área rural, não é de hoje que a família permanece fora de casa por mais tempo. Por causa do tipo de trabalho mais comum nessa região e o nível de escolaridade de sua população, as necessidades materiais são supridas com mais dificuldade. A própria necessidade da sobrevivência faz com que, no orçamento doméstico, seja incluída a renda oriunda das crianças, o que vem diminuindo aparentemente devido ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que impede o trabalho infantil. Dessa forma, exigir a presença da família na escola é uma questão delicada para que seja abordada de forma radical.

Independente de ser área urbana ou rural, a afirmação mais comum é que a família não valoriza o trabalho desenvolvido na escola. Contudo, através de algumas pesquisas desenvolvidas em escolas públicas (Cruz, 1997; Abramowicz, 1995; Zago, 2003) – por corresponderem à nossa realidade e suas conclusões serem semelhantes às que encontramos no cotidiano escolar no município de Rio Bonito – constatamos que a ausência da família não significa que não valoriza a escola. Em se tratando de escolas públicas, é fato que muitas famílias enviam suas crianças à escola por uma determinação legal ou por contar com o auxílio da Bolsa Escola³, por exemplo. Mas, nessas escolas, grande parte das famílias, porém, envia suas crianças por causa do valor social da escola, mas não podem se fazer

² Segundo Bourdieu, capital cultural representa o nível educacional do indivíduo e capital econômico, os bens e propriedades adquiridas através do trabalho ou herdadas.

³ Bolsa Escola é um benefício concedido pelo Governo federal a famílias cuja renda *per capita* é de noventa reais. Cada criança matriculada recebe quinze reais, podendo uma mesma família receber até quarenta e cinco reais.

presentes com mais frequência por inúmeros fatores, dentre eles os que citamos anteriormente.

Geralmente, as famílias das chamadas classes populares entendem que é o estudo que proporcionará melhores condições de vida, possibilitando uma ascensão social. Pouco estudo significa pequena remuneração e o sentimento de ser explorado, ao passo que possuir mais instrução é sinônimo da possibilidade de ascender socialmente. A educação escolar aparece como um requisito às exigências do mercado de trabalho. Dessa forma, qualificando-se profissionalmente poderão superar o quadro financeiro reduzido da família.

Ao lado de uma lógica prática ou instrumental voltada para o mercado de trabalho, a escola também adquire importância para as famílias por constituir espaço de socialização e proteção. A escola é um espaço que coloca as crianças a salvo dos riscos sociais por pelo menos um período. Os pais que trabalham fora o dia todo lamentam porque há pouca ou nenhuma oferta de locais onde a criança pode permanecer no período em que não está estudando.

Entretanto, surgem os conflitos no decorrer da escolarização. Diante dos problemas de aprendizagem e/ou comportamento, as possíveis causas e as soluções são apontadas nas crianças e nas suas famílias. Com isso, as famílias tentam corrigir seus filhos através de castigos físicos e repreensões, para que possam corresponder às expectativas dos professores – o que nem sempre conseguem.

Quando a família é mais presente ou busca-se sua integração na vida escolar, muitas mensagens que a escola subliminarmente envia são para dizer que a família possui falhas na sua educação. As reuniões servem para falar dos alunos, sobre suas notas, seus comportamentos, elogiando-os ou tecendo críticas, bem como fornecer orientações à família. Não são reuniões que incluam o objetivo de parceria: família e escola atuando juntos.

A escola pública contém alunos vindos de diversos contextos e vemos professores que não atuam de modo a considerar essa diversidade. As expectativas dos professores voltadas para os alunos e vice-versa colocam um e outro dentro de uma perspectiva de algo “longe” – no sentido de sua não compreensão e com isso pouco ou nada pode se esperar dela – que por sua vez gera apreensões perante o desconhecido. Tanto para professores quanto para os alunos, aventurar-se para o

“longe” é ir para algo que não tem alcance, é sentir-se deslocado, o que poderá atrair problemas e perigos.

A visão que se tem na escola é de uma criança universal e atemporal. Fora da perspectiva de um aluno ideal, os alunos devem ser desvendados e diagnosticados. Em se tratando das classes populares, as representações da escola sobre a família possuem inúmeros preconceitos construídos dentro de um referencial que afirma o aluno ser inadequado à escola. A desestruturação familiar é uma justificativa recorrente entre os professores para o mau desempenho dos alunos, pois suas famílias não se enquadrariam em um modelo considerado ideal. Além disso, sugere-se que as características dos pais são determinantes para o sucesso ou o fracasso escolar de seus filhos.

Vários autores realizaram estudos sobre a família brasileira, abordando tanto aspectos contemporâneos quanto dentro de uma perspectiva sócio-histórica (Wagner, 2002; Samara, 1988; Neder, 1994). Baseando-se no que atestam esses trabalhos, não seria justificado apontar falhas em uma família a partir de um modelo considerado ideal, já que na cultura brasileira houve e há inúmeras formas de arranjo familiar.

Cruz (1997) observou em sua pesquisa que os comentários sobre o mau comportamento dos alunos em sala de aula são mais freqüentes que os sobre a aprendizagem dos mesmos. Diante das dificuldades das crianças, a professora recriminava suas famílias, seja na sala de aula, seja nas reuniões de pais. Dessa forma, sendo o problema tomado individualmente, o enfoque é desviado da turma, sem ser visto como uma dificuldade do conjunto, que por sua vez, apontaria para as dificuldades da própria professora. Assim, diante da possibilidade de ser vista como co-responsável pelo fracasso de seus alunos, a professora incrimina primeiramente a família das crianças e as próprias.

Em sua pesquisa, Patto (1990) descreve a preferência de uma professora pelos alunos cujas mães não trabalham e que podem dar uma atenção maior à casa, ao marido e aos filhos. Nas escolas podemos verificar a preferência pelas mães donas de casa, mesmo de forma não declarada; por exemplo, não é bem vista uma mãe que nunca pode participar das reuniões de pais. Entretanto, a maioria das mães das camadas populares trabalha fora e dentro de casa, numa jornada dupla de trabalho. Antes mesmo da chamada revolução feminina, as mulheres dessa classe

já contribuíam financeiramente para o sustento da casa, conforme explicita Sarti (2003).

Podemos acrescentar outra observação quanto às famílias e sua participação na escola: na nossa cultura, o trabalho intelectual tem um valor mais elevado que o manual. Nas escolas públicas, muitas famílias têm membros analfabetos, outros passaram pela escola um ou dois anos, mas não conhecemos a qualidade da educação ou o histórico de sua relação com seu(s) professor(es).

A escola é um lugar de pessoas que falam a língua portuguesa em sua forma tradicional. Diante disso, podemos supor que a família não comparece na escola devido ao trabalho, mas também pela intimidação diante de um lugar que contém um valor social elevado. Sobre essa premissa, podemos acrescentar a argumentação de Faraco (1997). Esse autor afirma que, com a expansão quantitativa da rede escolar, passaram a freqüentar a escola inúmeros alunos que não dominam o modelo tradicional da língua portuguesa, o qual é utilizado na escola. Passemos às suas próprias palavras:

Passou a haver um profundo choque entre modelos e valores escolares e a realidade dos falantes: choque entre a língua da maioria das crianças e o modelo artificial de língua cultuado pela educação da lingüística tradicional; choque entre a fala do professor e a norma escolar; entre a fala do professor e a fala dos alunos. (p. 57)

Por trás desse aparente choque quanto às formas da língua, Faraco acrescenta que há conflito de valores e visões de mundo, originando “conflitos cognitivos em face das diferentes experiências culturais de alunos e professores, podendo ocorrer até problemas de efetiva não comunicação entre alunos e professores” (p. 58). O que o autor aponta quanto à Lingüística não é diferente do que ocorre em outras situações, as quais citamos anteriormente. A diversidade presente na escola adquire um valor negativo; é errado frente a um padrão hegemônico.

Além disso, na escola, a representação existente é que quem que não domina o padrão da língua culta está em um patamar inferior àqueles que o dominam. Sendo assim, ter sua linguagem depreciada significa ter depreciada a sua própria capacidade intelectual.

Apresentamos algumas questões freqüentes na escola e que surgem igualmente quando se tratam dos “limites” das crianças. A realidade destas e da comunidade a qual fazem parte é diversa e complexa, portanto, nem sempre a família corresponde àquilo que se é idealizado na escola e vice-versa. “Limites” motivam uma aproximação entre família e escola, mas que se busque uma parceria e não acusações mútuas, requisitando para isso a desconstrução de algumas “verdades” sobre ambas.

CAPITULO II

“Limites”: perspectivas dentro de uma ótica pluridimensional

“Limites”: preocupação de pais, professores e educadores em geral, mereceram algumas publicações que logo se disseminaram, o que se deduz que os educadores contemporâneos possuem dúvidas e buscam alguma forma de esclarecê-las. Para a nossa pesquisa, destacamos dois autores, cujos argumentos apresentamos devido, no caso da primeira autora, a sua aceitação na comunidade escolar e, do segundo, por representar o campo da psicologia e trazer algumas questões que não foram contempladas pela primeira autora. Ambos fundamentaram sua discussão na obra de Jean Piaget, especialmente a que se refere ao julgamento moral da criança e acrescentaram questões que abrangem a necessidades dos “limites” na atualidade.

2.1. “Limites” para a formação da cidadania

A educadora Tânia Zagury, ao abordar o tema dos “limites”, apresenta algumas orientações aos pais sobre porquê e como estabelecer “limites” às crianças e aos jovens, além de enfatizar os direitos e responsabilidades desses pais como educadores (2003, 2004). Os “limites” têm como finalidade construir os futuros cidadãos, conscientes e respeitosos dos deveres e direitos de si e dos outros. Um dos graves problemas dos dias atuais são as crianças e os jovens que estão preocupados com aquilo que é imediato e que é prazeroso, mesmo que prejudique

outras pessoas. “Levar vantagem em tudo” é um pensamento que cada vez se torna mais comum. Honestidade parece apropriada para os outros, não para si mesmo.

A autora afirma que os pais têm o direito de determinar para seus filhos alguns parâmetros, onde se pode negociar ou mesmo estabelecer uma barreira fixa devidamente fundamentada. Isso não coloca os adultos como autoritários, mas como uma autoridade que a criança/jovem respeite. Sendo assim, autoritário é aquele que impõe os seus próprios interesses, utilizando o seu ponto de vista como referência para tomar qualquer decisão; é quem se acha o único com razão. Por outro lado, alguém com autoridade é aquele que explica os motivos de uma recusa; expõe a sua opinião e escuta o outro lado, porém, deve dar a última palavra quando se trata da segurança ou outro assunto que possa ser prejudicial mais tarde.

Colocar “limites” às crianças e aos jovens, educando-os para a cidadania, é uma tarefa que exige um grande esforço por parte de quem se presta ao papel de educar. É um trabalho árduo, contínuo, que gera muitos aborrecimentos, dúvidas e impasses. É mais fácil ceder aos apelos da criança/jovem do que explicar porquê o seu pedido não foi aceito ou propor uma alternativa ao que deseja.

Um dos impasses para os educadores é que negar algo às crianças parece um ato de autoritarismo ou poderá causar traumas futuros. Afinal, as novas tendências na Psicologia e na Educação privilegiam a negociação entre os interesses das crianças e dos adultos. As novas pesquisas mostram que a criança tem interesses próprios ao contrário do que se afirmava há algum tempo de que “criança não tem o que querer”. Cabe ao adulto, porém, indicar quando uma vontade não é condizente com a ética da sociedade em que se vive.

Para se tornarem cidadãos, as crianças devem crescer com “limites”, que significa ter a capacidade de compreender e respeitar o outro. São necessárias regras para o melhor convívio entre as pessoas. Dar “limites” não provoca um “trauma” psicológico, ao contrário, dá início ao processo de compreensão e apreensão do outro. Nas palavras de Zagury, “o que provoca traumas e problemas emocionais é, em primeiro lugar, a falta de amor e carinho, seguida de injustiça, violência física, humilhações e desrespeito à criança” (2003, p.28).

Descrevemos o porquê de dar “limites” e, então, como obter esses “limites”? Para Zagury (2003), uma forma eficiente de dar “limites” inclui a regra de “premiar e recompensar as atitudes positivas e ignorar ou reprovar as negativas”

(p. 40). Para isso, os educadores devem ter em mente os seus direitos e não apenas os deveres, como parece subentendido na educação moderna (Zagury, 2004). Conscientes de seus direitos como educadores, agindo de forma segura e ao mesmo tempo afetiva, proporcionarão à criança a internalização de valores, adquirindo o respeito aos outros e a si mesmo. Dessa forma, a criança poderá requerer os seus direitos sem agredir, ofender ou desrespeitar as outras pessoas. Ao conhecer os seus direitos, a criança deverá ser instruída sobre seus deveres a cumprir, assumindo as responsabilidades pelos seus atos.

Segundo a autora, as regras devem ser colocadas mesmo sendo a criança bem nova, ficando claro o que pode e o que não pode ser feito. Dessa forma, qualquer transgressão não será feita por ignorar essas regras ou por falta de conhecimento dessas. As regras devem ser cumpridas e reforçadas, a não ser que se tornem inapropriadas. Se a criança não cumprir o que foi previamente combinado, ela deverá arcar com as conseqüências de sua decisão, assumindo, portanto, a responsabilidade pelo seu ato.

Para finalizar, tomamos as palavras da Zagury: “a criança que não aprende a ter limites cresce com uma deformação na percepção do outro” (2003, p. 43), não o reconhece como um ser humano que possui necessidades e direitos tal como ela. Os adultos têm medo de dizer não ou de colocar “limites”, pois se acham responsáveis em fazer os filhos felizes. Entendem felicidade como sinônimo de bens materiais, liberdade (fazer o que quiser, desrespeitando o outro contanto que esteja me fazendo feliz) e o sorrindo o tempo todo (se o filho chora porque algo foi negado, isso é sinônimo de tristeza). Para Zagury, os pais devem se preocupar com a felicidade dos filhos, proporcionando-lhes condições para que se tornem pessoas felizes.

2.2. Três dimensões para a noção de “limites”

Apresentaremos a contribuição de um outro autor que também desenvolveu suas premissas a partir de Jean Piaget, mas que inclui um enfoque sobre “limites” além da uma idéia de restrição presente na educadora Zagury. Ives De La Taille, autor dedicado ao estudo do desenvolvimento moral, afirma no prefácio do seu livro “Limites: três dimensões educacionais” (1998) que a sociedade como um todo, e em particular, a educação, tem se preocupado com o tema da moralidade humana. Esta se apresenta nas questões sobre autoridade e disciplina, bem como nos casos de violência e ausência de “limites”.

Segundo De La Taille (1998), a queixa da falta de “limites” refere-se, principalmente, às atitudes de crianças e adolescentes que não condizem com as consentidas pelo adulto. As novas gerações parecem uma ameaça para o equilíbrio de valores e crenças das gerações anteriores. No caso dos jovens, por exemplo, eles são reflexo da sociedade em que vivem e, portanto, se o que faltam a eles são os “limites”, “é porque a sociedade como um todo deve estar privada deles” (p. 11).

De La Taille (op. cit.) apresenta a palavra “limite” como uma metáfora, pois ao mesmo tempo em que indica uma restrição – a maneira mais usual de se referir a esse termo – ela se remete a algo que pode ser ultrapassado, superado um dia. O autor esclarece que todo limite separa dois lados e, portanto, é preciso saber se o “limite” se refere a uma ordem para permanecer de um lado apenas ou um convite para atravessar o outro lado. Da mesma forma, “(...) na vida, e na moralidade, as duas possibilidades existem: o dever transpor e o dever não transpor” (p. 12).

Os “limites”, pensados como restrição, se referem a um conjunto de normas, colocadas por determinado grupo social, que devem ser respeitadas. Apesar de restringir a liberdade pessoal, entendida como “fazer o que quiser”, esse conjunto visa o bem-estar dos membros da sociedade, o equilíbrio das relações. A educação desempenha um importante papel para que a criança compreenda e valorize os “limites” nessa primeira maneira abordada.

Uma ressalva é colocada pelo autor. O fato de falar sobre “limites” em seu sentido restrito pode ser mal interpretado e oferecer base para moralistas legitimarem a volta de práticas autoritárias, especialmente na educação. Deve ser enfatizado que esse tipo de “limites” deve se referir ao bem-estar e desenvolvimento dos indivíduos e do bem-estar de outros membros da sociedade.

Ao propor uma comparação entre a geração antiga e a atual, De La Taille afirma que os “limites” colocados sobre os desejos da criança eram um procedimento pautado na crença da imaturidade dos indivíduos que ainda não tivessem atingido a fase adulta. A crença atual, porém, é que os desejos das crianças possuem alguma sabedoria, os quais devem ser respeitados para que não se desvirtue o destino delas. Por essa razão, colocar “limites” hoje em dia remete a algo que poderá fazer com que prevaleça a vontade do adulto e não a da criança, como se o adulto quisesse pensar por ela.

Isso constitui uma situação paradoxal, pois para as gerações antigas as crianças deviam ser retiradas do mundo infantil que habitavam para travarem um contato precoce com a cultura, mas nenhuma liberdade era concedida até que se tornassem adultas. Por outro lado, para os educadores de hoje, a criança deve ter acesso restrito à sociedade adulta, mas ao mesmo tempo, possui a sabedoria necessária para escolher o que é melhor para si.

Essa liberdade que as crianças adquiriram para escolher o próprio caminho, que possa conduzi-las à felicidade, pode refletir uma honestidade ou covardia, de acordo com o autor. Honestidade ao reconhecer a impossibilidade da certeza do que pode tornar as crianças plenamente felizes nesse mundo em transformações constantes nas áreas política, econômica e social. As gerações antigas possuíam um mundo de certo modo mais previsível, o que legitimava a experiência dos mais velhos indicar o caminho para os mais jovens. Atualmente, os adultos reconhecem que ao serem mais restritos, poderiam cercear boas opções dos mais novos. Entretanto, dar ampla liberdade para crianças e jovens pode indicar uma covardia, pois ao deixar as crianças fazerem o que quiserem pode mostrar um descompromisso com relação a eles. Nas palavras do autor, “o que poderia ser interpretado como generosidade libertária acaba sendo visto como simples *ausência*” (p. 64, grifo do autor).

Quanto ao segundo aspecto do “limite”, De La Taille (op. cit.), afirma que o desenvolvimento da criança é motivado não apenas pela maturação biológica ou por curiosidade pelos objetos com os quais interage. O desenvolvimento humano é uma sucessão de etapas, sendo superadas apesar das limitações continuamente apresentadas. A infância é marcada pela transitoriedade, onde a criança caminha para estágios cada vez mais avançados devido ao desejo de alcançar a condição de adulto. Para este fim, a criança supera os conflitos – entendidos como “limites” no seu processo de desenvolvimento – que são colocados em cada estágio.

Dado que o ser humano é um ser social, a educação se torna um fator importante para esse crescimento. Com a educação, a criança pode identificar os “limites”, ser motivada e dispor de recursos para superá-los. Assim, compreende-se que “educar uma criança, longe de apenas impor-lhe “limites”, é, antes de mais nada, ajudá-la cognitivamente e emocionalmente a transpô-los, ir além deles” (op. cit., p.15).

Desse modo, o processo de construção de conhecimento ocorre com aquilo que desperte o interesse da criança, motivando-a a aprofundar seus estudos, a confirmar ou não suas hipóteses. Esse interesse não significa prazer imediato, mas requer certo esforço para que a criança vá ao encontro da cultura e não o oposto. É necessário ultrapassar os “limites” do que sabe do que ainda não sabe, re-significando suas idéias elaboradas anteriormente. Uma educação que opta por uma adaptação simplista da cultura ao entendimento da criança, usando como recursos a motivação passageira, corrobora uma concepção de que é preciso mantê-la à salvo do universo adulto, impedindo-a de crescer.

Através de exemplos de virtudes tais como a generosidade, a coragem e a temperança, que são forjadas através do esforço de superação do próprio sujeito, de seus “limites” em busca da excelência, o autor mostra que “a definição de “limites” como restrição é complemento necessário à definição (...) (do) limite como barreira a ser superada” (p. 58). E continuando o seu argumento: “Saber não ultrapassar alguns “limites” e não deixar-se amedrontar por outros é uma verdadeira arte que algumas pessoas desenvolvem com maestria e outras nunca chegam realmente a possuir” (p. 58).

De La Taille apresenta ainda uma terceira dimensão para a palavra “limite”: a necessidade da sua construção para que a privacidade seja respeitada.

Entendemos que essa terceira dimensão apresentada sobre os “limites” não postula o individualismo que descarta e despreza aspectos do que é público, gerando pessoas voltadas para seus próprios interesses. O que se procura refletir é a busca pelo limite da intimidade, como um espaço a ser respeitado e preservado de invasões abusivas.

Hoje em dia pode-se afirmar que há uma tênue linha divisória entre a esfera pública e a privada. As pessoas estão interessadas em conhecer, detectar, observar a intimidade de outras. Esse interesse está contido em diversas instituições como o hospital, a prisão e a escola.

Na escola, entre os inúmeros exames aos quais os alunos são submetidos, está o encaminhamento ao psicólogo, que muitas vezes corresponde ao castigo de antigamente. A intervenção de profissionais “psi” significa a busca pela humanização das relações escolares. Ao se interessar pela personalidade do aluno, os educadores procuram ser justos e abrandam os castigos e repreensões. Entretanto, essa psicologização oferece um perigo: “além de obrigar a criança a passar por constantes e evitáveis exames e confissões, a educação envereda por um caminho impossível, cujo ponto de chegada se assemelha mais à psicoterapia do que à didática” (p. 122).

Segundo a argumentação do autor, a didática vem se apropriando desse incentivo para que os alunos falem sobre suas vidas, pois muitos métodos empregam a máxima do “comunicar-se” e do “expressar-se”. Isso representa um contraponto à educação em que só o professor podia expor suas idéias e aqueles alunos mais expressivos eram vistos como problema. Com os métodos que priorizam a livre expressão de seus alunos, aqueles que preferem permanecer isolados sem ter um freqüente convívio com outros alunos ganham o status de alunos-problema. Caso mantenham esse comportamento, esses alunos poderão ser diagnosticados como portadores de dificuldade de relacionamento ou serem considerados anti-sociais. Contarão com o psicólogo para recolocar o aluno dentro da “normalidade”. Ou seja, o psicólogo intervém nas situações em que o aluno é tido como “sem limites” e naquelas em que o aluno se apresenta com limites “demais”.

A construção de uma “fronteira de intimidade”, segundo denominação de De La Taille (op. cit.), é necessária para que possa se dar a construção da

personalidade e a conquista da autonomia, no sentido de se fazer um controle seletivo de outrem ao eu.

Essas três dimensões apresentadas pelo autor são, portanto, fundamentais no desenvolvimento da criança. Tomar a palavra “limites” como metáfora significa não considerá-la apenas no seu sentido restritivo, pois isso “não é somente empobrecer o conceito, como também nos privarmos de enxergar relações mais complexas” (idem, p. 145).

2.3. “Limites” e autonomia

Zagury e De La Taille concordam que ter “limites” é compreender que na vida há fronteiras existentes para o bom relacionamento entre as pessoas na sociedade. Alguns “limites” são necessários para que as relações humanas se pautem no respeito ao outro e não unicamente em seus próprios interesses. Se essas fronteiras não são respeitadas pelas crianças, isso não é culpa unicamente delas, afinal, elas não vêm ao mundo sabendo o que é certo e o que é errado. Essa distinção pode não ser clara para a criança por falta de esclarecimento fornecido pelo adulto. Este tem o dever e o direito de estabelecer essa distinção.

A partir desses autores, verificamos que a autoridade dos educadores é legítima no sentido de oferecer um parâmetro para as crianças de como se conduzirem na sociedade. O problema é que os educadores se vêem numa sociedade em mutação, com mudanças rápidas. Porém, o que esses autores indicam é que a ética, o respeito a si e ao outro são princípios que devem ser revitalizados, nesse período onde ocorre a denominada crise dos valores morais.

Mas essa autoridade legítima dos educadores (professores) é compatível com o que se espera de uma escola democrática? A democracia não se constitui como um dos pilares da educação nos dias de hoje?

Araújo (2000), ao propor o tema da democracia na escola, chama a atenção para a assimetria inerente na relação entre professores e alunos. Os primeiros exercem seu papel baseado na competência e experiência. A sociedade lhe atribui responsabilidades e deveres e dessa forma, não é possível uma igualdade nessa relação para que possa alcançar seus objetivos. Essa assimetria também é presente em outras instituições como a família e o hospital. Isso ocorre porque a instituição escolar, bem como a família e o hospital “são constituídas por agentes que possuem interesses e *status* diferentes” (p. 4).

Essa assimetria não significa, portanto, legitimar posturas autoritárias por parte dos professores, pois em alguns aspectos professores e alunos são iguais perante a sociedade, possuidores dos mesmos direitos e deveres de todos os seres humanos. A equidade (princípio que reconhece a diferença dentro da igualdade) deve ser uma diretriz norteadora se se pretende pensar em escola democrática, levando-se em conta a assimetria já mencionada. É possível, portanto, a democracia em uma instituição escolar desde que se reconheçam a diferença de papéis entre professores e alunos e a igualdade de direitos que garantem o exercício da cidadania tanto para os primeiros quanto para os segundos, tais como a “livre expressão de sentimentos e idéias, tratamento respeitoso, dignidade etc.” (p. 5).

Ao nos reportarmos aos “limites” propriamente ditos, a nossa escolha por autores que trataram desse tema segundo os argumentos de Jean Piaget se deve ao fato de este ter algumas conclusões sobre o desenvolvimento moral que oferecem uma contribuição para nossa discussão. O interesse de Piaget (1994) residia no estudo do respeito às regras do ponto de vista da própria criança; de que forma a consciência vem a respeitar as regras.

Em seu desenvolvimento moral, a criança passa por dois estágios: a heteronomia e a autonomia. Na heteronomia prevalece o respeito unilateral: a criança respeita uma lei porque é imposta pelo adulto. Para a criança, a regra é eterna e imutável e qualquer mudança é entendida como uma falta. Na autonomia, por sua vez, as relações morais são pautadas no respeito mútuo. Para isso, a criança

deve ultrapassar o período de egocentrismo, pois deve situar o seu ponto de vista em relação ao pensamento do grupo ao qual faz parte. A regra pode ser modificada, dependendo do acordo recíproco entre os indivíduos envolvidos.

Freitas (2002) nos lembra que é a partir do respeito unilateral (o que Piaget denominou de heteronomia) que poderão ser forjadas formas superiores de respeito. O dilema para pais e professores é que, ao colocarem certos “limites”, poderão cercear a espontaneidade de seus filhos e alunos. A autora acrescenta que “quando os adultos impõem à criança certos valores como devendo ser respeitados, ela pode compartilhar os valores de sua cultura e, mais tarde, organizar a sua própria escala de valores” (p. 18). Assim, ao encontrar um ambiente já delimitado, as crianças e os jovens poderão assimilá-lo e até mesmo propor mudanças.

Outra autora que argumenta sobre a importância da internalização das regras para críticas posteriores é Rego (1996). Ela afirma que “mais do que a subserviência cega, a internalização e a obediência a determinadas regras podem levar o indivíduo a uma atitude autônoma e, como consequência, libertadora, já que orienta e baliza suas relações sociais”. (p. 86). De La Taille (2002) afirma ser desejável que os jovens possam fazer a moral evoluir através de uma postura crítica. Mas essa meta será alcançada através da exposição clara dos nossos valores e nossas crenças, as quais poderão ser avaliadas e assim serem aceitas ou criticadas.

Essa discussão corrobora o que vimos discutindo sobre a noção de autonomia que utilizamos segundo Piaget. Entendemos, porém, que o sujeito autônomo o qual nos referimos, rompe com a perspectiva de um indivíduo coerente, estável, envolvido racional e objetivamente com seu mundo. Esse sujeito autônomo permanece vinculado a sua história e cultura, convivendo com a razão e a emoção, o objetivo e o subjetivo sem a obrigatoriedade de atingir uma permanente estabilidade. Com isso, o sujeito autônomo não permanece centrado e os acordos são transitórios, pois através da possibilidade de transgressão, rompe fronteiras e “limites”, “adiando qualquer possível fechamento ou totalidade” (Kiziltan et. al., 1993, p. 224).

Parte II

INVESTIGAÇÃO DE CAMPO

CAPÍTULO III

Procedimentos metodológicos

Nesse capítulo são apresentados os procedimentos adotados para se atingir os objetivos da presente pesquisa, que buscou uma análise de como os discursos sobre “limites” são apreendidos e utilizados nos contextos urbano e rural, bem como os fundamentos que sustentam a importância dos “limites” na contemporaneidade, utilizando entrevistas estruturadas para a sua construção.

Buscamos as vivências relacionadas aos limites que se fazem presentes em instituições escolares, privilegiando as experiências de professores. Selecionamos 20 professoras, cujos critérios foram: (1) ser professora da rede municipal de Rio Bonito e; (2) atuar como professora em turmas da Educação Infantil (a partir do GI, onde a criança deverá ter 4 anos) até a 4ª série, independente do tempo de serviço e nível de escolaridade. Entretanto, destacamos que duas professoras são pedagogas e duas são graduandas: uma em Geografia e a outra em Pedagogia.

Essas 20 professoras pertencem a dois grupos, de acordo com a escola onde estão lotadas: um grupo corresponde à área urbana (que compreende três escolas e uma creche) e outra, à área rural (quatro escolas), sendo, portanto, 10 professoras para cada área. Chamamos de área urbana o local que compreende o centro do município ou do distrito; o lugar onde predominam a agricultura e a pecuária denominamos área rural.

Dentre as professoras entrevistadas, 17 iniciaram suas atividades no ano letivo de 2002, após serem aprovadas em um concurso promovido em 2001. Conforme a Lei Orgânica do município, no período das entrevistas, as professoras passavam por um período de avaliação, quando ganhariam a estabilidade em 2005, ou seja, após três anos de trabalho efetivo. As outras três professoras eram contratadas pelo município.

A pesquisadora atuava como psicóloga em cinco escolas e na creche havendo, com isso, um contato estabelecido, antes da pesquisa, com 16 professoras. As demais participaram de um “encontro de capacitação”, conduzida pela Equipe Multidisciplinar da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) de Rio Bonito e foram convidadas a participarem da pesquisa.

Por haver uma prévia relação entre pesquisadora e sujeitos, baseamos a entrevista segundo as vivências nos estabelecimentos escolares. Levantamos algumas opiniões de professores, o que nos orientou na formulação das perguntas. Sendo assim, abordamos as concepções de “limites” através de questões referentes ao cotidiano escolar e incluímos duas questões sobre família. As professoras discorreram sobre o porquê de colocar “limites” na escola, a participação da família, estratégias utilizadas, dificuldades encontradas, um exemplo de um aluno “sem limites” e uma definição de “limites”.

Antes das entrevistas, solicitamos a parceria da SMEC, pois optamos por realizá-las no período das aulas. Aprovada a solicitação, as entrevistas foram realizadas na escola (secretaria ou sala de aula disponível) ou na sala da Equipe Multidisciplinar na SMEC. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

Com exceção de duas professoras, as demais se mostraram à vontade para falar sobre “limites”. Muitas estudaram sobre o tema, relataram discussões ocorridas nas escolas ou veiculadas pela mídia. As professoras se sentiram valorizadas em poder expor seus pontos de vista e experiências. As entrevistas despertaram o interesse e a curiosidade sobre os procedimentos necessários para conduzir uma pesquisa.

As questões da entrevista nortearam o estabelecimento das categorias de análise das respostas das professoras. Quando necessário, as categorias foram divididas em subcategorias, de acordo com as falas das entrevistadas. Dessa forma, apresentaremos as respostas comuns, mas não desprezaremos as respostas que ofereçam um outro viés de análise.

Cada professora foi identificada com um código de três números, sendo o primeiro número referente à localização da instituição escolar: (1) área rural; (2) área urbana. O segundo número se refere à instituição escolar propriamente dita, sendo área rural, portanto: E. M. Mata; E. M. Castelo Branco; E. M. Claudionor José da Rosa; E. M. Luiz Felipe de Magalhães. Na área urbana: E. M. Professor Honesto de Almeida Carvalho; C. M. Dr. Astério Alves de Mendonça; E. M. Dario Alonso Gonçalves Júnior; Creche Municipal Sheylle Mary Abdala Hellayel. O número seguinte à instituição é a identificação de cada professora. Como não é

nosso objetivo apresentar o que pensa determinada professora, optamos por não colocar seus nomes, nem demonstrar a numeração designada para cada escola.

CAPITULO IV

Análise da fala das professoras

No presente capítulo, apresentaremos os dados que encontramos através das nossas entrevistas, bem como a análise e a discussão desses dados. Cada pergunta foi transformada em um tópico de discussão, onde incluímos alguns trechos retirados das entrevistas que pudessem servir de exemplo. Mais que uma apresentação dos dados, buscamos uma forma de dialogar com nossas entrevistadas para, posteriormente, tecermos algumas conclusões.

4.1. O que são “limites”?

A última pergunta da entrevista é um pedido para que as professoras dessem uma definição para os “limites” necessários na educação das crianças. Iniciamos nossa discussão com a análise dessa pergunta, porque é a concepção de “limites” que vai permear as respostas das nossas professoras nas demais questões, como veremos no decorrer do capítulo.

Segundo nossas professoras, de ambas as áreas, “limites” representam um espaço que cada indivíduo possui e que não é permitido ser ultrapassado por outra pessoa. Reconhecendo os “limites” que englobam o espaço do outro, o indivíduo saberá até onde pode chegar. Colocar “limites” significa demonstrar à criança que ela não pode fazer tudo o que quer, devendo conter qualquer atitude que possa atingir o outro, de forma que este se sinta desrespeitado. É ter a noção do que é certo e do que é errado no convívio entre as pessoas.

(...) Acho que seria aquele ditado: limites são os seus direitos, são quando terminam os meus. Eu tenho que saber os meus, aqui eu tenho que passar, porque aqui eu estou invadindo o seu limite, o seu espaço. Eu tenho que aprender a saber a hora que acabou o meu limite. (121)

Agora você me pegou... (...). Limites é saber até que ponto pode agir para que não deixe de respeitar os outros, visando uma boa convivência. (113)

Hum, difícil... Fazer uma definição... deixa eu ver... Limites... Pra mim, limites têm muito a ver com respeito. É a pessoa ter consciência de ver até onde pode ir. Então, até aqui eu posso agir dessa forma, porque não vou estar prejudicando ninguém, nem a mim mesmo. Então, ter limites é isso: ter consciência do que pode ou não fazer, do que é certo, do que é errado. (212)

Limite acho que é necessidade. Acredito que seja necessidade de você saber até onde pode ir. Até onde eu posso ir. Daqui pra lá, já não posso mais. Eu já estou desrespeitando alguém, já estou agredindo alguém. (...) Então, o limite seria a falta de regras, de saber até onde ele pode ir, saber o âmbito, o espaço dele: isso aqui eu posso fazer, isso aqui eu não posso fazer. (213)

A palavra “limites” apresenta uma definição imbuída da idéia do respeito mútuo. O indivíduo deve ter em mente algumas regras de convívio que, se forem baseadas dentro de uma perspectiva de autonomia, emanarão dos próprios indivíduos envolvidos. O respeito às regras não deveria ter sua origem no medo da punição ocasionada por não segui-las, mas como nos indica a professora 221, a criança cumpriria determinadas regras por achá-las importantes para o convívio entre as pessoas.

Limites? Difícil! Eu acho que é mais do que obedecer regras. Porque obedecer regras fica mecânico demais. Primeira coisa que eu acho, é o respeito que ele tem para com ele e para com o colega. Se ele sabe direitinho o que é respeitar, ele não vai apenas estar cumprindo aquelas regras por cumprir, mas porque ele acha que é super importante na vida dele. (...) É a criança está assimilando a importância de respeitar e ser respeitado. (221)

Apesar de “limites” serem definidos como respeito ao outro de acordo com uma preocupação ética dentro das relações humanas, eles também foram descritos segundo outra perspectiva. “Limites” também podem atender a um anseio da professora para que consiga atingir os objetivos propostos para seus alunos. Nesse caso, “limites” são restrições feitas aos alunos para que a professora possa manter uma disciplina na sala de aula e, assim, desenvolver as atividades planejadas.

Limites? Limite é... É organização, é uma necessidade na sala pra você fazer alguma coisa, pra você fazer uma tarefa com eles. Pra você conseguir que eles se organizem em grupo ou numa atividade individual. Limite também pode ser, pra mim, como cumprir regras estabelecidas ou que a gente combina. (214)

Limite é um processo de educação que nós temos que transmitir (...). E o que nós vamos fazer para limitar naquela situação da escola onde você precisa sentar, você precisa ouvir, você precisa escrever, você precisa transmitir seu conhecimento... (112)

Mesmo concordando com essa perspectiva, a professora 211 se questionou quanto ao real objetivo de se colocar “limites” nos alunos, se serviriam para estes ou para si mesma.

Olha, eu fico me perguntando, às vezes, quando estou em sala de aula... Eu falo com eles coisas assim: o que eles podem e o que eles não podem fazer. Eu, às vezes, me questiono muito o que é realmente que eu quero dessas crianças. O que eu quero delas? Eu quero que elas cumpram tarefa? Eu quero que elas sejam crianças responsáveis? E quando eu penso assim, eu fico imaginando que isso seria o limite que eu estou querendo dar pra elas. O meu limite pra elas dentro de sala de aula é que elas cumpram com as atividades delas e que eu possa também desempenhar o que eu trouxe pra aquele dia. Então, quando isso não me acontece, quando existe esse bloqueio em que você não pode desenvolver tudo aquilo que você trouxe preparado, aí eu penso: alguma coisa extrapolou. Mas pra dizer pra você, uma definição de limite, mesmo, eu acho que eu não tenho pra ter dar. O que é limite? Pra mim, seria cumprir, dentro da sala de aula, com obrigações. (211)

4.2. Colocar limites na escola... por quê?

Historicamente, conferiu-se à escola uma responsabilidade no tocante à educação moral das crianças. Essa tarefa permanece ainda hoje, aliada à idéia de que a escola constitui um segundo lar, onde está a segunda família da criança, devendo transmitir a moralidade vigente na sociedade. Diante disso, é justificável que o tema “limites” esteja constantemente na pauta de interesses da comunidade

escolar, e as professoras se sintam responsáveis pela educação moral das crianças. A primeira pergunta da entrevista – “Colocar ‘limites’ na escola é importante? Por quê?” – já previa uma resposta afirmativa de nossas professoras. As razões colocadas para essa responsabilidade serão apresentadas a seguir, divididas em três itens. Esclarecemos que cinco professoras tiveram suas respostas alocadas em mais de um item.

- “limites” são importantes para o convívio em sociedade

Na área rural, sete professoras consideram importante colocarem “limites”, porque a criança deve reconhecer que não pode fazer tudo o que deseja, sendo-lhe apresentados o que é correto e o errado, através de algumas regras de condutas que são colocadas.

É importante para o futuro do aluno, que a partir dos primeiros anos de vida escolar, já assimila o que é certo ou errado. Visando regras de conduta, que o aluno levará para a vida adulta. (113)

O aluno tem que saber que ele está em ambiente que é considerado a segunda família. Por isso tem que haver respeito e limites, pois o bom andamento de seu convívio é saber o que ele pode ou não fazer dentro da escola. (115)

Porque na vida, tudo o que faz tem que ter limite. Porque se a gente passa do limite, tem problemas. Sempre digo às crianças e digo em casa, pros meus filhos também: meu direito termina quando começa o direito do outro. (122)

Essa opinião é compartilhada por quatro professoras da área urbana.

Acho que tudo tem que ter limites, como agir, como seguir. Limite é um modo de respeito. Respeitar o próximo, que está junto. Acho que tem que ter uma direção. (216)

Eu acho o seguinte: nada funciona sem regras, normas, não adianta. É em casa, é na escola. Eu acho que, se a escola não tivesse ficado assim tão à vontade quanto ela ficou, o educador seria tão respeitado quanto era antigamente. (217)

Essa justificativa nos indica que as professoras estão preocupadas com seus alunos no que se refere ao convívio em sociedade. O motivo dessa preocupação pode residir no papel histórico da escola, que apontamos no início desse tópico, mas também em uma certa omissão da família nesse assunto, tema do próximo item.

- colocar “limites” na escola significa uma atividade complementar à família ou única referência para a criança

Conforme justificativa de seis outras professoras – pertencentes às duas áreas – a escola deve se dedicar a um trabalho junto às crianças porque a família não coloca “limites” de forma eficaz. Com uma educação mais livre dentro da família, a criança transfere seu comportamento para o contexto escolar, o que gera problemas, pois haveria uma incompatibilidade entre as atitudes permitidas na família e as permitidas na escola. Deve-se, portanto, buscar uma forma de parceria.

Porque em casa nem sempre eles têm limites. (111)

É muito importante, porque você vai ajudar o processo de educação da criança. Tanto família quanto escola precisam estar unidas nesse processo. Limitar a criança naquilo que ela precisa aprender. Nós estamos aqui pra ensinar e trocar com a criança toda essa forma de ensino, aprendizagem. E o limite, nós temos que ensinar esse limite pra eles. (112)

Das quatro professoras da área urbana que fazem parte desse último grupo, três enfatizaram que o ambiente escolar se tornou a única referência para a criança quando o assunto são “limites”. Discutiremos mais esse ponto no tópico três, sobre a participação da família nesse assunto.

Pra mim é muito importante porque normalmente as crianças vêm de casa sem esses limites. Então vêm assim: agressivas, agitadas demais, pensam que podem fazer qualquer coisa que desejarem. Isso porque os pais pensam que para dar amor, devem deixar as crianças fazerem tudo o que desejarem. (212)

É importante porque muitos alunos não têm esses limites em casa. Então chegam na escola pensando que a escola é continuidade da casa deles e que eles podem fazer tudo o que eles fazem em casa. (213)

Eu acho que hoje o aluno vem pra escola buscar o que ele não tem em casa. Quando ele chega na escola e encontra uma escola que deixa ele fazer tudo, ele não se encontra ali. (...) O aluno vem pra escola buscar o que não tem em casa: afeto, alguém que me ouça e alguém que me diga: “não, eu não posso”. (217)

- colocar “limites” na escola garante a disciplina na sala de aula

Para três professoras da área rural e seis da urbana, elas devem colocar “limites” nas crianças, pois significa o alcance de uma disciplina em sala de aula.

Senão fica muita bagunça. Muito tumulto. E o limite você impõe, a criança obedece e mantém a ordem que é necessária para o aprendizado. Se não tiver ordem, a criança não vai aprender nunca. (114)

Se a gente, na escola, não tomar determinada posição, não impor determinados limites, a gente realmente não consegue controlar a turma. (213)

Nesse caso, verificamos uma diferença entre as áreas urbana e rural. O fato de um maior número de professoras da área urbana se preocupar com os “limites” como organização na sala, pode ser devido ao número de alunos. Na área urbana as turmas possuem em média 25 alunos, ao passo que na área rural são em média 10 alunos em cada turma. Para quem define “limites” dessa maneira, o número de alunos se apresenta como uma dificuldade a mais.

4.3. “Limites”: responsabilidade de quem?

A segunda pergunta foi feita para que as professoras afirmassem quem deveria ser o(s) responsável(is) pelo estabelecimento dos “limites”. De acordo com o conteúdo das respostas, verificamos que essas respostas reforçam o papel esperado da escola, mas também pode indicar que as respostas foram influenciadas pela proximidade com a primeira pergunta, fazendo com que a maioria das professoras se referisse a elementos do contexto escolar, além de encontrarmos respostas referentes a uma responsabilidade conjunta da família e da escola. Assim, as pessoas responsáveis por colocar “limites” às crianças são as próprias professoras, incluindo as orientadoras pedagógicas, diretores e demais funcionários.

Eu acho que é o professor, o orientador, o diretor. Acho que o grupo da escola em geral. (141)

Deve vir a hierarquia. Tem o limite do professor. Agora, tem o limite também da escola, há toda uma hierarquia. É o professor, aí determinadas situações que já não cabe mais ao professor, já é a escola que tem que intervir. (213)

Acho que deve ser um trabalho em parceria, tanto a família quanto o professor. (...) (O professor) deve conversar com os alunos, perguntar se aquela atitude foi correta. E em comum acordo, junto com o grupo, estabelecer esses limites que devem ser seguidos. (212)

Acho que tem que ser tanto a professora, como o pessoal da escola. Em casa também eles têm de ter noção de limites dado pela família. (231)

Algumas professoras – mais as da área urbana – já mencionam nesse tópico que uma das estratégias para colocar “limites” é os “combinados” e, sendo assim, os “limites” não são impostos, mas colocados através do acordo entre alunos e professores. Ampliaremos a discussão sobre os “combinados” no tópico quatro.

A gente sempre trabalha em conjunto. A gente faz o quadro de regra pra ver quais são os limites, o que a gente pode fazer e o que não pode fazer. Porque se a gente chegar só impondo, a criança não vai entender, não vai saber e não vai querer também fazer. Então, a gente faz um quadro: o que que eu posso fazer numa

escola, o que que eu não posso fazer. Então, eles mesmos vão falar e então vai ser mais fácil. (131)

Alguns já são estabelecidos pela escola. E outros a gente negocia a partir de questões na sala, que são conversadas, que são vistas. (214)

Acho que o professor não coloca sozinho. Limites seria uma coisa combinada, se chegar a uma conclusão, para o andamento das atividades. (216)

4.4. Relação família e escola face aos “limites”

Esse quarto tópico diz respeito a como proceder para que haja um envolvimento da família quando o assunto são os “limites”. Como os tópicos anteriores confirmaram, esperávamos que as professoras fizessem algum comentário ou crítica às famílias. No segundo tópico, verificamos que, segundo as professoras, a família não coloca “limites” ou o faz de modo insuficiente. Ao responderem a pergunta “Como envolver a família nesse trabalho?”, oito professoras logo afirmaram que a família pouco participa da vida escolar de suas crianças e, portanto, não há oportunidade para conversarem sobre “limites”.

É difícil, já que nem todos comparecem por motivo de trabalho. Quando vêm na escola eles ainda reclamam que atrapalha o dia de serviço. (111)

Eu acho que eles deviam participar mais da vida escolar. Eu acho que eles deviam ser convidados a participar da vida da escola (...) das regras da escola, o porquê a escola faz certas coisas, tudo o que a escola faz, porque faz, a finalidade de todas as coisas. (...) Tem o Dia da Família na escola, mas eu acho que não alcança o objetivo de fazer o pai participar da vida escolar. (122)

Nas escolas urbanas, menções sobre a ausência dos pais apareceram com mais frequência que nas escolas rurais. Talvez pelo fato de a representante da família, a mãe, na área urbana vem ganhando cada vez mais o mercado de trabalho,

algo que já acontece com as mães da área rural. Sendo assim, a ausência da mãe na área rural é de alguma forma esperada com mais tolerância – o que não significa isenção de críticas – que na área urbana.

Essa é a parte mais difícil. (...) esse envolvimento não acontece com todas as famílias (...) mas a família nem sempre está presente na vida deles pra estabelecer limites também. (211)

Porque hoje o pai trabalha de 6 da manhã às 8 horas da noite. Ele vai ter tempo? Não tem! Quando chega em casa quer mais é dormir e nem cara de filho ele quer ver. Ai fica tudo pra gente, na escola... (217)

Sem nos estendermos sobre esse assunto, o que escaparia ao nosso objetivo, podemos verificar a ausência da família possui inúmeros sentidos. A questão financeira, no caso da escola pública, tem um fator de peso. Muitas famílias não vão à escola porque não podem faltar ao trabalho, já que os horários das reuniões são sempre no período das aulas, que coincidem com o horário de trabalho dos pais. Outro fator é não terem o dinheiro para pagar a passagem. No município de Rio Bonito os alunos da rede pública possuem o passe livre nos ônibus e é comum vermos, principalmente na área rural, crianças pequenas nos ônibus, acompanhadas de uma criança mais velha, dirigindo-se para a escola. Não é comum os pais levarem seus filhos à escola.

Um outro fator pode ser devido ao valor social que a escola possui. Especialmente na área rural, muitos pais dos alunos são analfabetos e se sentem intimidados em um lugar de pessoas que falam “bem”. Em uma das escolas da área rural que participou da pesquisa, os pais só passaram a comparecer efetivamente na escola quando passou a ser servido um lanche durante as reuniões. Ao contrário das interpretações de que estariam interessados em saciar a fome – no local há realmente muitas pessoas que possuem somente o mínimo para se alimentarem – achamos que o lanche serviu de mote para desfazer um pouco a distância entre os dois mundos.

Com o objetivo de envolver a família na questão dos “limites”, o primeiro passo, segundo algumas entrevistadas, é trazer a família para a escola e a partir daí, através de reuniões, palestras ou conversas informais, ir introduzindo o assunto. Nove professoras citaram que a escola deveria fornecer orientações para que a

família possa segui-las, ou então, que família e escola devam ser parceiras na educação. Interessante notarmos, em muitos depoimentos, a escola fornecendo o modelo no qual a família deverá se basear. Isso demonstra mais uma vez a escola como referência para as crianças no que tange à educação moral.

Ajudar a família, fazendo reuniões... ajudá-los também nas orientações familiares. Nós como educadores, como escola, precisamos ajudar os pais hoje, é uma necessidade. Há uma necessidade na escola de ajudar os pais nesse processo. (...) Então a escola precisa muito orientar os pais nesse novo processo de educação, onde os pais precisam ajudar o professor. (112)

A gente costuma conversar com os pais, levando os pais pra escola. Mostra a importância da criança ter limite não só na escola, também dentro de casa. Porque não adianta nada a gente, na escola, mostrar pra criança que é importante ter hora pra isso, hora pra aquilo se, em casa, o pai não dá esse limite à criança. (141)

A gente, primeiro, tem que explicar o que é feito na escola, porque a família vai dar continuidade. (131)

Mas é importante convidar os pais para virem à escola e passar a importância desse limite. E juntos, professores e pais, tentarem estabelecer algumas metas para ajudar as crianças. (212)

Com reuniões, chamando sempre os pais. Estando sempre em contato e expondo pra eles a situação. Que a criança não basta ter só aqueles limites na escola. Acho que o que é passado na escola tem que ser também utilizado em casa. E conforme em casa também utilizado na escola. (241)

Uma vez eu ouvi uma coisa que eu sempre falo isso: que reunião de pais não tinha que ser informativa, ela tinha que ser formativa. Foi a coisa que mais mexeu comigo. Porque toda reunião de pais, seja eu como pai ou como funcionário, é sempre aquela coisa: informar disso, informar daquilo e falar da vida do aluno disso, falar do aluno... essa coisa assim. Quando eu ouvi isso, eu fiquei pensando, tinha que ser mesmo uma questão de formação. Você trocar com o pai. (217)

No caso das escolas urbanas, foram citadas duas formas de envolver a família: comunicando-as dos “combinados” da turma, colocando-os na agenda escolar; e através do telefone, para os pais que trabalham o dia todo e que não têm tempo de comparecer na escola. Essas professoras buscam alternativas às maneiras comumente utilizadas para fazer com que a família participe da vida escolar de

suas crianças. Nesse último exemplo, a professora se mostra sensível às exigências do mercado de trabalho.

Algumas vezes, eu passo as regras que foram combinadas na turma, pra agenda, para os pais estarem sabendo o que a gente combina. Então, o pai também pode cobrar isso em casa: “você tá fazendo isso, desse jeito?”. Então, o pai precisa estar colaborando com o que a gente está trabalhando na escola. Assim, forma a parceria com o que a gente está trabalhando, informando aos pais também. Porque eles têm as regras de casa e as regras da escola. Então, como eles vão saber as regras da escola se a gente não passa pra eles? (214)

E, no meu caso, eu dou meu telefone. Eles ligam pra mim quando têm dúvidas, quando querem saber alguma coisa de seu filho. Quando eles trabalham fora o dia todo e não têm com vir na escola, eu dou essa abertura. (221)

4.5. Estratégias utilizadas pelas professoras

A quarta pergunta solicita às professoras que descrevam as estratégias que utilizam para colocar “limites” nos alunos. Estabelecer os “combinados” da turma é um recurso bastante comum entre as professoras, por ser uma orientação da equipe de coordenação da Secretaria de Educação¹. Nesse caso, as regras são combinadas através de um acordo entre a professora e seus alunos, com diversas adaptações em diferentes contextos, o que pode ser conferido ao longo dos exemplos.

No início do ano, logo é feito um quadro dos combinados. Até faço assim pra eles que são de pré-escolar... Combinamos assim: nota 10 e nota 0, legal e não legal. (...) Estou sempre voltando lá, quando eles fazem alguma coisa assim, por exemplo: fazendo uma rodinha e quero que todos fiquem sentados, me ouvindo.

¹ Segundo a diretora do Departamento de Ensino de Rio Bonito, Luciana Figueiredo, o objetivo do “Quadro de regras e combinados” é proporcionar, em sala de aula, um momento de discussão de regras, colocando limites nas atitudes dos alunos. Através de uma conversa informal entre os alunos, o professor deve orientar a forma que cada um deve proceder dentro do ambiente escolar de forma individual e coletiva. O professor também é levado a refletir a sua prática, ao repensar suas atitudes frente ao grupo. Deve levar em conta até que ponto precisa “abrir mão” de suas vontades para ceder às vontades do grupo de alunos.

Aí tem aquele que, no dia, está agitado, vou lá nesse quadro: “como que tá...”, aí cito nome, “como que tá o amiguinho? como que ele tá, tá nota 10, nota 0? Vamos encontrar aqui”. (216)

Então a gente faz no começo do ano: faz aquela roda, falando o que é certo, o que é errado. Apesar de que muitos dos que falaram que é errado, ‘não devemos fazer’, muitas vezes são os que fazem. Mas acho que eles têm aquela consciência do que é certo, é errado. É como falei: é um hábito mesmo, de falar sobre limites. Estar sempre voltando naquelas regras que a gente faz. Não tem assim: eu estabeleço os limites e você cumpre. É uma roda que a gente faz, cada um vai falando, a gente vai escrevendo e depois a gente vai apelando para que se cumpra. (...) Estou sempre botando que o limite que eu dou na sala de aula é pra vida, não pra ficar em sala de aula. É ensiná-los a ter essa idéia de limites, de respeito. É sempre assim que eu trabalho limites. (215)

Bem, logo no início do trimestre, eu costumo fazer o quadro de regras. Todos sentam na rodinha e começamos a conversar. Às vezes, pergunto: “será que a tia pode chegar aqui e sentar ou deitar em cima da mesa, começar a pular e gritar na sala?” Eles mesmos percebem que isso é um absurdo: “não, não pode”. (...) Em cada lugar a gente tem um comportamento, uma conduta diferente, sempre respeitando. Então, começo a lançar pra eles: “quais são as coisas que podemos fazer na sala de aula?” Vou anotando... “o que que a gente não pode? O que pode prejudicar o outro?” Esse ano fizemos as regras ilustradas. Eu escrevi e eles ilustraram com desenhos e recorte-colagem. Sempre que o aluno faz aquela coisa que não podia, eu vou lá e mostro: “olha só, a gente combinou que não pode fazer isso”. Eu procuro também falar firme, porque tem crianças que, essa é uma dificuldade que estou vendo, a mãe costuma fazer muito dengo, deixa fazer o que quer e isso prejudica muito. E quando a criança chega na sala, quer agir da mesma forma que age em casa. (...) Então eu procuro passar a responsabilidade pra eles. (212)

Duas professoras utilizam os combinados ao lado de outras estratégias, tais como jogos e brincadeiras que, por possuírem regras, são utilizadas como comparação às regras necessárias ao grupo. Segundo esses exemplos, as professoras utilizam algo concreto para que as crianças possam compreender os objetivos e o alcance de se estabelecerem certos “limites”.

A gente faz o quadro de regra pra ver quais são os limites, o que a gente pode fazer e o que não pode fazer. Porque se a gente chegar só impondo, a criança não vai entender, não vai saber e não vai querer também fazer. Então, a gente faz um quadro: o que que eu posso fazer numa escola, o que que eu não posso fazer. Então, eles mesmos vão falar e então vai ser mais fácil. (...) A gente trabalha com brincadeiras. A gente trabalhando jogos vai colocando limites. (131)

Bom, primeiro eu expliquei pra eles o que eram as regras. E porque existem as regras. Então falava sobre o jogo de futebol... se não tiver uma regra, o jogo não

vai funcionar... (...) e a regra é um limite, porque se você for fora da regra, você ultrapassou um limite. Eu penso assim. Então eu acho que a gente primeiro tem que colocar, fazer combinados na sala, colocar os limites das crianças, até onde eles podem chegar... mostro porque eles não podem chegar até a porta da sala das outras crianças, as outras salas. Porque o recreio deles é diferente do recreio das outras crianças. (122)

Três professoras indicaram que as regras não são estáticas, mas podem ser mudadas durante o ano, conforme a necessidade do grupo (ou da professora).

E outros a gente negocia a partir de questões na sala, que são conversadas, que são vistas. (...) Então pode ser mais uma regra da nossa sala. As regras da turma podem ser negociadas durante o ano. Então tem as desde o início do ano que são fixas e as outras que podem ir aparecendo durante o ano. (...) Primeiro a gente levanta na sala o que a gente pode ou não fazer. E aí a gente vai fazendo uma listagem com eles. Essa listagem, algumas vezes eu vou interferindo. (...) Eles vão se organizando com algumas regras que eu também quero que eles coloquem no nosso relatório. (214)

No nosso caso, temos feito os combinados. A gente fala sempre desses combinados, vê o que está errado. Quando não tem ali, a gente vai lá e coloca. Eles começaram a entrar muito debaixo da mesa. Agora: “não pode entrar debaixo da mesa”. Sempre renovando os limites deles. (114)

A gente trabalha limites com eles assim: a partir do acordo, das regras que nós fizemos, e vez em quando você tem que estar voltando às regras. (...) Mas é revendo esse acordo com eles sempre. Quando você vê que aquele acordo já não serve mais, precisa criar outro acordo com eles. Está sempre mudando, porque eles também acostumam com aquilo ali. (...) Até o momento em que você tem que parar e refazer aquele acordo de novo com eles. Pra que eles possam ficar lembrando aquele acordo que a gente fez. Eles lembram das regras, às vezes lembram das regras pro outro. Fala: “olha, tia, o que pode e o que não pode”. Mas às vezes eles esquecem e você precisa falar, renovando. Eu falei pra eles: “isso aqui não está pra enfeitar parede, não. É coisa pra gente cumprir”. (...) Eu falei pra eles: “vamos colocar limite, vamos parar de falar alto, vamos parar de gritar, essa turma está gritando muito”. Aí eles: “ah, tia”. Mas eles concordam. Em nenhum momento eles dizem que não estão fazendo as coisas erradas. Isso que é legal, porque você sabe que eles têm consciência do que eles fazem certo, tem consciência do que eles fazem de errado. (211)

De acordo com as estratégias utilizadas, “limites” são colocados através do respeito a algumas regras, sendo os “combinados da turma” o recurso mais freqüente. Entendemos que nem todos querem abrir mão da sua vontade em nome da vontade do grupo. É o que encontramos segundo as professoras 215 e 211, pois

os alunos “sabem” o que fora combinado como certo ou errado, mas continuam fazendo as atitudes que haviam combinado como erradas.

Os combinados podem constituir um exercício para a promoção da autonomia do grupo, pois as regras serão respeitadas quando emanarem dos próprios alunos. Essa estratégia merece uma reflexão quando o grupo não se torna responsável pelo respeito, manutenção ou revisão dos combinados, cabendo unicamente à professora a vigilância das regras da turma. No caso das nossas professoras, isso pode se justificar pela idade dos alunos, achando que esses não possuem a responsabilidade suficiente para cumprirem as regras, conforme veremos no próximo tópico.

Conforme orientação da SMEC, os combinados serviriam para balizar as relações entre os indivíduos, fornecer uma orientação para as crianças, mas também são utilizados para a manutenção de uma ordem em sala de aula. As regras contêm atitudes necessárias para manter o que se julga como o comportamento ideal dos alunos. Nesse caso, as regras “combinadas” sairiam do seu objetivo para se tornarem um instrumento de controle das professoras.

4.6. Impasses surgidos ao colocar “limites”

Ao lado das estratégias, questionamos as dificuldades que as professoras encontram para estabelecerem os “limites” nas crianças. Essa pergunta desfaz a aparente visão das estratégias como soluções últimas, decisivas ou infalíveis. Nossas entrevistadas, ao colocarem “limites”, deparam-se com dificuldades que podem residir no(s) próprio(s) aluno(s), na influência da família sobre este(s) ou na idéia que se tem hoje em dia sobre educação. Em geral, as professoras citaram apenas uma dificuldade; outras citaram mais de uma, conforme podemos conferir a seguir:

- relacionados ao(s) aluno(s)

De acordo com as respostas, as dificuldades estão relacionadas, majoritariamente (segundo 15 professoras), aos próprios alunos, independente de serem da área urbana ou rural. Seja quanto ao comportamento ou à idade, bem como o número de alunos na sala de aula, o que confirma o que apresentamos sobre a utilização dos combinados para manter uma ordem na sala, ou seja, acabam servindo para superar essas dificuldades.

As rebeldias, que mesmo não fazendo o que a gente deseja, eles ainda querem receber. (111)

No caso da minha turma, eles são muito pequenos. É difícil uma criança de 4 anos entender: “não pode”. Ela ainda não tem limite. Então a dificuldade maior é devido à idade. (114)

A falta de respeito e a falta de educação, o abuso. Eles agem como se fossem os donos do pedaço. Eles podem tudo e eu estou aqui não como uma professora pra ajudar na educação, ajudar no ensino. (213)

Dentro de sala, o número de aluno é muito grande, porque são crianças pequenas, dependentes em muita coisa. Esse ano: 26 alunos. O número de alunos atrapalha. Então, você tem que ficar ali, pra você manter o limite, os combinados acontecerem. Pra desenvolver legal dentro de sala é difícil. Tempo todo volta lá, vem cá, avisa: “ó, não tá agindo assim. Isso não foi combinado?”. Acho que a dificuldade maior é o número de alunos que é grande. (216)

Conforme a professora 216 nos indica, alguns dos impasses ainda relacionados aos alunos aparecem no momento em que se tem o objetivo de fazer com que os “combinados” sejam cumpridos. No tópico anterior incluímos uma discussão sobre essa estratégia. Podemos complementar essa discussão ilustrando-a com depoimentos de três professoras quando falam especificamente das dificuldades encontradas para colocarem “limites”, que podem ser porque as crianças esquecem os combinados ou porque pedem uma espécie de “punição” para quem não segue o que fora combinado pelo grupo.

Alguns alunos não se preocupam ou esquecem do que havia sido combinado, sendo preciso interromper a aula para conversar a respeito do assunto várias vezes. (113)

No início, até ela entender porque que eu não posso... Às vezes, eles falam, mas não entendem. Às vezes, “ah, eu não posso fazer isso”, mas continua fazendo. Aí a gente tem que colocar aquilo pra eles: “e o quadrinho de regras? E os nossos combinados”. Aí eles vão internalizando aquilo ali. (131)

Não é nem uma dificuldade, eu acho que seria investir mais nisso. Estar sempre trabalhando com limites. Limites, algumas vezes, a gente fala assim: vai ter que cumprir o limite. Eles falam: “se eu não cumprir acontece o quê?”. Então a gente, esse ano, vem procurando pensar que algumas vezes eles vão ter que pensar em algumas “punições”, assim dizendo. Então, o que sentou a aula inteira, fez as tarefas, vai ter as mesmas coisas que aquele que andou a sala toda, que brincou? Então, essa é a dificuldade: essa organização com eles, que eles precisam ter. Estarem sabendo as regras, estarem sabendo cumprir essas regras. Então essa é a dificuldade maior. (214)

- relacionados à influência da família

De acordo com nove professoras, a dificuldade reside em lidar com o aluno, mas devido à influência familiar. Como a família não coloca “limites”, a criança ficaria sem referências sobre como agir com as outras pessoas. A criança passa a ter na escola o mesmo comportamento que tem em casa, recusando qualquer figura de autoridade. Esse é mais um fato que se soma ao que fora exposto sobre o porquê da escola se responsabilizar pelos “limites”, já que a família não se torna responsável por isso. Essa dificuldade obteve mais ênfase dentre as professoras da área urbana, devido ao já comentado no item 4.4, sobre a ausência da família. Na área urbana, acreditamos que a participação da família seja mais idealizada. Passemos a palavra às nossas entrevistadas:

Quando são alunos “protegidos” pelos pais, os ensinamentos, as regras, se contradizem e o aluno irá obedecer às coisas propostas pelos pais. Por isso a importância do trabalho escola e família. (115)

Quando não são todos na escola é na casa, que a gente estimula, estimula, estimula na escola, chega em casa não tem regra, não tem limite. Então no dia seguinte é todo desfeito o trabalho que a gente fez aqui. Então a dificuldade é essa. Por isso que achava que era bom a família estar na escola. (122)

Às vezes a criança que já vem sem limites de casa. Ela quer fazer na escola o que faz com a mãe. Então ela acha que com a gente é a mesma coisa. Demora para a criança atender o que a gente pede, até mesmo o que a gente combinou junto. Eu acho que existe um pouquinho de dificuldade nessa parte. Até esquecem os combinados. (141)

Uma das dificuldades que a gente encontra é envolver a família. Às vezes a criação da criança em casa, é uma coisa muito diferente. A criança separada de pai e mãe, vive com avós, com outros parentes e às vezes essas pessoas não têm a mesma preocupação que o pai e a mãe teriam. E outra coisa é você colocar pra ela, entender que dentro da escola, ela tem que ter a responsabilidade de estar estudando, de cumprir com as tarefas dela. Isso é uma parte muito difícil. Porque hoje, por exemplo, a gente pega criança ainda muito imatura. Então, quando você quer trabalhar esses limites com ela, fica ainda cedo pra que ela possa compreender. E, de repente, até mesmo fazer cumprir essas regras. Famílias separadas criam uma grande confusão na cabeça delas. E esses limites, às vezes, ficam bloqueados nesse sentido. Porque um dá mais liberdade, outro dá menos liberdade. Esse conflito na cabeça da criança atrapalha esse limite dentro da sala de aula. (211)

- relacionados às concepções atuais sobre educação

Uma professora citou as mudanças na educação, que deixariam as crianças sem um referencial a seguir, além de banir qualquer idéia de autoridade.

Acho que a maior dificuldade é você ter uma visão... porque eu sei que muita coisa mudou. Eu sou uma pessoa que estuda muito, sou adepta ao construtivismo, mas construtivismo não é a coisa solta. Não é faz do jeito que quer. Não foi essa concepção que foi criada. Não que tenha que ser tradicional, não é isso. Mas tem que ser assim: isso aqui eu posso fazer, isso aqui eu não posso. (...) Tem que ter sinceridade, tem que saber o seguinte: eu não sou maior, nem melhor que eles. Mas eu tenho uma certa autoridade. A minha função me delega isso. Um dia eles vão ter também. “Ah, eles são subordinados a você?”. Não é isso, mas eles me devem satisfação, sim. Do horário que eles passaram desse portão até a saída, é a mim que eles devem satisfação. (217)

4.7. “Perfil” do aluno “sem limites”

Para finalizar, a sexta pergunta solicita às professoras que citassem as características de um aluno “sem limites”, que não precisava se referir a um aluno específico. Todas as características que apresentaremos foram descritas tanto pelas professoras da área urbana, quanto as da área rural e se referem ao que nossas entrevistadas definem como “limites”, que foi analisado no primeiro tópico.

Os alunos “sem limites” podem ser agressivos ou agitados; desrespeitam as regras (incluindo os “combinados”), as pessoas de um modo geral ou as determinações da professora.

É aquele que responde de forma agressiva. Por mais que a gente conversa, ele não entende. Quer fazer o que bem entende, mesmo sabendo que não pode. Eu acho que é assim o sem limite. (131)

Pra mim é aquele que não leva o estudo a sério. Ele é muito agitado na sala de aula. Inclusive aqui tem esse caso, aluno muito agitado. Então é difícil pra você trabalhar. (132)

Não respeita ninguém, não respeita os interesses de ninguém. (111)

Tudo o que você fala, ele faz o contrário. Você fala: “não pode entrar embaixo da mesa”, ele entra embaixo da mesa. “Não pode gritar”, ele grita. “Não pode empurrar o amigo”, ele empurra. O que você falou, ele faz. Ele é sem limites. (114)

É um aluno que não quer respeitar os combinados da escola. (...) porque a gente combina uma coisa e nisso que ele foge desse combinado, é um aluno que não quer agir conforme o que foi estabelecido. Ele foge, ele quer ser... fora de limites. (216)

Um aluno sem limites, por exemplo, você dá tarefa pra ele e diz: “nós temos até tal hora pra terminar sua tarefa”. Aquilo não ligou pra ele, ele não se tocou. Todo o resto da turma termina e ele continua fazendo outra coisa: está pintando, está desenhando, está brincando. Eles gostam muito de brincar de alguma coisa imaginária, um lápis e ficam: uuum... E nisso, não conseguem acompanhar o que você está colocando. Então, não é um sem limite que vai te atingir, mas acaba prejudicando a própria criança. Por essa imaturidade dela, ela fica atrasada. Toda a proposta que foi dada durante o dia, ela vai estar sempre aquém de uma tarefa que você já deu. Se todos já terminaram, ela está lá atrás. Ela pensa assim: “eu quero ir ao banheiro”, mas ela não te pediu, ela levanta e vai ao

banheiro. Então acha que pode ir na mesa do outro colega e conversar com ele, no momento em que ele está fazendo as tarefas dele, interrompe o trabalho do outro coleguinha. E sempre é assim: ele não está dentro da sala de aula. Ele está ali de corpo, mas a mentezinha dele está em qualquer outro lugar, menos na sala de aula. (211)

CONCLUSÕES

Chegamos à etapa de finalização desse trabalho, onde recordamos alguns pontos do percurso, o qual destacamos, mais uma vez, que nasceu das dúvidas perante um campo de trabalho que se apresentava desafiador. Afinal, ao lidarmos com uma demanda, mesmo que supostamente já conhecida, como os “limites”, necessitamos de uma delimitação do que seja, bem como seu reflexo no contexto escolar. Quando dizemos ‘já conhecido’ é porque se afirma que “limites” é uma noção que envolve questões de educação de um modo geral (ou a falta desta). Como é uma noção que consideramos muito abrangente, buscamos uma definição retirado do campo onde nos apresentam alunos “sem limites” para então delinear nossas conclusões.

Nossos objetivos residiram em verificar como as professoras utilizam os discursos sobre “limites” no contexto escolar e a partir disso, podermos pontuar algumas diferenças presentes no uso dessa noção em duas áreas: a urbana e a rural de um mesmo município. A seleção das perguntas não foi feita de maneira aleatória, mas veio da nossa experiência no campo, onde constatamos que colocar “limites” é mais um atributo dos professores – unicamente ou em conjunto com a família do aluno – o que conseqüentemente necessita a elaboração de algumas estratégias, que por sua vez apresentam suas dificuldades. Esmiuçar essas constatações, além das definições apresentadas pelas professoras, se mostram úteis para se propor modos de intervenção nas escolas com esse tipo de demanda.

A definição para “limites” apresentada pelas nossas professoras não possui diferença de uma área para a outra, mas podemos identificar duas vertentes, que são também justificativas para que “limites” seja um assunto de responsabilidade da escola e caracterizar um aluno como “sem limites”. A primeira vertente diz respeito ao fato de as crianças basearem a convivência com outras pessoas através do respeito a algumas regras, seja na escola, seja na sociedade como um todo. Um movimento em contrário à tendência individualista vem buscando fortalecer a dimensão coletiva, de modo que as relações humanas vêm recebendo maior

atenção, daí a preocupação com “limites” dentro de uma perspectiva de formação de valores.

A segunda vertente tem uma implicação direta com a escola: “limites” se tornam um instrumento de manutenção de uma disciplina em sala de aula. A noção de “limites” sendo sinônimo de disciplina coloca o professor como referência para o modo como o aluno deve se comportar na escola. Isso reforça uma postura heterônoma, ou seja, o respeito é unilateral, direcionando-se da criança para o adulto. Procura-se impor uma norma que possibilite o controle da turma para que mantenha a sua homogeneidade ou para mostrar ‘quem realmente manda’.

Se na definição não encontramos diferenças entre as áreas urbana e rural, a ênfase colocada sobre “limites” como disciplina encontrou uma adesão maior dentre as professoras da área urbana. As exigências sobre o rendimento escolar, o pouco domínio sobre o método utilizado e a insegurança em receber alunos vindos de diversas realidades recaem sobre nossas professoras e se torna quase evidente que uma turma tranqüila, sem desordens no quesito aprendizagem ou comportamento se torna menos um problema que devem administrar. Portanto, não foi à toa que “limites”, como sinônimo de disciplina, obtiveram uma ênfase maior dentre as professoras da área urbana, onde as turmas possuem um número maior de alunos, que as da área rural.

Quanto às estratégias utilizadas, verificamos que também não há diferenças entre as áreas, pois se basearam em uma orientação da SMEC, com algumas variações entre as professoras. Sendo assim, na escola, os “combinados” mencionados pelas nossas entrevistadas, constituiriam um exercício para a construção da autonomia de seus alunos, pois as regras seriam criadas por esses últimos. O que verificamos, porém, é que algumas professoras utilizam essa estratégia para a manutenção de práticas heterônomas, onde o adulto indica as regras que as crianças deverão obedecer. Ainda dentro do nosso tema, cabe-nos também questionar se a quase unanimidade na utilização dos “combinados” se deve a uma escolha dentre as opções oferecidas ou foi algo imposto pelas pessoas que estão em um nível hierárquico superior em relação às professoras?

O discurso sobre “limites” reforça a intenção de colocar a família mais próxima da escola, seja porque esta se encontra ausente do cotidiano escolar, seja porque se almeja uma parceria na educação do aluno. Quando o assunto diz

respeito à família, encontramos mais diferenças entre as duas áreas. Em comparação com as duas áreas, na urbana, as professoras deram mais destaque a três fatores: à ausência da família na escola; ao fato de se considerarem a referência maior para os alunos, quando o assunto é a educação dos valores da sociedade; e à influência que a família exerce sobre o aluno, que constitui um fator que dificulta a ação da escola. Esses três fatores vêm permeados com uma visão preconceituosa, se comparada com a idéia de uma família ideal, tomada como fundamento para lidar com a família dos alunos. Torna-se relevante, portanto, a revisão de alguns conceitos negativos, se a escola almeja uma parceria possivelmente efetiva.

Além das diferenças encontradas, mas ainda dentro das concepções das professoras, iremos destacar três pontos complementares aos nossos objetivos.

No primeiro deles, verificamos que as duas concepções destacadas pelas professoras estão imbuídas da idéia de restrição. A noção de “limites”, quando se trata de manter uma ordem, não necessita de maiores comentários. Mas quando se menciona a ênfase no respeito a algumas regras de convivência, em um mundo onde os valores vêm sendo questionados e as relações vêm se tornando mais frágeis, tem-se como objetivo estabelecer uma fronteira entre as pessoas. Uma vez demarcadas essas fronteiras, espera-se que a atitude de um não fira a individualidade do outro, ou nas palavras das nossas entrevistadas: ‘o direito de um começa onde termina o direito do outro’.

Ao se propor uma noção de “limites” que privilegia o respeito mútuo, deve-se pensar não somente nas fronteiras, mas na qualidade destas, para que não se tornem barreiras intransponíveis que impeçam chegar ao outro. Complementar à idéia de “limites” como restrição, é pensá-los como superação de si mesmo, conforme nos indica De La Taille (1998, 2002), tendo em vista o próprio processo de desenvolvimento. Em uma relação fundamentada em princípios de compreensão, tolerância e respeito, nem sempre se pode encontrar as soluções para os conflitos, mas a sua administração. Por outro lado, ultrapassar determinados “limites”, através da transgressão, pode abrir a possibilidade de torná-los mais flexíveis ou a discussão sobre os motivos que levaram a sua existência.

No segundo ponto, verificamos que nossas professoras se sentem autorizadas em colocarem “limites” nos seus alunos, por serem, no contexto

escolar, as pessoas mais próximas deles. Essa tarefa pode ser de sua única responsabilidade ou é exercida em conjunto com a família. Devido a essa responsabilidade, nenhuma professora questionou a sua autoridade perante as crianças. Por outro lado, o senso comum afirma que um dos motivos de as crianças estarem “sem limites” é devido aos adultos – no caso das escolas, os professores – que não saberiam manter a sua autoridade diante dos alunos. O que constatamos é que nossas professoras não fizeram qualquer referência a uma possível dúvida sobre o que fazer para colocar “limites” aos seus alunos.

Toda essa certeza não significa que sua intenção se realize a contento, pois o que está em jogo, no momento presente, é o descrédito a qualquer autoridade, que ocorre porque sua legitimidade não é garantida pelo social. Mesmo se reconhecendo como autoridade para seus alunos, as professoras não encontrariam respaldo no social para manterem sua posição. Baseando-nos nas premissas de Lebrun (2004), afirmamos que as professoras vêm em seu próprio nome possuindo, portanto, uma postura aparentemente persecutória, querendo os alunos se desvencilharem da intervenção.

Nosso terceiro e último ponto complementar aos nossos objetivos é uma observação sobre essa demanda que é dirigida pelos professores: os alunos considerados “sem limites”; o que nos motivou inicialmente a dedicar uma atenção especial, dentre todos os casos que requerem uma intervenção do psicólogo escolar. A queixa de crianças “sem limites” se insere em um quadro maior que contém todas as outras queixas que são dirigidas ao psicólogo, tornando-se igualmente objeto de discursos e práticas. Apesar da certeza de estarem cumprindo o seu papel quanto aos “limites”, quer seja numa visão que privilegia a disciplina, quer seja a que enfatiza o respeito mútuo, quando essa demanda é dirigida ao psicólogo, significa que algo extrapolou ao que se considerava aceitável dentro de certos parâmetros estabelecidos pelos professores.

No caso da disciplina, ser “sem limites” parece uma nova nomeação para os alunos “indisciplinados”, com as implicações decorrentes do uso deste termo, pois o fato de o aluno não respeitar os “limites”, pode significar uma transgressão legítima contra prática disciplinares baseadas no medo, na coação e na subserviência. Concordamos com Aquino (1996), que a disciplina é importante

desde que surja vinculada a uma necessidade do processo de construção do conhecimento, e não fruto de uma arbitrariedade.

Direcionar um suposto problema que envolve um aluno “sem limites” segundo esse enquadre indica que o profissional de Psicologia deva “harmonizar” os conflitos através da contenção das tensões que emergem, além de fornecer alguma explicação científica para tal fato, como nos sugere Santos (2002). Esperam que investiguemos sua família e sua vida pregressa para encontrarmos a causa no ambiente ou na genética. É um papel já conhecido e criticado, mas é ainda o esperado na escola e exercido pelo psicólogo. E o faz por desconhecer? Porque o atendimento é visto como algo objetivo e neutro? Em caso afirmativo, corrobora a naturalização de comportamentos que indicam o questionamento a formas de relacionamentos que primam pelo descompromisso com uma relação democrática na escola.

Conforme apresentamos nos nossos fundamentos teóricos, o momento contemporâneo é marcado por constantes mudanças nem sempre acompanhadas pelo sujeito que vivencia essa época. Marcada por influências vindas de múltiplas direções, a instituição escolar se depara com problemas que requerem soluções imediatas e criativas, pois as antigas nem sempre respondem às novas necessidades dessa instituição. De acordo com esse momento, estão incluídas questões acerca dos “limites” necessários à educação das crianças. A remoção das restrições fez recrudescer as preocupações com a lei e a ordem, como nos lembra Bauman (1999), daí a importância conferida na formação das gerações futuras no que tange ao significado do respeito ao outro.

Crianças “sem limites” não representam um problema isolado, mas configuram um sintoma de um momento histórico. “Limites” indicam também o privilégio conferido ao imediato porque quando lembramos de “limites”, lembramos também daquelas crianças que não sabem esperar, que querem tudo na hora que pedem, ou então buscam um interesse momentâneo, sem almejar um objetivo a longo prazo. Se ultrapassarmos essa visão unilateral, também nós, adultos, estamos envolvidos em prazos, necessidades e desejos que não podem ou querem esperar.

O psicólogo escolar, diante de uma demanda vinculada aos “limites”, deverá verificar os sentidos que essa noção oferece; o que implica, por sua vez,

reestruturar modelos de atuação em consonância com a revisão das mudanças que ocorrem na sociedade, ou seja, decodificar a “rede” na qual se encontra o aluno portador dessa demanda. Com isso, esse profissional não ficará restrito a uma visão reducionista do problema, mas investirá na busca de soluções possíveis e viáveis dentro de uma realidade plural, como a que se verifica na comunidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, A. (1995). **A menina repetente**. Campinas: Papirus.

AQUINO, J. R. G. (1996). A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: _____. (org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 9^a ed. São Paulo: Summus.

ARAÚJO, U. F. (2000). Escola, democracia e construção de personalidades morais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, jul/dez. Disponível em <http://www.scielo.com.br> Acesso em 09 mar. 2004.

BAUMAN, Z. (1999). **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BEYER, L. E. & LISTON, D. P. (1993). Discurso ou ação moral? Uma crítica ao Pós-modernismo em Educação. In: SILVA, T. T. da. (org.). **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas.

BOLOGNA, J. E. (2002). **Diálogos criativos: Domenico De Mais: Frei Betto**. São Paulo: DeLeitura.

BOURDIEU, P. (1996). **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus.

BRANDÃO, Z. (1994). Apresentação. In: _____. **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez.

BURBULES, N. C. & RICE, S. (1993). Diálogo entre as diferenças: continuando a conversação. In: SILVA, T. T. da. (org.). **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas.

CARVALHO, E. de A. (1997). Educação planetária e reencantamento do homem. In: GHIRARDELLI JR. P. (org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Ed. UFPR.

CRUZ, S. H. V. (1997). Representação de escola e trajetória escolar. **Psicologia USP**, São Paulo, vol. 8, n. 1. Disponível em <http://www.scielo.com.br> Acesso em 21 fev. 2004.

DE LA TAILLE, Y. (1998). **Limites**: três dimensões educacionais. São Paulo: Ática.

_____. (2002). Uma interpretação psicológica dos “limites” do domínio moral: os sentidos da restrição e da superação. **Educar em Revista**. Curitiba: Ed. UFPR, n. 19, p. 23-37.

FARACO, C. A. (1997). Linguagem, escola e modernidade. In: GHIRARDELLI JR. P. (org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Ed. UFPR.

FERNANDES, H. R. (1997). Infância e modernidade: doença do olhar. In: GHIRARDELLI JR. P. (org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Ed. UFPR.

FREITAS, L. B. de L. (2002). Autonomia moral na obra de Jean Piaget: a complexidade do conceito e sua importância para a educação. **Educar em Revista**. Curitiba: Ed. UFPR, n. 19, p. 11-22.

HARVEY, D. (1992). **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola.

KIZILTAN, M. Ü; BAIN, W. J.; CAÑIZARES M., A. (1993). Condições pós-modernas: repensando a educação pública. In: SILVA, T. T. da. (org.). **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas.

LEBRUN, J.-P. (2004). **Um mundo sem limite**: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

LIBÂNEO, J. C. (1997). Pedagogia e modernidade: presente e futuro da escola. In: GHIRARDELLI JR. P. (org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Ed. UFPR.

MARCONDES, D. (1994). A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade. In: BRANDÃO, Z. (org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez.

NEDER, G. (1994). Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF.

NOVAES, M. H. (1999). **Compromisso ou alienação frente ao próximo século**. Rio de Janeiro: Nau.

PATTO, M. H. S. (1990). **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T.A. Queiroz.

PIAGET, J. (1994). **O juízo moral na criança**. 3ª edição. São Paulo: Summus.

PLASTINO, C. A. (1994). A crise dos paradigmas e a crise do conceito de paradigma. In: BRANDÃO, Z. (org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez.

REGO, T. C. R. (1996). A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J. G. (org). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 9ª ed. São Paulo: Summus.

SAMARA, E. de M. (1983). **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense.

SANTOS, L. A. R. (2002). O psicólogo e sua prática na escola pública: apontamentos para reflexão sobre a criticidade, a ousadia e a angústia. **Psicologia: ciência e profissão**, São Paulo, n. 3, p. 02-07.

SARTI, C. A. (2003). **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez.

SILVA, T. T. da. (1993). Sociologia da Educação e Pedagogia Crítica em tempos pós-modernos. In: _____ (org.). **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas.

SILVA, T. T. da. (1995). Currículo e identidade social: territórios contestados. In: _____ (org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes.

VASCONCELLOS, V. M. R. de & VALSINER, J. (1995). **Perspectiva co-construtivista na Psicologia e na Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas.

WAGNER, A. (2002). Possibilidades e potencialidades da família: a reconstrução de novos arranjos a partir do recasamento. In: _____. (coord.). **Família em cena**: tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes.

ZAGO, N. (2003). Processos de escolarização nos meios populares – as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, M.A., ROMANELLI, G., ZAGO, N. **Família e escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes.

ZAGURY, Z. (2003). **Limites sem traumas**: construindo cidadãos. 57ª ed. Rio de Janeiro: Record.

_____. (2004). **Os direitos dos pais**: construindo cidadãos em tempos de crise. Rio de Janeiro: Record.

ANEXOS

Código: _____

Escola Municipal: _____

() urbana () rural

Professor (a): _____

Série: _____

Data da entrevista: _____

- 1) Para você, colocar “limites” na escola é importante? Por quê?
- 2) Quem deve estabelecer os “limites”?
- 3) Como envolver a família?
- 4) Quais as estratégias utilizadas para colocar “limites”?
- 5) Quais são as dificuldades encontradas?
- 6) Dê exemplo de um aluno, para você, “sem limites”.
- 7) Para você, o que representam “limites”?

Professora 111

Data: 10/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

É sim, porque em casa nem sempre eles têm limites.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Os professores, diretores... todo o pessoal da escola.

3) Como envolver a família nesse trabalho?

É difícil, já que nem todos comparecem por motivo de trabalho. Quando vêm na escola eles ainda reclamam que atrapalha o dia de serviço.

4) De que modo trabalhar com esse assunto na escola?

Sinceramente, é difícil. Já que a família não participa como deveria.

Quais estratégias você usa?

São as trocas.

Me dá um exemplo de como é essa troca com eles.

Eles colaboram em alguma coisa e nós fazemos alguma coisa que eles gostam que a gente faça.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

(...) As rebeldias, que mesmo não fazendo o que a gente deseja, eles ainda querem receber.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

Sem limites? Aqui na sala tem, sem limites.

Como é esse aluno? Ou aluna?

Não respeita ninguém, não respeita os interesses de ninguém.

7) Para você, o que representam “limites”?

Respeitar o direito dos outros.

Professora 112

Data: 29/03/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

É muito importante, porque você vai estar ajudando o processo de educação da criança. Tanto família quanto escola precisam estar unidas nesse processo. Limitar a criança naquilo que ela precisa aprender. Nós estamos aqui pra ensinar e trocar com a criança toda essa forma de ensino, aprendizagem. E o limite, nós temos que ensinar esse limite pra eles.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Nós como educadores. Nós temos que mostrar para eles o momento de falar, o momento de ouvir, o momento de estar atento à explicação, ao comprometimento de estar numa escola pra aprender: ler, escrever. Como a gente trabalha com pré-escola, esse momento é muito importante... dar limite pra criança. Há momento pra falar, esperar o amigo, ouvir. Isso é um processo que nós temos dificuldades porque a criança já vem de casa com essa coisa de falar muito, de falar muito alto. A nossa comunidade mostra isso. Então esse é o momento de percebermos a criança e ensinar. Principalmente a ouvir e ter o momento de falar também e... esperar o amigo e estar atento ao que vamos ensinar pra eles. E temos visto esse resultado, quando a criança vem e ela tem esse processo da espera, do ouvir, do falar. E também... depois transmitir isso. Porque a criança transmite isso outro dia na fala, na expressão, na demonstração para o colega e para o professor.

3) Você falou que a criança tem muita influência da família, então, como envolver a família nesse atendimento?

Ajudar a família, fazendo reuniões... ajudá-los também nas orientações familiares que nós como educadores, como escola, nós precisamos ajudar os pais hoje, é uma necessidade. Há uma necessidade na escola de ajudar os pais nesse processo. Eles já vêm... já cobrando a criança. Eu tenho alunos que vêm dizendo o que eles fazem em casa. Eles pegam água, eles catam lenha e... eles têm esse processo todo. E ao pedir a uma criança, não é “por favor, faça isso pra mim, meu filho” é “vá fazer agora, porque você tem esse compromisso, é seu serviço”. Os pais colocam limites na criança com coisas que ela tem que fazer. Eles são obrigados a fazer. Então a criança também fica agressiva porque ela também quer ter a hora dela, o espaço dela. Então a escola, ela precisa muito orientar os pais nesse novo processo de educação, onde os pais precisam ajudar o professor. A criança não tem um livro em casa, não tem um jornal. Então ela precisa ter

esse contato com a escola. Os pais precisam ter um contato com a escola. Nós precisamos ajudar essa educação. Porque também é muito difícil esse processo.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

É ensinando mesmo, escrevendo, fazendo painéis, cartazes mostrando a importância, divulgando, é... fazendo a prática. Porque o professor é um exemplo para a criança. Se ele também não tem limites... de falar, de ouvir, de proceder, de se comportar diante da criança, como que a criança vai ter um exemplo de limite? Então nós temos que ajudar essa criança nesse processo. O professor é um exemplo para eles.

Então uma estratégia é o exemplo do professor... é uma estratégia de como estabelecer limites. Seria o exemplo do professor. E... como que são feitos esses cartazes, o que que tem nesses cartazes, que você estava falando agora?

É... eu penso que a própria criança pode mostrar, através de desenhos, de pintura, o que ele pode, é... que ele tem recebido. E o que ele pode fazer, a diferença que ele pode fazer. A criança consegue transmitir isso através de pintura, de desenhos e também de conversas. Eu penso que a principal coisa é você conversar com a criança, ensinar através de conversa: sentar... o diálogo, é... o carinho, o toque que isso tudo é muito importante. São as expressões de amor que você precisa transmitir. Eu sei que o professor também é pai, o professor também tem todo esse processo, mas é... eu penso que ele tem que demonstrar isso. A criança tem que descobrir a forma de amor, pra que a criança possa transmitir. Que você possa ensinar e ela retornar pra você esse... resultado do limite que você precisa trabalhar.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

Basicamente é a idade das crianças e a influência da família.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

É aquele aluno que não te ouve. Porque você fala: “você senta aqui, por favor” e ele continua fazendo, mostrando a você que ele pode subir numa cadeira, que ele pode, é... não cumprir os nossos combinados que nós escrevemos no projeto. Então ele não tem limites para entender. Eu tenho um aluno que ele conhece os combinados e quando ele faz algo que não é legal, que não está escrito nos combinados, ele fala assim: “eu vou ler os combinados”. E ele vai lá, põe o dedinho. Ele não sabe ler, mas ele... não sabe ler corretamente, mas a leitura dele, ele faz. Coloca o dedinho e vai lendo: “não pode subir na mesa, não pode empurrar o amigo”.

7) Para você, o que representam “limites”?

Limite é um processo de educação que nós temos que transmitir... E esses limites nós temos que fazer como professor, como educador, como já falei no início, é... de uma forma de orientações, diálogo, conversar, para que a criança possa compreender o que é o limite. Não adianta você forçar a criança a fazer alguma coisa, de você gritar, você demonstrar que aquilo ali tem que ser uma coisa imposta à criança. Ela não sabe, ela tem que aprender. Então esse limite é um momento de aprendizagem. É importante pra criança. Ela mostra algo que você não gosta ou que tem incomoda. Então esse vai ser o processo de aprendizagem, o que você vai fazer pra ajudar essa criança? Você vai limitar naquele processo, naquela situação que ela, o que ela fez. Que não pode. Então você vai limitar essa criança. De que forma você vai limitar? “Ah, mas é difícil. Você fica só conversando, conversando, conversando”. Será que a criança vai aprender, vai entender? Você pode até pensar assim: “mas como que... que atitude usar?”, poderia pensar assim. “Na prática, qual prática que você vai usar”. O falar você precisa e... e como você vai praticar, isso aí? Então eu penso que o limite de uma criança hoje, na escola, na igreja, na comunidade porque ela está inserida em todo um contexto. Então porque quando a criança vem é... de casa, ela já tem o seu contexto de família, de educação religiosa, de vida. Então ela chega aqui com toda essa bagagem. E o que nós vamos fazer para limitar numa situação da escola onde você precisa sentar, você precisa ouvir, você precisa escrever, você precisa transmitir seu conhecimento... o que fazer pra isso quando uma criança não te ouve? E está sempre agitada, como é o caso da minha turma. Então acho que a gente tem que ter um processo de... prática também. Aí vem o exemplo que a gente tem que dar com os outros amigos, não comparando: “Ah, fulano fez isso, você não fez”. Não assim, mas estar mostrando pra eles que essa prática tem que vir, é... através das nossas regrinhas, nossos combinados. Daquilo que nós preparamos, é... para o ambiente da sala de aula. Acho que a prática é isso: você escreveu, você combinou? Você vai cumprir aquilo que você está fazendo porque assim você vai ter esse processo de trabalho até o final do ano, até seu objetivo ser alcançado. Mas essa prática é... são os exemplos que você como professor precisa dar. Assim, é... se a criança está falando muito na hora da história, você precisa de silêncio. Então você pode fazer com o próprio dedo... você pode fazer... até com expressões do próprio rosto. Você pode pedir pra uma criança sentar. Pra uma criança... E quando vem aquele processo assim de rebeldia. Aí você tem que colocar numa cadeirinha pra pensar... no que ela está fazendo. Eu faço assim.

Professora 113

Data: 29/03/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

É importante para o futuro do aluno, que a partir dos primeiros anos da vida escolar, já assimila o que é certo ou errado.

Essa formação do futuro visando o quê? Mais especificamente.

Visando regras de conduta, que o aluno levará para a vida adulta.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Os pais e os professores.

3) Como envolver a família nesse atendimento?

Através de reuniões, de conscientização... palestras.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

No dia a dia.

De um exemplo desse dia a dia.

Estabelecemos limites no início do ano, combinando com os alunos as regras da turma. E quando alguém não as respeita, elas são relembradas pelo grupo.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

Alguns alunos não se preocupam ou esquecem do que havia sido combinado, sendo preciso interromper a aula para conversar a respeito do assunto várias vezes.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

É aquele que não atende às regras e faz o que quer, não respeitando os demais.

7) Para você, o que representa “limites”?

Agora você me pegou... (...). Limites é saber até que ponto pode agir para que não deixe de respeitar os outros, visando uma boa convivência.

Professora 114

Data: 10/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

Muito importante, senão fica muita bagunça. Muito tumulto. E o limite você impõe, a criança obedece e mantém a ordem que é necessária para o aprendizado. Se não tiver ordem a criança não vai aprender nunca.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Os limites, na escola, vêm tanto da Secretaria de Educação, do diretor, do professor e dos funcionários. Todos devem participar desses limites, porque não é só na sala de aula, é lá fora, em todos os lugares.

Só me explica um pouquinho como que a diretora e os professores podem participar desse trabalho.

Como disse: lá fora, porque não é só dentro da sala de aula. Diretora, lá fora, ela tem que ajudar a dizer qual é o limite da criança lá fora. Não é só eu quem devo falar: “ó, lá fora você não pode, é... empurrar o amigo”. A diretora, vendo, ela também tem que ajudar, os funcionários têm que ajudar a impor esse limite.

3) Como envolver a família nesse trabalho?

Conversando com os responsáveis para pedir que em casa também imponham limites. Porque é uma forma de as crianças terem limites na escola é conversando em casa também.

4) De que modo trabalhar com esse assunto na escola?

No nosso caso, temos feito os combinados. A gente fala sempre desses combinados, vê o que está errado. Quando não tem ali, a gente vai lá e coloca. Eles começaram a entrar muito debaixo da mesa. Agora: “não pode entrar debaixo da mesa”. Sempre renovando os limites deles.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

No caso da minha turma, eles são muito pequenos. É difícil uma criança de 4 anos entender: “não pode”. Ela ainda não tem limite. Então a dificuldade maior é devido à idade.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

Tudo o que você fala, ele faz o contrário. Você fala: “não pode entrar embaixo da mesa”, ele entra embaixo da mesa. “Não pode gritar”, ele grita. “Não pode empurrar o amigo”, ele empurra. O que você falou, ele faz. Ele é sem limites.

7) Para você, o que representam “limites”?

Limites? É tudo que determinamos e que devemos cumprir e obedecer.

Professora 115

Data: 29/03/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

O aluno tem que saber que ele está em ambiente, que é considerado a segunda família. Por isso tem que haver respeito e limites, pois o bom andamento de seu convívio é saber o que ele pode ou não fazer dentro da escola.

2) Quem deve estabelecer os limites?

A escola tem que passar isso para o aluno e também a família.

3) Como envolver a família nesse atendimento?

Buscar... Fazer atividades em que as famílias estejam integradas; reuniões, isso é muito importante para os pais saberem da vida escolar do aluno e o que o aluno faz dentro de sala de aula, saber se... Conversar. Conversando que a gente vai saber se ele tem limites em casa, qual a diferença do comportamento dele em casa, com o escolar. Esse seria o envolvimento que a família teria que ter.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

No começo do ano a gente faz um quadrinho de regras. Regras a obedecer, os nossos direitos e os nossos deveres. Então esses deveres entram... os limites, até onde eles podem ir com isso. Então esse é o trabalho que a gente faz.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

Fica mais difícil colocar limites em alunos que sejam pré-adolescentes e adolescentes, pois nesta fase eles acham que são os “donos da verdade”. Acham que sempre têm razão. Quando são alunos “protegidos” pelos pais, os ensinamentos, as regras, se contradizem e o aluno irá obedecer as coisas propostas pelos pais. Por isso a importância do trabalho escola e família.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

Um aluno que não respeita o professor. Ele fala o que ele quer na sala. Tudo o que ele faz em casa ou na rua ele quer fazer dentro de sala. Ele acha que pode fazer tudo. A pessoa que ele é fora da escola ele pode fazer a mesma coisa dentro da escola.

7) Para você, o que representam “limites”?

Limites, é... você saber até onde você pode ir. Você não ultrapassar o... o direito do outro. Você saber até onde você pode ir para não magoar, não machucar. Não desrespeitar o outro.

Professora 121

Data: 26/04/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

Muito importante, porque... você tem que ter sempre... eu acho que tudo, independente de ser de escola... você tem que ter um limite pra tudo. Você não pode fazer o que você quer, na hora que você quer, do jeito que você quer. Você pode enquadrar... você pode conversar. Você pode tentar encaixar da sua maneira, mas você tem que ter um limite. Você tem que respeitar... sempre respeitando o outro, porque senão a coisa perde... acho que vira bagunça. Daqui a pouco nem você sabe o que você está fazendo. Você perde... Acho que é muito importante não só na escola, como em qualquer outro lugar. Até num ponto de ônibus, o limite acho que é muito importante.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Na escola, eu acho que o limite deve ser estabelecido seguindo... digamos que começando da direção, mas até mesmo o pessoal da limpeza. Acho que tem que ser geral, começar dela, cobrar e sendo cobrado um do outro. Começa da direção, sendo cobrado até a pessoa que faz a limpeza, a pessoa que fica no portão. Não importa quem seja, eu acho que tem que ser cobrado de todos, trabalhar em conjunto, todos tendo limites. Acho que a coisa funciona muito bem. Acho que tem que ser por aí. Sei que é difícil, é complicado, que nem sempre se consegue. Mas acho que tem que ser sempre tentado. Um dia a gente chega lá. Um dia a gente consegue.

3) Como envolver a família nesse trabalho?

Eu acho que deve ser uma coisa bem conversada, sempre colocando... Eu estou começando hoje, mas já conversei que eu quero no final de aula escolher um determinado aluno pra trazer uma oração independente da religião que for. Já disse a eles, já conversei com eles que nosso Deus é um Deus só, independente de qual seja a religião, mas que sem ele a nossa vida não... Se nós não começarmos o nosso dia com ele, com certeza o restante do dia não será. E a gente procura sempre ter um bom dia, que o dia de amanhã seja ainda melhor que o de hoje. É assim que nós deveremos pensar. Então, nós deveremos pedir pra poder... pra gente ter possibilidade de aprender, que a professora tenha facilidade pra ensinar, que eu estou pra aprender junto com eles também, que eu sou... Eu me apresentei pra eles e disse que antes de ser a professora deles, me apresentar como a professora, eu sou amiga deles, que eu preciso do carinho deles, como eles precisam do meu. Isso já pra

eles sentirem que se eles não têm esse carinho em casa, que parece que existem bastantes crianças ali que não têm isso em casa, mas que vão ter aqui e quem sabe eles não aprendam a ter aqui e eles mesmos reverterem isso em casa? Passa a dar o carinho ao pai em casa, à mãe e a mãe começa a aprender isso e se preciso for até uma visita. Ou a gente convida o pai pra vir à escola, pra vir assistir um pouco da aula, pra ter o carinho. Ou nós vamos... Já me convidei com eles: “ah, tia, eu moro longe”, “não tem problema, vamos a pé. Tia precisa caminhar, precisa emagrecer. Um dia eu vou, eu não tenho pressa”. Então eu acho que é muito importante, nem que seja com um bilhete, que a gente peça pra ler pra mãe, se a mãe... Acredito que tem alunos que pai e mãe não sabem nem ler. Mas se não sabe ler, a gente convida, faz um convite, faz virem à escola. Acho muito importante, o pai tem que saber que o filho tem o carinho na escola, tem um limite na escola. E às vezes quem não tem isso em casa, às vezes a gente pode tentar fazer com eles ensinarem os pais em casa. Até esse carinho é válido fazer a eles.

Então você acha que o trabalho de limites envolvendo a família... como assim? Mais especificamente com relação a limites. Como você pode envolver a família?

Isso aí, eu... sinceramente...

Você já pensou?

Ainda não pensei muito... Já por esse lado de colocar pra eles que... eu já falei: tem que prestar atenção quando um está falando, o outro tem que prestar atenção, senão não conseguimos entender, não conseguimos aprender. E eu pretendo passar, conforme for conhecendo, sabendo da situação deles em casa, de que tem que ser em casa também. Se a mãe falou, tem que parar pra prestar atenção. Tem que escutar o que a mãe está dizendo, depois você fala, não grita, não precisa gritar. Não é gritando que você impõe limite, que você impõe respeito. Acho que muito pelo contrário: você gritando, você acaba dando direito dele gritar também. Se vai resolver no grito, cadê o seu limite? Cadê o seu respeito?

4) Como pretende trabalhar com esse assunto na escola?

Com muita conversa. Vou procurar bastantes tarefas. Procurar bastantes materiais, pra poder eu me encaixar novamente. Ver como é que está e... Vou esperar as coisas acontecerem pra saber a necessidade do que mesmo eu vou precisar. Mas de primeira mão, já coloquei pra eles que sou muito boa, quero carinho, gosto de carinho e dou muito carinho, mas também sei ser ruim. Falei pra eles: “eu também sei ser uma professora ruim. Também sei deixar a brincadeira lá fora pra ficar fazendo mais exercícios. Vou trazer sempre exercícios sobrando, que dependendo da situação da sala de aula, nós não vamos brincar. Já brincamos muito em sala de aula, pra que que nós vamos brincar lá fora? Então, agora nós vamos fazer...”. Já conversei isso hoje, já no primeiro

dia pra poder saber... eles verem que existe alguém ali olhando por eles, alguém que está querendo... Já perguntei... inclusive fiz uma pergunta a eles, se eles... Falei pra eles quem gosta de estudar: “ah, eu não gosto!”. Só uma respondeu que gosta. Falei: “é, realmente, gostar, na verdade, nem todo mundo gosta, mas nós precisamos. Todo mundo aqui quer ter uma profissão. Todo mundo aqui quer ser alguém. Ninguém quer viver aqui o resto da vida. Ninguém quer ficar sem trabalhar. Ninguém quer ficar sem ter o seu dinheiro. Pra isso nós estudamos”. Eles concordaram. “vocês, de repente, vocês vão passar a gostar de estudar a partir de hoje. E eu vou gostar mais de dar aula a partir de hoje. Vai depender muito da gente. Eu vou trabalhar pra isso, pra vocês gostarem de estudar e eu vou gostar mais de dar aula”.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

(esta questão não foi incluída, pois a professora era recém contratada pelo município)

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

(...) Ele dizia que ele não ia estudar, que ele não ia escrever, que ele não ia aprender... que ele não gostava da escola, que a escola boa dele era a escola que ele vinha, que ele tinha deixado, que ele queria voltar pra escola, que ele só ia estudar quando chegasse naquela escola e tudo o mais... (...)

7) Para você, o que representam “limites”?

(...) Acho que seria aquele ditado: limites são os seus direitos, são quando terminam os meus. Eu tenho que saber os meus, aqui eu tenho que passar, porque aqui eu estou invadindo os seu limite, o seu espaço. Eu tenho que aprender a saber a hora que acabou o meu limite. Conversei com eles: a hora que eu estiver falando, que eu estiver explicando, eu não quero ninguém olhando pra cima, pro lado, nem conversando com os outros alunos. Tem que olhar pra mim, tem que prestar atenção no que eu estou falando. E quando eu terminar, cada um na sua vez vai fazer sua pergunta e vai tirar a sua dúvida.

Professora 122

Data: 26/04/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

È muito importante, porque na vida, a gente tudo o que faz tem que ter..., com limite. Porque se a gente passa do limite, tem problemas. Sempre digo às crianças e digo em casa, pros meus filhos também: meu direito termina quando começa o direito do outro. Se a gente não tem limite, a gente ultrapassa... aí tem problema com... briga, destruição do material... Até nós fizemos os combinados pra poder saber até onde pode ir pra que tudo aconteça bem dentro da sala. Se a gente não tiver limite...

2) Quem deve estabelecer os limites?

Quem deve estabelecer os limites? Bom, eu acho que nós, os adultos, temos que ter já estabelecidos em nós os limites e ajudar as crianças a encontrarem esses limites. Dirigir as crianças pra isso. Saber o que conversar com eles, mostrar pra eles o resultado de não termos limite. Inclusive eu mostro pras crianças: por que tem cerca na escola? Porque, senão, os animais entram e a gente sai. Então os animais têm que saber onde é o lugarzinho deles e a gente o nosso. Então eu acho que nós temos que saber os limites primeiro pra depois ensinar às crianças a terem limites.

3) Como envolver a família nesse trabalho?

Eu acho que eles deviam participar mais da vida escolar. Eu acho que eles deviam ser convidados a participar da vida da escola (...) das regras da escola, o porquê a escola faz certas coisas, tudo o que a escola faz, porque faz, a finalidade de todas as coisas. Acho que os pais deviam participar mais da vida escolar. Eu pedi a uma mãe de família, uma mãe de um aluno meu que viesse na escola até pra, semana que vem, pra ela assistir uma aula com a gente e ela ajudar a fazer o amigo da sala. Era essa semana. Que ela nos ajudasse a fazer o amigo da sala. Com esse intuito mesmo, da gente tanto ter amizade quanto ter respeito ao limite, essas coisas em volta, o respeito que envolve o limite. Então eu acho que os pais têm que estar sempre presentes. E a mãe não veio. Era hoje dela vir, participar junto com a gente, vai ser a última atividade, a gente falar sobre amizade. Aí vamos criar o personagem que vai ser o nosso amiguinho. Então eu acho que os pais tinham que estar presente assim, dessa maneira, pra que ela entendesse o nosso trabalho mesmo. A gente não está aqui pra ensinar a ler, escrever e ir embora. A gente também pode ser uma continuidade da casa... da educação. Educação não é só ler e escrever. Eu acho que envolve outras coisas. Mas

muitos pais pensam também que aqui é só pra gente comer merenda, pra eles comerem merenda - as crianças -, ou pra eles aprenderem a ler e a escrever e pronto. Mas não é assim, a gente ensina a eles muitas outras coisas. Ensinar a vida, a convivência, o relacionamento... o limite. Então eu acho que... os pais deveriam frequentar mais a escola. Eu acho que devia ter atividades que fossem pertinentes a eles... Tem o Dia da Família na escola, mas eu acho que não alcança o objetivo, de fazer o pai participar da vida escolar.

4) De que modo trabalhar com esse assunto na escola?

Bom, primeiro eu expliquei pra eles o que eram as regras. E porque existem as regras. Então falava sobre o jogo de futebol... se não tiver uma regra, o jogo não vai funcionar... porque você põe uma bola no meio do campo e um monte de gente e você não sabe o que fazer com aquela bola... se não tiver regra... e a regra é um limite, porque se você for fora da regra, você ultrapassou um limite. Eu penso assim. Então eu acho que a gente primeiro tem que colocar, fazer combinados na sala, colocar os limites das crianças, até onde eles podem chegar... mostro porque eles não podem chegar até a porta da sala das outras crianças, as outras salas. Porque o recreio deles é diferente do recreio das outras crianças. “Por que que não pode ir lá?”, “porque lá está assistindo aula, está explicando matéria... e atrapalha”. Então eu sempre procuro ensinar eles assim. Principalmente cumprindo regras e mostrando a eles o valor, porque tem as regras. É num jogo... cada brincadeira que eu faço com eles, primeiro a gente cria as regras, “como é que vai ser pra esse jogo funcionar?”, “ah, tia, pode fazer assim, pode fazer assado... não, assim não, assim machuca... vamos andar mais devagar, vamos andar mais depressa?”, “se a gente passar pro lado de lá, o que vai acontecer?”, “vai passar na porta das outras professoras, elas estão dando aula...”, “então por ali pode ir?”, “não, não pode ir”. E... depois estar sempre fazendo eles voltarem: “olha, qual foi a regra que vocês criaram? Desse jeito pode fazer?”, “ah, não/pode”. Então eles têm que estar sempre atentos e sempre lembrados também. Não é criar uma regra e deixar pra lá. Tanto, que não comenta mais. Eles têm que estar constantemente sendo lembrados da regra. Principalmente quando não estiverem cumprindo a regra. “Ih, por que que aconteceu isso? Por que essa mesinha ficou suja? Por que a nossa sala tá feia?”, vamos dizer. “Ah, por que a mesinha tá suja...”, “Por que a mesinha tá suja? Ela pode?”, “ah, não, ah, tia”. Ainda ontem, sexta-feira, eles falaram assim: “ah, tia, ali não está escrito que não pode deixar a salinha desarrumada?”, “tem que arrumar a salinha. Quando a gente sai a cadeira fica fora do lugar?”. Aí volta... Então a sala está sempre arrumada, as cadeiras estão sempre no lugar. Os brinquedos estão sempre na caixa. A sala fica um ambiente mais agradável e eles ficam mais felizes. Porque eu acho que a regra faz a gente, com limite, deixa a gente mais feliz. Essa semana falei dos

limites na minha casa. Porque as crianças, geralmente, pensam que a gente está colocando uma parede e impedindo de ir pro outro lado. Então, parece que está preso. Mas o limite é pra poder nos produzir felicidade. É o que eu sinto e o que eu penso. Porque se cruzar aquele limite, pode acontecer o quê? Muitas coisas. Não pode? Se você vai pra rua tal hora da noite... ali pode está correndo vários riscos. É uma bala perdida, uma amizade indevida. O que aquela amizade pode te trazer ou incentivo de usar uma droga. E você não sabe exatamente o que é a droga. Então, atrás daquele limite existe um perigo. Então ele serve pra te proteger. E eu falo pra eles a mesma coisa: se eles passarem na porta da outra sala na hora que estão dando aula, o que pode acontecer? “ah, tia, pode brigar com a gente...”. Então, isso não é um perigo? Se do lado de cá a gente é mais feliz, então vamos ficar do lado de cá.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

Ah, é porque... eu trabalho limites, mas existem outros, terceiros em volta de nós que não têm limites. Então eu acho que dá mau exemplo. Se eu coloco um limite, lembrando da minha turma do ano passado, eu coloco um limite. Eles, nós temos um limite. Mas tem uma criança que não aceita esse limite, talvez da nossa sala ou de outras turmas, que nunca obedece regras. E não lhe acontece nada, não lhe faça nada. Não existe nenhuma atitude que lhe faça voltar atrás e mostrar o erro deles. As crianças que estão seguindo as regras, obedecendo, eles ficam desestimulados: “olha lá, eles fazem e não acontece nada! Aí que está uma coisa ruim porque ele pode sair da sala a hora que quer, pode brincar no parquinho a hora que quer, eles se divertem e a gente fica preso aqui”. Então eu acho que a maior dificuldade é essa. Não são todos que trabalham as regras, não são todos que respeitam as regras. Quando não são todos na escola é na casa, que a gente estimula, estimula, estimula na escola, chega em casa não tem regra, não tem limite. Então no dia seguinte é todo desfeito o trabalho que a gente fez aqui. Então a dificuldade é essa. Por isso que achava que era bom a família estar na escola.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

As atitudes que ele toma?

É, que atitudes?...

Ah... não respeita ninguém, nem a ele próprio. Então, não respeitando produz desordem... a desordem... o mau comportamento. Problema!... Não respeita ordem, produz uma completa confusão. Não tenho nem palavras pra dizer, assim. Como foi a pergunta que você fez? Uma palavra aí.

Exemplo de um aluno “sem limites”.

Um exemplo de um aluno sem limite... Ih, meu Deus do céu! Ele não é feliz, não é feliz porque tudo o que ele faz é pra agredir alguém. Se ele não consegue o que ele quer, ele sai brigando com todo mundo e continua infeliz porque muitas vezes não consegue. Então ele agride, é agredido. Esse é o exemplo de uma criança sem limite.

7) Para você, o que representam “limites”?

Limite, pra mim, é proteção. Eu falei pra você antes: limite, pra mim, é proteção.

Proteção... fala mais um pouquinho. Proteção de quê?

Proteção... de quê? Proteção, cuidado, é... como se fosse sinônimo de que tudo ande bem. Como eu falei antes: pra mim, limite é uma proteção nesse sentido, porque você pode pensar até, muitas vezes, você pode com o limite, mesmo que você esteja achando injusto aquele limite, você, respeitando o limite mesmo sem vontade de respeitar, você tem tempo pra analisar o porquê daquele limite. Porque eu acho que a gente não deve nunca dar limite a uma criança, a qualquer pessoa, principalmente criança, sem dizer pra ele o porquê daquele limite. Porque ele vai só até aqui. Futuramente, ele vai poder ir um pouco mais longe. Então ele tem que saber o que pode acontecer do outro lado do limite. O que que acontece se ele atravessar a rua sem olhar pros lados, se ele não espera. Ele pode ser atropelado, por isso que tem o limite aqui. Pra gente poder parar, pensar, analisar.

Professora 131

Data: 24/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

É importante. Porque senão a gente não consegue trabalhar. E a nossa vida, tudo tem que ter limites. A gente não pode fazer o que a gente quer. Então, a criança tem que aprender desde cedo que tem limite. Saber o que a gente pode fazer e o que não pode fazer.

2) Quem deve estabelecer os limites?

A gente sempre trabalha em conjunto. A gente faz o quadro de regra pra ver quais são os limites, o que a gente pode fazer e o que não pode fazer. Porque se a gente chegar só impondo, a criança não vai entender, não vai saber e não vai querer também fazer. Então, a gente faz um quadro: o que que eu posso fazer numa escola, o que que eu não posso fazer. Então, eles mesmos vão falar e então vai ser mais fácil.

3) Como envolver a família nesse atendimento?

A gente, primeiro, tem que explicar o que é feito na escola, porque a família vai dar continuidade. Como a gente pode fazer isso? Trazer a família pra escola e às vezes é muito difícil. Na nossa localidade é muito difícil. Aqui a gente não tem tanto problema com limite, não. Mas pra trabalhar isso tem que trazer a família pra escola, conversar como é feito o trabalho que eles vão dar continuidade em casa.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

O quadro... A gente trabalha com brincadeiras. A gente trabalhando jogos vai colocando limites.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

No início, até ela entender porque que eu não posso... Às vezes, eles falam, mas não entendem. Às vezes, “ah, eu não posso fazer isso”, mas continua fazendo. Aí a gente tem que colocar aquilo pra eles: “e o quadrinho de regras? E os nossos combinados”. Aí eles vão internalizando aquilo ali.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

É aquele que responde de forma agressiva. Por mais que a gente conversa, ele não entende. Quer fazer o que bem entende, mesmo sabendo que não pode. Eu acho que é assim o sem limite.

7) Para você, o que representam “limites”?

Limites: até onde eu posso chegar. Até onde eu posso fazer, onde eu tenho que parar.

Professora 132

Data: 24/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

Sim, é muito importante. Porque tudo tem que ter limite.

2) Quem deve estabelecer os limites?

O professor e a família também.

3) Como envolver a família nesse atendimento?

Convidando os pais para participarem dos trabalhos feitos com eles. A gente sempre convida, eles participam e gostam daquilo que fazem. Acho que ajuda a incentivar o aluno.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

Eu acho que tem que haver um bom diálogo da gente com as crianças. As crianças respeitarem a gente e a gente respeitar a elas. Ter bastante carinho, dedicação mesmo à criança. Tentar ajudar e fazer o melhor que a gente pode. Eu sempre trabalhei assim.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

Isso depende muito do aluno. Tem aluno que não se interessa muito. Não são todos. São alguns alunos que você tem dificuldade nisso. É a própria resistência do aluno.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

Pra mim é aquele que não leva o estudo a sério. Tem aluno que não leva. Ele é muito agitado na sala de aula. Inclusive aqui tem esse caso, aluno muito agitado. Então é difícil pra você trabalhar.

7) Para você, o que representam “limites”?

(...) Limites... é ser um aluno educado, um aluno bom, que te ajuda a criar alguma coisa. Participa das atividades junto com o professor. Tem várias coisas que pode ser. Tem que ter um bom relacionamento na sala. O professor não tem que trazer o problema de casa pra escola, não pode passar nada disso pro aluno. Eu acho que gritar, falar alto com aluno não resolve. Acho que com carinho, conversar, passar pro aluno o que você acha que vai ser bom pra ele e pra gente também.

Uma definição...

Carinho... carinho!

Professora 141

Data: 19/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

Eu acho importante até mesmo para a criança. Ela tem que saber que pra tudo tem o seu tempo, tem a sua hora. Por isso eu acho importante.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Na escola, eu acho que é o professor, o orientador, o diretor. Acho que o grupo da escola em geral. As pessoas que trabalham na escola em geral.

3) Como envolver a família nesse atendimento?

A gente costuma conversar com os pais, levando os pais pra escola. Mostra a importância da criança ter limite não só na escola, também dentro de casa. Porque não adianta nada a gente, na escola, mostrar pra criança que é importante ter hora pra isso, hora pra aquilo se, em casa, o pai não dá esse limite à criança. Então ela acha que na escola pode fazer tudo o que ela quer, como o pai e a mãe deixam ela fazer em casa.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

A gente cria em sala as regrinhas com as próprias crianças; o que é legal fazer, e o que não é legal. A criança participa. Sempre que umazinha foge: “ó, vamos lá, você que ajudou a gente a criar. Você acha que isso é legal, isso ta dentro da nossa regrinha? É bom fazer isso, é legal fazer isso?”. E sempre que a criança dá essa fugidinha, fora das nossas regras, nossos limites da sala, eu mostro pra ela que aquilo ali, ela também ajudou a criar, o que é legal e o que não é legal a gente fazer dentro de sala de aula ou no pátio da escola ou na escola ou até mesmo em casa.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

Às vezes a criança que já vem sem limites de casa. Ela quer fazer na escola o que faz com a mãe. Então ela acha que com a gente é a mesma coisa. Demora para a criança atender o que a gente pede, até mesmo o que a gente combinou junto. Eu acho que existe um pouquinho de dificuldade nessa parte. Até esquecem os combinados. Quando tem muita criança junta também, às vezes um quer fazer uma coisa, outra já quer fazer outra. Quando você vê já está aquele tumulto na sala.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

A criança que quer tudo ao mesmo tempo. Não consegue ficar junto com o grupinho. Ela quer tudo pra ela, só ela quer fazer tudo ao mesmo tempo. Não se concentra, não pára. Agitada demais.

7) Para você, o que representam “limites”?

É saber a hora das coisas. Pra tudo tem seu tempo, sua hora. Tem que saber que: “se a tia pediu aquilo ali, vou tentar obedecer”. Se é hora da atividade, “não devemos fazer o lanchinho agora!”. A criança acha que pode comer na hora da aula. Ela tem que saber que tem as regras, hora pra isso, hora pra aquilo. E até dentro de casa também. Já pensou uma criança que dentro de casa quer fazer tudo pelo seu tempo? Não escuta o que a mãe fala, o que o pai fala. (...) Você deixar a criança solta, muito à vontade, fazendo tudo o que quer, que adulto essa criança vai se tornar?

Professora 211

Data: 20/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

É importante porque os alunos precisam desses limites. Se dentro da escola não tem limites, fica difícil trabalhar com eles, colocar algumas coisas para eles. Então, por isso que eu considero que é muito importante ter limites dentro da escola. É o que a gente chama de regras da turma, os combinados da turma. Esses são os limites que são colocados pra eles dentro da sala de aula.

2) Quem deve estabelecer os limites?

O próprio professor. Em sala, a pessoa em quem ele se espelha é o professor. Então, o professor cria esses acordos com eles e eles vão respeitando. A partir do momento que você vai estabelecendo esses acordos dentro de sala com eles, então eles vão obedecendo. Todos os dias você precisa estar lembrando a eles esses acordos que são coisas que eles esquecem. Às vezes coisas que eles achavam que podia fazer; “ah, mas olha só...”. O outro dá um toque, lembra, fala: “olha, tia, tia falou que isso não podia fazer”, “tia, ele está infringindo o nosso acordo”. Mas eu estou sempre lembrando. O professor colocando esse acordo fica muito mais forte. Junto com eles. Não é o professor chegar com o acordo pronto. Mas é discutindo com eles na sala e o professor coloca junto com eles e eles entendem.

3) Como envolver a família nesse atendimento?

Essa é a parte mais difícil. Porque às vezes a família acha que o limite não é você, proibir a criança de fazer alguma coisa. Por exemplo, limite é você tirar dela alguma coisa e às vezes não é por aí. Às vezes, você pode conversar com a criança, explicar pra ela o porquê daquilo ali. Apesar de que ela vai repetir aquilo outras vezes. Mas a gente fala. Igual hoje, por exemplo, você precisa trazer a tarefa de casa pronta. Quer dizer, isso é uma coisa que já fugiu daqui da escola e foi pra casa. Aí você conversa com os pais: “olha, precisa criar um horário com seu filho em casa, pra que ele possa fazer as tarefinhas, que ele precisa desse horário”. Tem pais que não colocam isso como importante. Então, quer dizer, esse envolvimento não acontece com todas as famílias. E a criança que o pai tem essa responsabilidade junto com o professor de colocar pra estudar, de fazer um horário pra ele cumprir as tarefas, é uma criança que na sala de aula cumpre todas as tarefas. E quando ele não faz isso, ele fica perdido: “seu pai sentou com você?”, “minha mãe não

pôde, minha mãe não quis, minha mãe saiu”. Ele sempre tem uma desculpa pra te dar. E que é provável, a desculpa é real, porque ele não teve quem sentasse com ele pra criar esse horário. Você estabelece esse horário pra ele dentro de sala, mas o pai, a família, nem sempre está presente na vida deles pra estabelecer limites também.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

A gente trabalha limites com eles assim: a partir do acordo, das regras que nós fizemos, de vez em quando você tem que estar voltando às regras. Ontem foi uma coisa assim: nós tivemos que rever todas as nossas regras porque eles estavam muito agitados, falando muito alto, correndo nos corredores. E a gente precisou voltar e falar das regras e colocar: “olha, se vocês não cumprirem, a gente vai ter que deixar o recreio, ou não vai poder brincar, vai ter que ficar na sala cumprindo a tarefa que não fez em casa. Porque a gente combinou que tarefa de casa se faz em casa. Tarefa de aula faz na aula. Então a gente vai ter que arrumar um jeito de cumprir isso aí”. Mas é revendo esse acordo com eles sempre. Quando você vê que aquele acordo já não serve mais, precisa criar outro acordo com eles. Está sempre mudando, porque eles também acostumam com aquilo ali. “Ah, a tia fala, mas ela não vai fazer” ou “tia falou do combinado, mas a gente continua fazendo a mesma coisa”. Até o momento em que você tem que parar e refazer aquele acordo de novo com eles. Pra que eles possam ficar lembrando aquele acordo que a gente fez. Eles lembram das regras, às vezes lembram das regras pro outro. Fala: “olha, tia, o que pode e o que não pode”. Mas às vezes eles esquecem e você precisa falar, renovando. Eu falei pra eles: “isso aqui não está pra enfeitar parede, não. É coisa pra gente cumprir”. E ontem foi legal porque a gente voltou e reviu toda a regra. Eu falei pra eles: “vamos colocar limite, vamos parar de falar alto, vamos parar de gritar, essa turma está gritando muito”. Aí eles: “ah, tia”. Mas eles concordam. Em nenhum momento eles dizem que não estão fazendo as coisas erradas. Isso que é legal, porque você sabe que eles têm consciência do que eles fazem certo, tem consciência do que eles fazem de errado.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

Uma das dificuldades que a gente encontra, eu mesma, eu falando, é envolver a família. Às vezes a criança, a criação dela em casa, é uma coisa muito diferente. A criança separada de pai e mãe, vive com avós, com outros parentes e às vezes essas pessoas não têm a mesma preocupação que o pai e a mãe teriam. E outra coisa é você colocar pra ela, entender que dentro da escola, quando ela vem, ela tem que ter a responsabilidade de estar estudando, de cumprir com as tarefas dela. Isso é uma parte muito difícil. Porque hoje, por exemplo, a gente pega criança ainda muito imatura. Então, quando você quer

trabalhar esses limites com ela, fica ainda cedo pra que ela possa compreender. E, de repente, até mesmo fazer cumprir essas regras. Porque é uma das coisas: a imaturidade da criança, o envolvimento da família. Famílias separadas criam uma grande confusão na cabeça delas. E esses limites, às vezes, ficam bloqueados nesse sentido. Porque um dá mais liberdade, outro dá menos liberdade. Esse conflito na cabeça da criança atrapalha esse limite dentro da sala de aula.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

Um aluno sem limites, por exemplo, você dá tarefa pra ele, você diz: “nós temos até tal hora pra terminar sua tarefa”. Aquilo não ligou pra ele, ele não se tocou. Todo o resto da turma termina e ele continua fazendo outra coisa: está pintando, está desenhando, está brincando, está fazendo... Eles gostam muito de brincar de alguma coisa imaginária, um lápis e fica: uuum... aquela coisa assim. E nisso, ela não consegue acompanhar o que você está colocando. Então, não é um sem limite que vai te atingir, mas acaba prejudicando a própria criança. Por essa imaturidade dela, ela fica atrasada. Toda a proposta que foi dada durante o dia, ela vai estar sempre aquém de uma tarefa que você já deu. Se todos já terminaram, ela está lá atrás e, às vezes, ela pensa assim: “eu quero ir ao banheiro”, mas ela não te pediu pra ir ao banheiro, ela levanta e vai ao banheiro. “Eu vou na mesa do outro colega”. Então eu acho que eu posso ir na mesa do outro colega e conversar com ele, no momento em que ele está fazendo as tarefas dele e essa criança vai lá e interrompe o trabalho do outro coleguinha. E sempre é assim: ele não está dentro da sala de aula. Ele está ali de corpo, mas a mentezinha dele está em qualquer outro lugar, menos na sala de aula.

7) Para você, o que representam “limites”?

Olha, eu fico me perguntando, às vezes, quando estou em sala de aula, que eu falo com eles coisas assim: que eles podem e o que eles não podem fazer. Eu, às vezes, me questiono muito o que é realmente que eu quero dessas crianças. Que que eu quero delas? Eu quero que ela cumpra tarefa? Eu quero que ela seja uma criança responsável? E quando eu penso assim, eu fico imaginando que isso seria o limite que **eu** estou querendo dar pra ela. O meu limite pra ela dentro de sala de aula é que ela cumpra com as atividades dela e que eu possa também desempenhar o que eu trouxe pra aquele dia. Então, quando isso não me acontece, quando existe esse bloqueio que você não pode desenvolver tudo aquilo que você trouxe preparado, aí eu penso: alguma coisa extrapolou. Mas pra dizer pra você, uma definição de limite, mesmo, eu acho que eu não tenho pra ter dar. O que é limite? Pra mim, seria cumprir, dentro da sala de aula, é cumprir com obrigações. Ter os pais participando,

estarem envolvidos. Responsável junto com a gente. Porque um dos grandes problemas dos dias de hoje é o pai ausente na vida da criança na escola. O pai ausente da escola. Tem pais aqui que eu não conheço. Então, eu fico assim: como é que eu vou falar dessa criança? Como é que eu vou conversar com esse pai? Então, são coisas que você não... A gente se perde no que você pode traçar no limite. Limite seria cumprir com as obrigações de sala de aula, cumprir com as obrigações da escola? Estar conseguindo alcançar seus objetivos?

Professora 212

Data: 12/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

Pra mim é muito importante porque... normalmente as crianças vêm de casa sem esses limites. Então vêm assim: agressivas, agitadas demais, pensam que podem fazer qualquer coisa que desejarem. Isso porque os pais pensam que para dar amor, devem deixar as crianças fazerem tudo o que desejam. Então eu vejo que é importante sim, até pra ele se tornar um adulto maduro. Saber que ele tem que respeitar as outras pessoas, que não pode fazer tudo o que deseja, que pode prejudicar a si mesmo e ao próximo.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Acho que deve ser um trabalho em parceria, tanto a família quanto o professor. Quando está na escola, vejo que todos os profissionais, na verdade. Mas o professor, como está mais tempo com os alunos, ele é que deve estabelecer mais esses limites. Deve conversar com os alunos, perguntar se aquela atitude foi correta. E em comum acordo, junto com o grupo, estabelecer esses limites que devem ser seguidos.

3) Como envolver a família nesse trabalho?

Eu acho que envolver a família é mais complicado porque sempre que a escola solicita a presença dos pais, é bem difícil eles comparecerem. Uma parte comparece e outra não. Mas é importante convidar os pais para virem à escola e passar a importância desse limite. E juntos, professores e pais, tentarem estabelecer algumas metas para ajudar as crianças.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

Bem, logo no início do trimestre, eu costumo fazer o quadro de regras. Todos sentam na rodinha e começamos a conversar. Às vezes, pergunto: “será que a tia pode chegar aqui e sentar ou deitar em cima da mesa, começar a pular e gritar na sala?” Eles mesmos percebem que isso é um absurdo: “não, não pode”. Então, a gente não pode, da mesma forma que age em casa, agir na escola, na Igreja. Em cada lugar a gente tem um comportamento, uma conduta diferente, sempre respeitando. Então, começo a lançar pra eles: “quais são as coisas que podemos fazer na sala de aula?” Vou anotando... “o que que a gente não pode? O que pode prejudicar o outro?” Depois então, com essas regras... Esse ano fizemos as regras ilustradas. Eu escrevi e eles ilustraram com desenhos e recorte-

colagem. Sempre que o aluno faz aquela coisa que não podia, eu vou lá e mostro: “olha só, a gente combinou que não pode fazer isso”. Eu procuro também falar firme, porque tem crianças que, essa é uma dificuldade que estou vendo, a mãe costuma fazer muito dengo, deixa fazer o que quer e isso prejudica muito. E quando a criança chega na sala, quer agir da mesma forma que age em casa. Então eu procuro falar firme mesmo. Na hora de dar carinho dou carinho, mas na hora de falar sério eu também falo. Eu não sou de estar fazendo muito dengo porque estimula a criança a ser muito dependente, muito dengosa e ela nunca vai amadurecer dessa forma. Então eu procuro passar a responsabilidade pra eles. É dessa forma que eu trabalho.

5) Eu ia mesmo fazer essa pergunta “Quais são as dificuldades encontradas?”. E tem mais alguma que você está lembrando?

Essa sim, é a mais nítida na minha mente que... os pais... Às vezes eu vejo que não é nem problema da criança, às vezes é o próprio pai. Por exemplo: no ano passado, tive uma aluna que chorava muito no período de adaptação. A mãe sempre ia na porta: “mas minha filha, chorando!” e pega no colo. Parece que é o pai que não quer largar o filho e não o filho que não quer largar o pai. Então fica complicado porque eu falo assim: “deixa, porque daqui a pouquinho ela se acalma e pára de chorar”. E acontece isso mesmo: depois que o pai sai, a criança se acalma e pára de chorar. Então eu vejo que a maior dificuldade é o pai aceitar a idéia de que o filho está indo para a escola e tem que deixa-lo. Então, um dos maiores problemas que eu vejo, é lidar com os pais. E nem tanto com as crianças. Porque na medida em que você vai trabalhando as coisas que pode e que não pode, através de histórias, de musiquinha, de conversas, elas vão compreendendo com o tempo. Mas os pais são mais difíceis por serem adultos, e terem um pensamento estabelecido.

6) Dê exemplo de um aluno, para você, sem “limites”.

Um aluno sem limites é justamente aquele que não consegue fazer as coisas, os combinados, no momento certo. Por exemplo: no ano passado nós fazíamos o roteiro no quadro: 1º a roda de leitura, depois atividade dirigida, depois o lanche, depois a brincadeira. Então, tinha que seguir aquelas etapas. Então, um aluno sem limite é aquele que, de repente foge um pouco e nunca aceita. Não que ele não tenha direito de não estar interessado naquilo. Acontecer isso uma vez ou outra tudo bem. Mas aquele aluno que constantemente não consegue se concentrar nas atividades. Ao mesmo tempo que está na roda de leitura, ele quer pegar um brinquedo. Está brincando e larga, já quer fazer outra coisa. O aluno também agressivo, que acha que pode bater nos colegas. Aquele aluno que quando quer uma coisa, você explica que não pode naquele momento e ele quer porque

quer, fazendo aquela birra. Fala pra não fazer uma coisa, explica o porquê e a criança vai lá e faz. Eu tenho até uma aluna que ela é assim. Se eu falo: “olha, não mexe nisso”, ela vai lá e mexe. Então, pra mim, aluno sem limite é um aluno que tem essa dificuldade de atender às regras.

7) Para você, o que representam “limites”?

Hum, difícil... Fazer uma definição... deixa eu ver... Limites... Pra mim, limites têm muito a ver com respeito. É a pessoa ter consciência de ver até onde pode ir. Então, até aqui eu posso agir dessa forma, porque não vou estar prejudicando ninguém, nem a mim mesmo. Então, ter limites é isso: ter consciência do que pode ou não fazer, do que é certo, do que é errado.

Professora 213

Data: 20/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

É importante porque muitos alunos não têm esses limites em casa. Então chegam na escola pensando que a escola é continuidade da casa deles e que eles podem fazer tudo o que eles fazem em casa. Então, se a gente na escola não tomar determinada posição, não impor determinados limites, a gente realmente não consegue controlar a turma.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Deve vir a hierarquia. Tem o limite do professor. Agora, tem o limite também da escola, há toda uma hierarquia. É o professor, aí determinadas situações que já não cabe mais ao professor, já é a escola que tem que intervir.

3) Como envolver a família nesse atendimento?

Acredito que chamando a família, conversando com a família. Infelizmente muitos não comparecem e quem deveria comparecer não comparece. Mas eu acredito que a escola tenha meios de fazer isso, de convocar a família, de impor. Porque muitas vezes você manda um bilhete “só entra com o responsável”, aí o responsável não aparece e a criança entra. Então, não é assim. Não, só entra com o responsável? Um dia, o responsável vai aparecer. Então, acho que é mais ou menos por aí.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

Esse ano eu estou com uma turma bem difícil, bem complicada. Pensei que já tivesse visto de tudo na minha vida, mas desse ano ainda não vi. Então, é complicado. Complicado porque eu estou tentando impor os limites agora, numa turma de 3ª série. Então, quando você já vem impondo, já tem uma integridade entre professor e escola em relação aos limites, desde um período, desde a pré-escola, da educação infantil e atuando juntos, acredito que seja bem mais fácil deles chegarem numa turma mais elevada tendo limites. Mas quando você pega uma turma, por exemplo, já está na 3ª série, já tem a mentalidade deles, a maturidade. Eles já estão mais ou menos já formados. Eles já têm uma bagagem. Tanto escolar, anterior, quanto família. Então, pra você pegar e impor os limites agora, não é uma coisa que se consegue assim, de uma hora pra outra. E como que eu estou trabalhando isso com eles? Estou tentando colocar a necessidade do respeito ao

colega. Porque muito da falta de limites ocorre a falta de respeito, a falta de educação. Está acabando com a sala enquanto você está conversando. Brigando com o colega, discutindo. E eu tenho feito uma certa pressão até em relação à escola, porque são determinadas coisas que eu não posso sozinha agir. Então, a orientadora educacional já está trabalhando junto, a OP também está trabalhando junto. Eu acredito que até o final do ano, a gente consiga algum resultado. Alguns pais já foram convocados, outros que não compareceram já foram feitos relatórios e enviados ao Conselho Tutelar, da necessidade da presença desses pais aqui pra gente ter uma conversa com eles pra saber o que está acontecendo. Porque não é pegar o aluno e jogar na escola e pronto, acabou. Não tomar consciência da situação. Porque a falta de respeito é um agravante muito sério. Então, eu estou tentando fazer isso, porque minha autoridade também tem um limite. A gente também tem um limite. A nossa autoridade também tem um limite. Por isso eu falei anteriormente que muitas coisas, nós, como professores, não podemos fazer, a gente depende da escola pra ter um respaldo.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

A falta de respeito e a falta de educação, o abuso. Eles agem como se fossem os donos do pedaço. Eles podem tudo e eu estou aqui não como uma professora pra ajudar na educação, ajudar no ensino. Eu estou aqui pra servi-los de qualquer maneira, pra qualquer outra finalidade: pra deixar ir ao banheiro, pra não deixar sem merenda, pra deixar beber água, pra deixar brigar, pra deixar fazer tudo, brincar, menos exercer a minha função de professora, de educadora, menos isso.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

(...) totalmente sem limites? (...) Esse aluno seria agitado, agiria com falta de respeito com os colegas, tanto com os professores, funcionários. Ele seria brigão, aquele aluno que só de olhar pra ele, já está: “que que foi, que que é, que que ta acontecendo?”, partindo pra briga. Só ele tem que ser respeitado, só a vontade dele que basta, os outros não. Acho que é um aluno completamente sem limites.

7) Para você, o que representam “limites”?

Limites acho que é necessidade. Acredito que seja necessidade de você saber até onde pode ir. Até onde eu posso ir. Daqui pra lá já não posso mais, eu já estou desrespeitando alguém, já estou agredindo alguém. Já estou fazendo alguma coisa que não está só me prejudicando, mas está prejudicando outro também. E também me prejudicando. Importante colocar, que a falta de limite também, muitas vezes, não prejudica o outro. Às vezes prejudica só aquele, só o próprio indivíduo. Mas geralmente

leva a prejudicar alguém, porque ele vai brigar, vai agir com falta de respeito, vai agredir verbalmente. Então, o limite seria a falta de regras, de saber até onde ele pode ir, saber o âmbito, o espaço dele: isso aqui eu posso fazer, isso aqui eu não posso fazer. E respeitar isso. Porque eles até têm noção. O incrível é que eles sabem que agem errado. Eles sabem que não é legal. Alguns sabem que não é legal. Outros não, outros, se você perguntar: “pôxa, é legal fazer isso com o colega?”, “é legal sim”. Muitos dizem que é legal. Mas a maioria reconhece que não é. Então, o limite impõe situações bem complicadas de se trabalhar. E só uma pessoa não tem condições disso. Acredito que pra trabalhar o limite, deve ser feita uma integração mesmo entre todos os funcionários da escola: inspetor... saber o que está acontecendo, junto ao professor. Pra não ficar aquilo: “mas fulaninho, comigo, não age assim. Como é que age assim com você?”. Porque, às vezes é um problema que vem de família, algum problema pelo qual o aluno está passando, a gente às vezes fica sem saber. Se não houver essa integração e a vontade de agir. Porque acho que o deixar pra lá não vai levar a lugar nenhum, “ah, ele ta com problema, vamos deixar, vamos esperar, vamos ver”. Não. Acho que tem que agir mesmo, porque se deixar acontece o que está acontecendo com a minha turma. Estoura a bomba na 3ª série, porque vai deixando, vai passando. “Não é assim, vai melhorar, vai passar”. Não, depois que cresceu já era.

Professora 214

Data: 20/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

Porque organiza a turma, porque a gente consegue negociar regras que são da escola e são regras que a gente combina na sala. A gente consegue organizar tarefas na sala. A gente consegue ouvir o que eles têm pra falar, tudo na base da negociação.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Alguns já são estabelecidos pela escola. E outros a gente negocia a partir de questões na sala, que são conversadas, que são vistas. Uma briga que aconteceu durante a aula, então a gente vai conversar sobre aquilo que aconteceu. O que eles acharam. Então pode ser mais uma regra da nossa sala. As regras da turma podem ser negociadas durante o ano. Então tem as desde o início do ano que são fixas e as outras que podem ir aparecendo durante o ano.

3) Como envolver a família nesse trabalho?

Algumas vezes eu passo as regras que foram combinadas na turma, na agenda para os pais estarem sabendo o que a gente combina. Então, o pai também pode cobrar isso em casa: “você tá fazendo isso, desse jeito?”. Então, o pai precisa estar colaborando com o que a gente está trabalhando na escola. Assim, forma a parceria com o que a gente está trabalhando, informando aos pais também. Porque eles têm as regras de casa e as regras da escola. Então, como eles vão saber as regras da escola se a gente não passa pra eles.

4) De que modo trabalhar com esse assunto na escola?

Primeiro a gente levanta na sala o que a gente pode ou não fazer. E aí a gente vai fazendo uma listagem com eles. Essa listagem, algumas vezes eu vou interferindo. Tem algumas coisas que são básicas, que eles falam sempre: não pode brigar, não pode xingar, não pode bater. Mas tem outras coisas que eu vou interferindo: “você pode sair da sala na hora que você quiser? Ou você precisa falar com alguém?”. Eles vão se organizando com algumas regras que eu também quero que eles coloquem no nosso relatório. Então, “no refeitório você pega a sua comida e depois guarda o prato ou você tira a comida?”. Eles vão organizando algumas regras que já são trabalhadas durante outras aulas, e outras que eu também vou querendo de acordo com minha interferência.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

A dificuldade maior acho que é... não é nem uma dificuldade, eu acho que seria investir mais nisso. Estar sempre trabalhando com limites. Limites, algumas vezes a gente fala assim: vai ter que cumprir o limite. Eles falam: “se eu não cumprir acontece o quê?”. Então a gente, esse ano, vem procurando pensar que algumas vezes eles vão ter que pensar em algumas “punições”, assim dizendo. Então, o que sentou a aula inteira, fez as tarefas, vai ter as mesmas coisas que aquele que andou a sala toda, que brincou? Então, essa é a dificuldade: essa organização com eles, que eles precisam ter. Estarem sabendo as regras, estarem sabendo cumprir essas regras. Então essa é a dificuldade maior.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

Um aluno sem limites testa os limites o tempo inteiro. Não atende a censura. Quando ele está testando os limites, tem que falar várias vezes com ele. Ele não atende na primeira vez. Algumas vezes você precisa ir perto dele, orientar: “não, volta aqui porque você precisa fazer outra coisa”. Ir buscar esse aluno o tempo todo. Chamar por esse aluno o tempo todo porque ele está sempre testando o que ele pode fazer.

7) Para você, o que representam “limites”?

Limites? Limites é... É organização, é uma necessidade na sala pra você fazer alguma coisa, pra você fazer uma tarefa com eles. Pra você conseguir que eles se organizem em grupo ou numa atividade individual. Limite também pode ser, pra mim, como cumprir regras estabelecidas ou que a gente combina.

Professora 215

Data: 20/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

Muitíssimo. Porque, se não houver limites não há como a gente dar aula. Sem o limite como é que a gente vai conseguir regras que tem que ser cumpridas. A gente encontra limites em tudo na vida, na sociedade. A gente tem que respeitar hierarquia. Se não começar pela escola, vai começar quando? Quando já estiver adulto? Então eles não vão ter meios, tem que ter um hábito. Tem que partir lá do comezinho do GI; antes, na casa deles pra ir depois... É importantíssimo, é fundamental.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Acho que não tem assim: a professora estabelece limites e eles cumprem. Então a gente faz no começo do ano: faz aquela roda, falando o que é certo, o que é errado. Apesar de que muitos dos que falaram que é errado, não devemos fazer, muitas vezes são os que fazem. Mas acho que eles têm aquela consciência do que é certo, é errado. É como falei: é um hábito mesmo, de falar sobre limites. Estar sempre voltando naquelas regras que a gente faz. Não tem assim: eu estabeleço os limites e você cumpre. É uma roda que a gente faz, cada um vai falando, a gente vai escrevendo e depois a gente vai apelando para que se cumpra.

3) Como envolver a família nesse atendimento?

Isso aí, olha, eu fiquei decepcionada em relação à responsabilidade que põe em cima da gente. No meu primeiro ano aqui, uma mãe de uma aluna chegou e mandou um recado pra mim: “tia, deixa fulaninho sem recreio uma semana porque ele desobedeceu a avó”. O que que eu tenho a ver que ele desobedeceu as regras da casa dele? Tudo bem: “ah, tia, conversa com fulaninho porque ele desobedeceu”. Ótimo! Agora eu deixar meu aluno sem recreio porque ele fez alguma coisa de errado na casa dele? Quem está educando na casa: eu, a mãe? Eu passo 4 horas com o aluno. Aí eu fiquei: gente! Como é que pode! A família está colocando tudo em cima do professor, que ele se vire. No caso, eu conversei: “poxa, não acho certo eu castiga-lo por uma coisa que ele... na sala é um aluno nota 10. Se ele fez isso, você tem que conversar com ele, botar os limites”. Não botar tudo em cima da professora.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

Eu estou sempre conversando: “fulano de tal...”. Nem boto muito nome, não: “um aluno fez isso, isso, isso. O que vocês acham? Ta certo, ta errado? O que a gente deve fazer com esse aluno? Será que deixa sem recreio?”. Aí uns falam: “deixa sem recreio uma semana!”, que são os mais danadinhos. Outros: “não, tia, dá mais uma chance!”. Sempre em forma de diálogo mesmo.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

Estão muito sem limites, as crianças! Às vezes eu paro e “gente, acho que não vou conseguir. Não tem como eu colocar limite nesse aluno!”. Sai sem pedir, eu estou lá com se fosse transparente pra ele. Ele passa por mim na porta, sai e entra. Estou falando de um especificamente. Sai, entra, pega a mochila e vai embora. Eu falo, mando bilhete na caderneta. Os pais não estão nem aí. E eu realmente... tem hora que me deparo com situações que não tenho mais pra onde correr. Entreguei o caso pra secretaria, à diretora, pra coordenadora e eu não vejo saída pra esse determinado aluno. Então tem horas que eu paro: “eu não vou conseguir, eu não tenho jeito”. Eu já tentei carinho, beijo, abraço. Por mais que seja difícil, na hora do vulcão dentro de mim, porque tem horas que a gente não agüenta, “eu vou abraçar, vou beijar e ele vai melhorar”. Abraço, beijo, melhora um minuto. Naquele momento, estou abraçando, estou beijando, está ali, está gostoso, mas depois... esquece. Já tentei carinho, não deu certo, “então vou tentar dureza”. Ignorei a aula inteira, não deu certo. “Vou conquistar em forma de ajudante do dia”, não deu certo. “Vou trazer coisa relacionada ao que ele gosta”, não deu certo. Tem hora que me deparo e vejo que não tem saída. Aí você vai procurar a história do aluno, pai abandonou, a mãe é alcoólatra. Acho que é um problema muito mais complexo do que a gente mesmo possa imaginar.

6) Dê exemplo de um aluno, para você, sem “limites”.

Ih, acabei de falar! Acabei de falar. Já tive muitos. Já tive aluno que me deu pontapé, chute, até coice, Deus que me perdoe! Eu com 7 meses de barriga, foi um dos motivos que eu tive que sair de licença, por causa de tanta agressividade. E alunos de 8 anos, muitos sem limites. E outros que jogavam cadeira em cima, que rogavam praga. Viam que comigo não adiantava, tudo que fazia comigo não me abalava e aí começou a atacar o que no momento era mais sensível: meu neném. Então, rogava praga pro meu neném nascer assim ou assado. E nessa hora eu desmoronava. Desmoronava. Muitas

vezes eu chorei perante esse aluno. E saía. Já tive aluno que me cercou lá embaixo, jogou a mochila no chão, me atacou como se eu fosse um pivetezinho. Já teve guarda municipal dentro da minha sala pra pegar esse aluno, o Conselho Tutelar. É o meu terceiro ano de trabalho e já tive alunos, nesses 3 anos, que realmente me deu vontade de sair correndo sem olhar pra trás. Alunos me ameaçando: “olha, você não sabe com quem eu... eu sou criança, mas você não sabe com quem eu ando. Minha galerinha é da pesada. Fulaninho já foi preso!”. Ameaça mesmo, de fazer ponta no lápis com estilete perto do meu pescoço – isso foi no ano passado - perto do meu pescoço. Eu sentia medo desse aluno. No começo tentei botar limite nele, mas depois chegou um ponto que eu deixei fazer o que ele quisesse, porque eu tinha medo. Quando chega o ponto em que o professor tem medo é porque o negócio está...

7) Para você, o que representam “limites”?

O que é limite? Eu acho que limite é a gente... o que é limite... O que é limite? É estabelecer regras mesmo, é convívio em sociedade. Eu não posso fazer o que eu quero porque sou dono do meu nariz. Tenho que respeitar o indivíduo, respeitar meu amigo, meu pai. Ou então até uma pessoa mais nova que eu, não tem porque... Na sala tem muito disso: “você não me manda porque você não é minha mãe”, “nossa! Eu não sou sua mãe, mas aqui estou representando sua mãe. Ela confiou você a mim. Não tem como não dizer pra você ‘desce daí senão você vai cair’. Já pensou? Você não me obedecer, não desce, você cai, a gente vai pro hospital”. Então limites mesmo representam, pra mim, o respeitar, é botar na cabeça da criança ou de qualquer pessoa que a gente está numa sociedade que um precisa do outro. Se não houver essas regras, esses limites, ia ser uma bagunça, não ia dar certo. Muitas vezes eles não gostam de ficar na fila, passa na frente do outro. Eu falei: “gente, eu tenho x anos, tenho filho, já sou velha” - digo assim, “eu sou velha” – “chego na fila do banco atrasada, com filho no colo muitas vezes, eu tenho que ficar na fila! Não posso empurrar o que está na minha frente pra tomar a frente. Se vocês empurram os seus amigos na frente da fila, como é que vai ser quando estiverem adultos? Vão bater nos que estão na frente pra passar na frente?”, “não, tia, claro que não”, “então, porque que aqui na sala de aula vocês querem bater pra ficar na frente?”. Estou sempre botando que o limite que eu dou na sala de aula é pra vida, não pra ficar em sala de aula. É ensiná-los a ter essa idéia de limites, de respeito. É sempre assim que eu trabalho limites.

Professora 216

Data: 12/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

Importante acredito que seja. Porque sem limites como vai ficar? Acho que tudo tem que ter limites, como agir, como seguir. E... Limite é um modo de respeito. Respeitar o próximo, que está junto. Agora, colocar limites é importante porque senão o que fazer? O que seguir? Por onde andar? Acho que tem que ter uma direção. Não seriam, os limites?

2) Quem deve estabelecer os limites?

Acho que o professor não coloca sozinho. Limites seria uma coisa combinada, se chegar a uma conclusão, para o andamento das atividades, do que seja. Pra desenvolver de forma legal. De que forma tem que agir... Aí, fazendo o combinado. Aí seria, no caso, com as pessoas envolvidas nessas regras.

Quem são essas pessoas?

Na escola, professor junto com os alunos.

3) Como envolver a família nesse trabalho?

Eu acho que, na escola, o professor, combinando regras com os alunos de como agir, de como... de conduta mesmo, em casa também tem que a mãe, o pai, os filhos também terem limites em casa. Se ele for solto totalmente em casa, vamos supor: faz o que quer, na hora que quer, não sei. Aí, por que agir diferente na escola? Acho que em casa também tem (...) que dar responsabilidade, que ele pode e o que não pode. Limitar mesmo as ações dele. Acho que limites diz: limitar as ações da criança. Também não pode deixar correr solto.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

No início do ano, logo é feito um quadro dos combinados. Até faço assim pra eles que são de pré-escolar... esse ano... Combinamos assim: nota 10 e nota 0, legal e não legal. Aí associam: “nota 10”. Fica lá no quadro: legal e não legal. Gostaram mais do que eu falo: “ó, nota 10”, “não, você tá nota 0”. Então, a gente especifica lá, junto com eles: “é legal fazer isso?”, “não”, “aluno nota 10, como é? Faz o quê?”. É feito um quadro com eles. Estou sempre voltando lá, quando eles fazem alguma coisa assim, por exemplo: fazendo uma rodinha e quero que todos fiquem sentados, me ouvindo. Aí tem aquele que, no dia, está agitado, vou lá nesse quadro: “como que tá...”, aí cito nome, “como que tá o

amiguinho? como que ele tá, tá nota 10, nota 0? Vamos encontrar aqui”. Então, através desse quadro que é feito no início do ano, mas que sempre estamos retornando a essas regras combinadas pra que eles lembrem das atitudes certas, combinadas, porque são as certas e as que atrapalham.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

Dentro de sala, o número de aluno é muito grande, porque são crianças pequenas, dependentes em muita coisa. Esse ano: 26 alunos. E quer dizer... é difícil. É difícil lidar? O número de alunos atrapalha. E se em casa não tem o que seguir, uma regra, um combinado, pode tudo, faz de tudo; aí na escola também quer agir assim. Então, você tem que ficar ali, pra você manter o limite, os combinados acontecerem. Pra desenvolver legal dentro de sala é difícil. Tempo todo volta lá, vem cá, avisa: “ó, não tá agindo assim. Isso não foi combinado?”. Acho que a dificuldade maior do número de alunos que é grande e que fica na escola 4 horas. Então em casa tem muito mais... Fora disso...

6) Dê exemplo de um aluno, para você, sem “limites”.

Sem limites? Exemplo de um aluno, citar um aluno sem limites... eu digo que é um aluno que não queira respeitar os combinados da escola. Seria?

É um exemplo, o que você acha.

Acho que seria sim, porque a gente combina uma coisa e nisso que ele foge desse combinado, é um aluno que não quer agir conforme o que foi estabelecido. Ele foge, ele quer ser... fora de limites.

7) Para você, o que representam “limites”?

Venho falando disso lá do início: são... tipo assim... Limites: as regras combinadas? Que posso e o que não posso? Onde até eu devo ir? Acho que a criança saber o que ela pode fazer, porque nem tudo ela pode. Ela deve conhecer até onde ela deve chegar. O porquê também de não fazer aqueles combinados, aquilo que foi estabelecido lá. Por quê? Porque vai atrapalhar. Como? Será que respondi?

Professora 217

Data: 12/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

Imprescindível. Eu acho que eu sou o limite em pessoa. Eu acho o seguinte: nada funciona sem regras, normas, não adianta. É em casa, é na escola. Eu acho que, se a escola não tivesse ficado assim tão à vontade quanto ela ficou, o educador seria tão respeitado quanto era antigamente; o coordenador... todos os funcionários. Eu acho que hoje o aluno vem pra escola buscar o que ele não tem em casa. Quando ele chega na escola e encontra uma escola que deixa ele fazer tudo, ele não se encontra ali. Pelo menos é essa a experiência que eu estou vivendo no momento, estar com adolescente e criança pequena, criança na faixa etária de 6 anos, é que tenho observado muito isso. O aluno vem pra escola buscar o que não tem em casa: atenção, afeto, alguém que me ouça, e alguém que me diga: “não, eu não posso”. Eu acho que é por aí.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Dentro de uma escola, quem deve estabelecer... A escola já funciona com um monte de regras. Mas, por exemplo, na sala de aula eu trabalho muito, eu trabalho com alfabetização, os combinados. Quais são as regras da turma. O que que a gente pode ou o que a gente não pode. O que a gente deve e o que a gente não deve. E se a gente não cumprir com aquilo que a gente não deve fazer, o que que acontece? Eles também é que decidem: “ó, o nome vai pra caixinha, não participa do pic-nic no final do mês”. Porque todo mês tem o pic-nic. Vai merendar na sala. Não vai pra recreação, jogar bola. Ou então desce pra recreação, mas fica assistindo à brincadeira, não pode participar da brincadeira. São eles que decidem. Já os adolescentes têm um monte de regras que a escola estabelece. Mas eu, eu faço assim: eu vou pra sala: “olha, hoje faltou um professor”, um exemplo, “a atividade está aqui”. Depois que a atividade tiver toda copiada, todo mundo fez, sem que a escola tenha problema nenhum de indisciplina, de aluno no corredor, de banheiro toda hora, vocês são liberados pra descer com o inspetor, levam o rádio e vão ouvir música lá embaixo. Então não tem... Você vê que diante da necessidade, a escola funciona sem professor. No sentido assim: se professor precisou faltar, ele manda a atividade. A 7ª série está sem professor, você pode ver, estão todos copiando, toda a turma.

3) Como envolver a família nesse trabalho?

Uma vez eu ouvi uma coisa que eu sempre falo isso: que reunião de pais não tinha que ser informativa, ela tinha que ser formativa. Foi a coisa que mais mexeu comigo.

Porque toda reunião de pais, quando a gente, seja eu como pai ou como funcionário, é sempre aquela coisa: informar disso, informar daquilo e falar da vida do aluno disso, falar do aluno... essa coisa assim. Quando eu ouvi isso, eu fiquei pensando, tinha que ser mesmo uma questão de formação. Você trocar com o pai, “quais são as dificuldades que você está tendo em casa?” porque isso acontece. “onde você acha que, de repente, você tá deixando a desejar com o seu filho, ou você acha que não deixa a desejar em nada com seu filho?” ou “tem alguma coisa do seu filho que te incomoda, porque você queria que ele fizesse de forma diferente?” Eu acho que seria por esse lado. É uma coisa assim, pra um ano, pra 6 meses? Não. Seria um processo bem longo, que a escola ia ter que começar a desenvolver. Mas eu acho que é o único jeito, se não for... Porque hoje o pai trabalha de 6 da manhã às 8 horas da noite. Ele vai ter tempo? Não tem! Quando chega em casa quer mais é dormir e nem cara de filho ele quer ver. Aí fica tudo pra gente, na escola...

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar? Você falou dos combinados e tem mais alguma forma que você utiliza?

Todo final de aula, todo. Acabei de fazer a atividade de casa, que é a 7ª da pauta, sento na rodinha, que é a rodinha do foi legal e do não foi legal. Que que hoje não foi legal. “Ah, o comportamento de fulano”, “por quê? O que que fulano fez?”, “fez isso, fez isso, fez isso”, “e como é que fulano pode melhorar?”. E todo final de mês chamo a orientadora educacional, que é a S. Ela vem na sala e eles falam pra ela: “olha, fulaninho faltou tantas vezes, fulano não faltou, fulaninho tá com o nome na caixinha tantas vezes, porque fez isso, fez aquilo”. E ela começa a conversar com eles. Todo final de mês. Eu só fecho o mês assim. Chegou dia 31: S.! E na próxima semana ela já vem, pra que eles conversem com ela.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

Acho que a maior dificuldade é você ter uma visão da coisa... porque eu sei que muita coisa mudou. Eu sou uma pessoa que estudo muito, sou adepta ao construtivismo, mas construtivismo não é a coisa solta. Não é faz do jeito que quer. Não foi essa concepção que foi criada. Não que a coisa tenha que ser tradicional, não é isso. Mas a coisa tem que ser assim: isso aqui eu posso fazer, isso aqui eu não posso. Tenho que desde pequeninha ser acostumada a isso. Eu não posso entrar numa sala, bum, entrei. Eu tenho que bater, eu tenho que pedir licença, eu tenho que dizer obrigada, eu tenho que pedir por favor, eu acho que essas coisas têm que ser ditas, desde que são pequeninhos. “Ah, eu vou dizer isso pra um bebê de 1 ano e meio”. Vai, você tem que educar seu filho assim: obrigada, com licença, por favor, desculpa. Eu peço desculpas aos meus filhos, “ah, não

peço desculpa a filho”, “por quê? Você não erra?”. A mesma coisa eu faço com os alunos. Se eu estou certa, vem cá, é isso, isso, isso. Se estou errada, me desculpa por isso, isso, isso. Eu sou muito sincera com eles. “Por que que não vai ter aula?”, “porque o professor foi a uma reunião, porque o professor faltou, porque a filha do professor passou mal...”. Não crio historinha. “porque que eu não posso ir?”, “porque vem de uma ordem assim, assim”, “de onde? Da Secretaria de Educação, acima?”, “é”. É sempre assim, sempre às claras. Não fico inventando historinhas da carochinha. “Ah, não posso falar isso, porque é alfabetização”, “ah, não posso falar isso porque é adolescente”. Não. “Gente, hoje os professores tiveram que faltar porque estão em curso. Então não tem professor nenhum pra ficar com vocês. Mas eles mandaram atividade. Dá pra vocês me ajudarem?”. Um passa o exercício, o outro faz... sem problemas. Não vai um inspetor pra sala. Então isso é por quê? Por que eu sempre os tratei com respeito. Um aluno chega pra mim, me conta coisas sobre sua vida, seus problemas, dificuldades. Acho que tem que ser assim. Tem que ter sinceridade, tem que saber o seguinte: eu não sou maior, nem melhor que eles. Mas eu tenho uma certa autoridade. A minha função me delega isso. Um dia eles vão ter também. “Ah, eles são subordinados a você?”. Não é isso, mas eles me devem satisfação, sim. Do horário que eles passaram desse portão até a saída, é a mim que eles devem satisfação.

6) Dê exemplo de um aluno, para você, sem “limites”.

(...) Aquele aluno que você vai falar e que no lugar de te ouvir, ele te xinga, discute e não te permite falar. Aquele aluno que não pára na sala, que não pára mesmo. Não é que ele seja hiperativo. Ele não quer, não é o momento dele sentar pra fazer as atividades. Então, não consegue parar: “primeiro eu tenho que fazer isso, depois isso, depois isso”. Ele não consegue, quer brincar o tempo todo. Aí vai falar assim: “mas isso não é uma característica de hiperativo?”. Não, depende, se você o leva para um outro ambiente que vai fazer uma brincadeira, aí ele consegue se concentrar. Então o problema dele é aquele dia ou aquele momento, ele não quer fazer aquilo na sala de aula.

7) Para você, o que representam “limites”?

(...) Acho que é o que eu conquistei como coordenadora. Se eu tivesse que algum dia falar assim: “uma experiência com relação a limites”, eu contaria a minha história aqui à tarde.

Como assim? Então me define...

Quando eu entrei aqui à tarde, eu lembro que S., que é orientadora, ela sentou comigo e me falou assim: “nós temos 2 alunas à tarde, G. e F. uma na 6ª e uma na 7ª.

Xingam coordenador, gritam, discute, quebram mesmo. Você tem todo jogo de cintura e, se possível, nem falar com as duas. Elas pintam e bordam com professor. Elas não respeitam ninguém, ninguém. Vêm com a roupa que querem, botam o uniforme pra entrar, na hora que vai descendo a rampa, tiram a blusa e ficam de mini-blusa”. Era uma coisa assim. Aí eu fiquei olhando de longe a F. e a G. Uma pequenininha e a outra enorme. Só que as duas, eu sabia que eram assim... Sabe quando você olha pra alguém e fala assim: “meu Deus do céu...”, sem se encontrar ainda, meio perdidas? Primeiro eu ia pro recreio, conversava com o grupo em que uma estava. Elas começavam a fazer perguntas também e eu falando, aquela coisa toda. Resumindo: esse ano, G. é uma das melhores alunas. G. é elogiada por todos os funcionários da escola, todos. Uma menina que tinha um namorado por mês está com um namorado firme desde o ano passado. Que no dia das mães me deu um cartão que é a coisa mais linda desse mundo. Da coordenadora antiga ter dito pra mim: “X, ela me ameaçou com uma cadeira”, e ela nunca levantou a voz comigo. F. não está na escola, por problemas não comigo, outros tipos de problema. Também não são problemas da escola, problemas dela, particular. Está numa outra escola. Vai na minha casa até hoje, leva as notas, me mostra as notas, me conta a vida, me diz como está. Nunca, o menor palavão que tenha, que exista, que a gente saiba. Eu sou uma pessoa respeitada por elas. Então eu acho que é isso. Porque nunca deixei de acreditar nas duas. E todas as vezes que elas aprontavam, não comigo, mas com qualquer funcionário, eu ia onde elas estivessem e dizia: “não adianta, vocês vão tentar ser ruim, eu vou dizer pra vocês: eu amo vocês, eu acredito em vocês e vocês vão melhorar. Agora, pra melhorar, vocês têm que pensar que isso não é legal por isso, isso, isso. Se você quiser ser vulgar, tudo bem, mas o mundo vai te cobrar. O mundo não vai ter pena de te bater. Aqui dentro da escola, você tá protegida. Você quer ofender X. quer ofender Y., pode ofender. Só que quando você estiver lá fora, não vai ter X. e Y. pra te proteger”. Eu tratava assim, desse jeito. E hoje eu tenho isso. É o maior presente que eu já ganhei na minha vida. Eu falo pra todo mundo. É a tal história assim: “X., você conversa com seus filhos?”, converso; “mas você ouve os seus filhos?”, ouço, é diferente. Engraçado, eu consigo ouvir, eu consigo sentir. É como se fossem transparentes. Eu sei que se hoje está jururu, alguma coisa aconteceu: “vem cá...”. Se faz uma prova, o professor fala assim: “fulano não foi bem, alguma coisa tem”. Eu consigo fazer isso com eles.

Mas, uma definição? Você contou toda...

Uma palavra?

Uma palavra, uma frase...

Pra limites? Eu acho que teria que ser colaboração: da minha parte e da parte do outro. Tem que estar disposto a colaborar. Eles querem que alguém acredite neles. Vem

de casa, chegou aqui, precisam de alguém. Acho que é isso: é colaboração, eu estar disposta e você também. Aí a coisa vai... vai na tua casa, vai com teus filhos, vai com os seus alunos, os seus funcionários. Vai com todo mundo.

Professora 221

Data: 20/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

Primeiro, é importante porque a criança precisa ter esse limite. Na sala de aula, ele precisa saber até onde vai esse limite. Pra mim, na minha sala, eu já trabalho completamente diferente, de repente, de muitos colegas meus. As crianças, na sala de aula, têm horário pra brincar, têm horário de fazer dever, têm horário de prestar atenção quando eu estou falando. Então ele sabe, se ele desrespeitar esse limite, sabe também que eu vou ficar triste e vou dar a punição dele. Então, desde o início do ano, eu já vou colocando para as crianças o que elas podem fazer e o que elas não podem fazer. Eu acho que isso é o limite. Eles sabem até onde eles vão e até onde eles não podem ir.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Na escola, evidente que é o professor. Eu acho que é o professor. Na família, seus pais. Sendo que eu acho que tem que estar de acordo. Por isso é importante que os professores, no caso, eu gosto de conhecer os pais de meus alunos e como eles agem com seus filhos pra poder saber o porquê ele age assim na sala de aula. Porque a gente só ama o aluno quando você conhece. Você conhece a história dele, você ama com mais profundidade. Você não conhece a história dele, você trata como aluno simplesmente. Pra mim, é assim, funciona assim. Então, eu gosto de conhecer a família do aluno pra saber quais os limites que ele estabelece com seu filho. E assim eu sei se ele vai respeitar os limites que a gente dá ou não. E por que ele não respeita, de repente, porque não é passado esse limite em casa. Então família e escola têm que caminhar junto o tempo todo.

3) Como envolver a família nesse atendimento?

Eu envolvo convidando para vir na escola. E, no meu caso, eu dou meu telefone, eles ligam pra mim quando têm dúvidas, quando querem saber alguma coisa de seu filho. Quando eles trabalham fora o dia todo e não têm com vir na escola eu dou essa abertura. Eu, x, dou essa abertura. Então muitos pais dos alunos ligam pra mim à noite, horário mais fácil e eu passo pelo telefone, converso com eles. É claro que eu não consigo isso com todos os alunos. São 37 alunos, eu tenho aluno que não conheço o pai nem a mãe dele. Segundo ano que eu dou aula, por mais que a gente seja aberto, não consegue ainda 100%. Mas eu trabalho assim e convido para vir à escola. Quando eu vejo que o aluno está

diferente, o comportamento mudando, eu chamo pra conversar, pra entender o que está se passando.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

Eu falo o tempo todo, aproveito todas as oportunidades, do conteúdo... Estou colocando pra eles sobre isso. E sempre falo: no recreio vocês têm que estar respeitando igual em sala de aula. Porque infelizmente meus alunos têm um comprometimento muito grande comigo e eu com eles. Então há reclamações deles no recreio. Mas comigo eu não tenho. Porque desde o início do ano eu já uso essa estratégia de comprometimento eu e eles. Cada aluno individual, cada um tem um comprometimento comigo, até mesmo de amor, de amizade, de carinho, de respeito e com isso, eles não querem me desapontar. Porque eles sabem que eu também dou a troca pra eles e eu trabalho o tempo todo falando que eles precisam desse limite na sociedade onde eles vivem. É uma troca constantemente. Pergunta pra eles como eles funcionam na vida deles. Então, qualquer que você perguntar eles vão te responder isso.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

Dificuldade é exatamente a diversidade que se encontram as crianças. Famílias desestruturadas, que hoje mesmo umazinha falou pra mim: “tia, minha mãe ficou noiva”. Falei: “é mesmo?”, “é, porque meu pai tem 9 anos que saiu de casa, quando eu tinha 3 meses de idade. E ele saiu de casa porque ele não gostava de ficar dentro de casa. E minha mãe não podia, minha mãe tinha que ter um marido dentro de casa”. Então, quer dizer, famílias desestruturadas, muitas vezes prejudicam o trabalho da escola. Porque eles não têm isso em casa, eles andam revoltados, traumatizados. É o pai que foi embora, a mãe que teve que trabalhar o dia todo porque passou por necessidades em casa. Então, isso dificulta bastante.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

Eu tenho um aluno sem limite, está difícil colocar limite nele. Ele não respeita o colega de jeito nenhum. Você está falando e ele está continuando com as mesmas brincadeiras que você fala que não são legais, que o colega não está gostando, ele continua fazendo. Ele não tem respeito por você. Então, estou em maio, estou tentando, é aluno novo, até o final o ano ele tem que aprender o que que é isso. Mas eu acho que quando o aluno não tem esses valores em casa, então ele começa a fazer um jogo com você, até onde você vai permitir ele fazer. Então, eu acho que é isso aí: a criança não entender a vida dele, onde ele está inserido, nem na sociedade, nem em casa, nem na escola, nem em lugar

nenhum. Então ele não tem esse limite, ele não sabe o que que é isso, não colocaram pra ele! Ele não sabe o que é obedecer, ele não sabe o que é parar pra fazer. Não aprendeu isso.

7) Para você, o que representam “limites”?

Limites? Difícil! Eu acho que é mais do que obedecer regras. Porque obedecer regras fica mecânico demais. Então está ali: não pode, não pode, não pode; pode, pode, pode. É o que a gente faz com o aluno no início do ano: “que a gente pode fazer e o que a gente não pode fazer. Vamos fazer os nossos compromissos e colocar na parede”. Eu acho que é muito mais que isso aí, porque o limite... Primeira coisa que eu acho, é o respeito que ele tem para com ele e para com o colega. Se ele sabe direitinho o que é respeitar, ele não vai apenas estar cumprindo aquelas regras por cumprir, mas porque ele acha que é super importante na vida dele. Então, limite é muito mais que obedecer regras. É a criança está assimilando a importância de respeitar e ser respeitado.

Professora 231

Data: 19/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

Importante, sim, porque você não pode deixar o aluno fazer o que quer. Nem você também pode fazer o que quer. Senão vai virar bagunça.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Acho que tem que ser tanto a professora, como o pessoal da escola. Em casa também eles têm de ter noção de limites dado pela família.

3) Como envolver a família nesse atendimento?

Eu pergunto a eles sobre a família deles, converso com os pais. Com os irmãos que vão buscá-los na escola, tios. Então, é através da conversa.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

Conversando, chamando a atenção quando eles aprontam. Quando eles fazem uma arte, às vezes eu deixo sem recreio, às vezes eu deixo sem ar livre.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

Quando eles passam dos limites, eu vejo que eles ficam zangados, começam a chorar. Aí pra conversar, eles ficam tristes com a gente. Até voltar, ficam um pouquinho emburrados no canto. Acho difícil. Não é bom deixá-los de castigo, mas eu deixo porque tem... Mas volta logo, não demora muito tempo não.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

Estraga os trabalhos dos outros. Bate, você fala: “não bate”. Isso acontece muito na sala, vai de novo e bate. Começa a chutar a cadeira, porque você chamou a atenção.

7) Para você, o que representam “limites”?

É um modo de não deixar a pessoa... não só o aluno, no geral. Não deixar a pessoa fazer o que quer, que pode acabar fazendo até bobagem. Se ferir ou machucar alguém.

Professora 241

Data: 19/05/2004

1) Para você, colocar limites na escola é importante? Por quê?

Eu acho muito importante porque a criança tem que, desde pequena, saber que pra tudo tem o seu limite. Tudo tem um limite. Ela não pode fazer tudo o que ela quer, do jeito que ela quer. Tem que ter as suas regras. Ela tem que seguir aquelas regrinhas.

2) Quem deve estabelecer os limites?

Na escola tem que ser o professor, com a turma, dentro de sala que tem que colocar. Mas acho que basicamente já tem que vir... as crianças já vêm de casa com seus limites. A partir do momento que a criança começa a aprender alguma coisa desde de casa... Acho que os pais já têm que colocar limites desde cedo nas crianças. Acho que ela já vem de casa com esses limites.

3) Como envolver a família nesse atendimento?

Com reuniões, chamando sempre os pais. Estando sempre em contato e expondo pra eles a situação. Que a criança não basta ter só aqueles limites na escola. Acho que o que é passado na escola tem que ser também utilizado em casa. E conforme em casa também utilizado na escola. Uma coisa puxa sempre a outra.

4) De que modo trabalhar com esse assunto em âmbito escolar?

Eu trabalho sempre com regras e com muita conversa. As regras de tudo o que eles podem e o que não podem fazer em casa, e o que podem e o que não podem fazer em sala de aula, dentro da escola; que são questões de como lidar com os colegas, o que pode fazer e o que não pode. E em casa tem essas regras que a gente costuma colocar lá, sempre falando pra eles sobre essas regras.

5) Quais são as dificuldades encontradas?

As dificuldades... o grupo. Porque são muitas crianças juntas. Tem horas que eles fogem um pouco das regras, porque está todo mundo junto. Então eles querem brincar, eles querem correr. Então, tira um pouco do limite. Eles fogem um pouco das regras. Então, o grupo, quando junta muita criança, nessa parte há um pouco de dificuldade. Mas geralmente a gente está sempre chamando, conversando. Eles param um pouco, pensam um pouco e voltam à regra novamente.

6) Dê exemplo de um aluno, pra você, sem “limites”.

Um exemplo de uma criança sem limites é aquela criança que quer fazer tudo ao mesmo tempo e quando você chama a atenção, sempre acha que ela esta certa: “ah, eu faço isso porque minha mãe deixa”, “ah, se eu não fizer isso eu vou falar pro meu pai”. Está lá fora: “entra!”, “não, eu vou ficar aqui fora porque minha mãe deixa. Eu vou falar com minha mãe, vou falar com meu pai”. Vem sempre com um questionamento quando você chama a atenção. Sempre faz um questionamento. Porque muitas vezes eles fazem as coisas erradas e o pai e a mãe passam a mão na cabeça. Ou muitas vezes deixam, não ligam muito pra aquilo que está fazendo porque se acomoda: “ah, vou deixar fazendo aquilo ali , tá me deixando quieto, eu vou deixar”. Tem o tempo deles. Então muitas vezes nessa parte aí...

7) Para você, o que representam “limites”?

Eu defino limites como tudo aquilo que pode e aquilo que não pode fazer. Eu acho assim: se pode fazer, então a gente dá liberdade pra criança fazer. Agora, se não pode, não pode e ponto final. Não tem essa de não pode, mas se a criança ficar quieta eu vou deixar. Não, não pode. É o não, a palavra já define bem. É o não mesmo. Não pode, não pode. Eu acho que limite é isso: se pode, tudo bem, a gente dá abertura pra criança fazer. Agora, se a palavrinha é não, então tem seu limite: não é não mesmo, ponto final. (...) No momento que você disser sim para o que você diz não, a criança vai ficar totalmente dispersa. Não vai saber quando é sim e quando é não. Então, o limite da criança, você tem que seguir certinho pra poder até ela saber o que é certo e o que é errado.